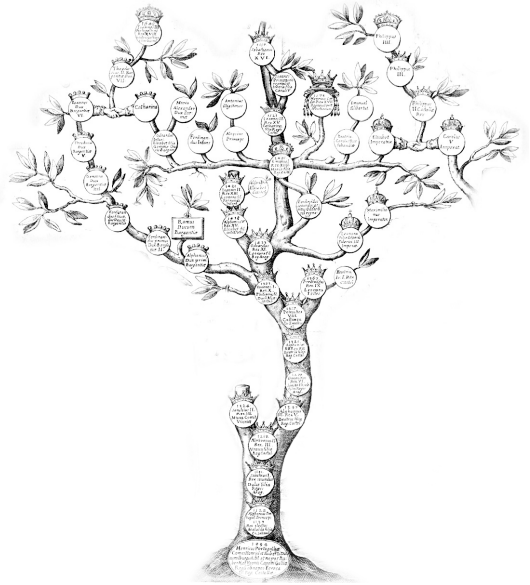
ERA UMA VEZ...

NA CRUZ...

Pesquisa Genealógica



Maria Elizabeth Albuquerque

Era Uma Vez na Cruz.indd 1 6/1/2009 10:49:58

Ficha Técnica

Revisão:
Maria Elizabeth Albuquerque
Capa e arte Final:
José H.S. Albuquerque (Zequinha) ,
Rafael Albuquerque do Nascimento e
Gilberlânio Melo Rios
Impressão e Acabamento:
Expressão Gráfica

FALTA FICHA CATALOGRÁFICA

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização, por escrito, da autora.

1
2
13
14
3
4
15
16
5
6
17
18
7
8
19
20
9
10
21
22
11
12
23
24

Era Uma Vez na Cruz.indd 4 6/1/2009 10:50:01

NOME DAS PESSOAS COM FOTO NA CAPA DO LIVRO

Para que todos possam identificar as pessoas das fotos, que forma a cruz, na capa do livro, inseri uma folha igual, e no canto inferior direito de cada foto um número. A seguir a relação dos números e respectivo nome.

01 – Raimunda Nonata de Vasconcelos (Raimunda do Capim)
02 – Antônia Francisca de Vasconcelos (tia Toinha, irmã da nº 1)
03 – Ezequiel Antônio de Vasconcelos
04 – Geralda Firmo de Vasconcelos – esposa do nº 3
05 - Maria Eugênia de Jesus (do Jenipapeiro)
06 - Raymundo José de Freitas – esposo da nº 5
07 – Macário José de Farias (das Porteiras)
08 – Mª de Sousa Brandão e Antônio Rodrigues Muniz
09 - Raimunda Muniz Albuquerque
10 – Manoel Pinto da Silveira
11 – Raimundo Pinto da Silveira – filho do nº 10
12 – Maria Mendes da Silveira
13 – Úrsula Theotônia de Vasconcelos (do Capim)
14 – Isabel Maria de Vasconcelos (Moura)
15 – Francisco de Araújo Muniz
16 – Ignez Silveira de Araújo – esposa do nº 15
17 – Rosa de Sousa Brandão – esposa do nº 18
18 – Francisco Menezes Albuquerque (Francisco Muniz)
19 – Antônio Muniz Rodrigues (meu tio bisavô)
20 – Justino de Araújo Muniz
21 – José Francisco do Nascimento (Zé Gregório)
22 – Francisca Romana do Nascimento – esposa do nº 20
23 – Hermínia Maria de Vasconcelos – 2ª esposa do nº 24
24 – Joaquim Virgílio de Vasconcelos.

Era Uma Vez na Cruz.indd 6 6/1/2009 10:50:01

AGRADECIMENTOS

A Deus, o Senhor da vida, que me permitiu fazer parte desta história.

Aos meus pais, que me trouxeram a este universo.

A todos os cidadãos e cidadãs cruzenses que me ajudaram a escrever este livro, com as informações que guardaram de suas respectivas famílias e outros dados adicionais trazidos da tradição oral. Agradeço igualmente, áqueles que nada sabiam do passado, mas, gentilmente me escutaram e sugeriram outras pessoas que eventualmente poderiam ajudaram.

Foram tantas as pessoas entrevistadas – na sede do município e arredores: Tucuns, Lagoa Salgada, Pitombeiras, Porteiras, Lagoa de Baixo, Aranaú, etc., que eu não poderia citá-las sem correr o risco de esquecer alguém.

Agradecimento especial:

- à Maria Honorata Carmo, titular do Cartório do 1º Ofício de Acaraú, que me facilitou a pesquisa nos diversos livros dos registros antigos;
- à paróquia de Acaraú e Bispado de Sobral que também disponibilizaram os livros de registros de batizados e casamento;
- e a Sebastião Luiz de Vasconcelos (falecido em 20/08/07), pela importante contribuição de sua pesquisa particular, referente à genealogia da sua família.

Era Uma Vez na Cruz.indd 8 6/1/2009 10:50:02

APRESENTAÇÃO

Buscando a História

Fui em busca da história
E colhi o meu passado
Se o começo foi rude
Não tem nada registrado
São boatos dos mais velhos
De boca em boca passados.

Mais na minha persistência
Muitos rastros coletei
E os boatos colhidos
A páginas escritas somei
Estou apontando o roteiro
Nestes versos que engendrei.

A história só se faz
Ligando o passado ao novo
Os nossos antepassados
São as raízes de um povo
Pesquisando achei a síntese
E neste propósito me movo.

Que valha o meu intento
Termino nesta sextilha
O resto fica por conta
Da minha esforçada filha
Que com sua capacidade
Dá mais detalhes na trilha.

Zeca Muniz

Era Uma Vez na Cruz.indd 10 6/1/2009 10:50:02

Í N D I C E

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL ---- 13
CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES ---- 17
PREFÁCIO ---- 21

01. ORIGEM DO NOME CRUZ ---- 29
02. JOANA CORREIA DA SILVA ---- 37
03. A SESMARIA DE JOANA CORREIA ---- 43
04. CONSTRUÇÃO DA CAPELA ---- 49
05. O TAMARINEIRO ---- 51
06. AS PRIMEIRAS FAMILIAS ---- 55
6.1 OS VASCONCELOS ---- 57
ALEXANDRE JOSE DE VASCONCELOS ---- 69
6.2 FRANCISCO TEIXEIRA PINTO ---- 75
6.3 OS MUNIZ ---- 91
07. OUTRAS FAMILIAS ---- 99
7.1 BRANDÃO ---- 101
7.2 ARAUJO COSTA ---- 105
7.3 FONTELES ---- 113
7.4 VIDAL ---- 119
08. PRIMEIROS PROFESSORES ---- 125
09. HISTORIAS INTERESSANTES ---- 133
9.1 A PEDRA MILAGROSA ---- 135
9.2 PRIMEIRO ACIDENTE DE AUTOMÓVEL ---- 139
9.3 LAGOA DOS MONTEIROS ---- 141
10. ÁRVORE GENEALÓGICA ---- 143
11. BIBLIOGRAFIA ---- 145
12. ANEXOS ---- 147
ANEXO I ---- 149
ANEXO II ---- 163
ANEXO III ---- 175

Era Uma Vez na Cruz.indd 12 6/1/2009 10:50:02

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL

WELLINGTON MUNIZ DE SOUZA nasceu em 22/09/1982, em São Paulo. É filho de Constantino Muniz de Sousa e Maria de Lourdes Oliveira, sendo trineto de Domingos José Rodrigues e Felismina Francisca de Jesus. É aqui que nos encontramos nessa genealogia; mas, na parceria de trabalho o encontro aconteceu por volta de 2001, aproximadamente. Wellington esteve em Cruz, visitando seus parentes e também pesquisando sua linhagem familiar. Por indicação de sua tia chegou ao meu pai que, percebendo o interesse de um garoto de 18 anos pelo passado das famílias locais, falou-lhe do meu trabalho, disse-lhe que eu também morava em São Paulo e que seria interessante a gente trocar idéia. E graças a invenção do telefone, nos encontramos, e trocamos informações. Sua colaboração foi de grande proveito na pesquisa probatória dos registros de pessoas, antes conhecida apenas da tradição oral.

A fonte de pesquisa em questão foram os microfilmes da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Esta Igreja filmou mundo afora, os registros paroquiais e dos cartórios, transformando-os em microfilmes e arquivando-os em sua sede, nos Estados Unidos, podendo ser requisitados e estudados em determinadas condições, aqui explicadas pelo próprio Wellington – via e-mail, respondendo a uma consulta minha sobre a divulgação de suas fontes.

> "Não há problemas na menção aos registros da Igreja. Tenho como conseguir quem fez os microfilmes e períodos. A Igreja investe milhões de dólares neste esforço e ela possui registros microfilmados de Igrejas, Paróquias e outros acervos de qualquer lugar do mundo. O principio é o cuidado dos mórmons pelas tradições familiares e preservação da história. Leva-se dias ou semanas para fotografar cada página de cada livro, é um trabalho muito profissional e que exige muita técnica, pois são manuscritos primitivos, alguns anteriores a 1500, das cúrias portuguesas por exemplo. Os registros são microfilmados e disponíveis ao público em qualquer capela mórmon que possua um centro de

Era Uma Vez na Cruz.indd 13 6/1/2009 10:50:02

história da família, tem um em Sobral, inclusive. Todo o catálogo do acervo está disponível na internet onde as pessoas localizam as regiões e períodos onde querem pesquisar e solicitam os microfilmes que ficam na sede da organização nos EUA. Veja por exemplo o link da internet do site da igreja que leva aos registros antigos paroquiais de Acaraú".

http://www.familysearch.org/Eng/Library/fhlcatalog/supermainframeset.asp?display=titledetails&titleno=1041089&disp=Registros+paroquiais%20%20&columns=*,0,0

Estou inserindo aqui, a título de exemplo, uma mostra do que encontrei no site acima referido. Os demais endereços estão disponíveis na Bibliografia.

Title	Registros paroquiais, 1843-1952
Authors	Igreja Católica. Nossa Senhora da Conceição (Acaraú, Ceará) (Main Author)
Notes	Microfilmagem de originais na Diocese de Sobral.
	Microfilme de redução 42x. Use uma máquina de alta ampliação.
	A cidade de Acaraú é sede do município do mesmo nome.
	Roman Catholic church records of baptisms from Acaraú, Acaraú, Ceará, Brazil. Text in Portuguese.
Subjects	Brazil, Ceará, Acaraú - Church records
Format	Manuscript (On Film)
Language	Portuguese

Era Uma Vez na Cruz.indd 14 6/1/2009 10:50:02

Publication	Salt Lake City, Utah : Filmados pela Sociedade Genealógica de Utah, 2000
Physical	em 6 rolos de microfilme ; 16 mm.

For a printable version of this record click here then click your browser's Print button.

© 2002 Intellectual Reserve, Inc. All rights reserved.

Abaixo colei um resumo dos registros Paroquiais de Acaraú, a partir de 1843. O endereço de acesso é o mesmo, chegando lá é só clicar na palavra "here", em azul, ao final do demonstrativo.

Vale ressaltar que 1843 é a data oficial em que a freguesia de Acaraú foi criada. Todavia existem registros anteriores, provavelmente originários da freguesia de Almofala – a primeira da nossa região. Nicodemos Araújo no livro "Município de Acaraú", fala de um arquivo abrangendo o período de 1712 a 1762, do senhor João Augusto de Castro Moura, referente ao Curato de Caiçara (hoje Sobral). E o Padre Sadoc no livro "Cronologia Sobralense – Vol. 1", (Bibliografia - p. 417) cita, entre suas fontes de informação, Livros de óbitos do Curato de Acaraú, a partir de 1725.

Registros paroquiais, 1843-1952

Authors: Igreja Católica. Nossa Senhora da Conceição (Acaraú, Ceará) (Main Author)

Notes
Microfilmagem de originais na Diocese de Sobral.
Microfilme de redução 42x. Use uma máquina de alta ampliação.
A cidade de Acaraú é sede do município do mesmo nome.
Roman Catholic church records of baptisms from Acaraú, Acaraú, Ceará, Brazil. Text in Portuguese.

Format Manuscript (On Film) Language: Portuguese

Publication: Salt Lake City, Utah : Filmados pela Sociedade Genealógica de Utah, 2000

Physical em 6 rolos de microfilme ; 16 mm.

Era Uma Vez na Cruz.indd 15 6/1/2009 10:50:02

Film Notes - Note - Location [Film]

Batismos 1843-1849, 1851-1862, 1864-1869 - VAULT INTL Film [2124609 Items 5 - 10]
Batismos 1862-1879 - VAULT INTL Film [2124609 Items 11 - 14]
Batismos 1886-1889 - VAULT INTL Film [2244201 Item 1]
Batismos 1879-1886, 1889-1922 - VAULT INTL Film [2244201 Items 2 - 17]
Batismos 1922-1933 - VAULT INTL Film [2244202 Items 1 - 10]
Batismos 1932-1933 - VAULT INTL Film [2244202 Item 11]
Batismos 1932-1937 - VAULT INTL Film [2244202 Items 12 - 16]
Batismos 1937-1948 - VAULT INTL Film [2244203]
Batismos 1948-1951 –
Casamentos 1843-1930 - VAULT INTL Film [2244204 Items 1 - 12]
Casamentos 1927-1936 - VAULT INTL Film [2244204 Items 13 - 14]
Casamentos 1936-1952 -- Óbitos 1854-1884 - VAULT INTL Film [2244205 Items 1 - 5]

© 2002 Intellectual Reserve, Inc. All rights reserved.

É por conta desse trabalho de pesquisa do Wellington, sobre a história da família, que ele é citado freqüentemente neste livro.

Era Uma Vez na Cruz.indd 16 6/1/2009 10:50:02

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Todo livro tem sua história, e este não foge à regra.

A maior parte das informações aqui apresentadas é fruto da memória das antigas famílias que vivificam esta história. Através de entrevistas com seus descendentes e de documentos ou apontamentos fornecidos por alguns deles, e outras pesquisas em documentos antigos do Cartório de Registro Civil, assim como da leitura de alguns livros relativos às regiões circunvizinhas, citados oportunamente, consegui organizar e comprovar, até onde me foi possível, a origem das nossas raízes.

A parte documental nesse caso é muito escassa, limita-se a alguns títulos de eleitores, guardados de lembrança por um ou outro parente, bem como alguma certidão de casamento religioso, que vem comprovar que a pessoa existiu de fato. Juntei, no ANEXO II, um Título de Eleitor da década de trinta, ainda com a fotografia e cópias de certidões de nascimento, casamento e óbito de diversas pessoas, de diferentes famílias, e idade. Meu objetivo é mostrar o trabalho diversificado para comprovar a idade de cada pessoa, assim como seu nome correto e dos seus pais, dando um mínimo de consistência e credibilidade a este trabalho.

E para melhor situar o leitor, em relação a seus descendentes, ofereço os Gráficos de Linhagem que compõem o ANEXO I. Escolhi como "cabeça-de-gráfico" pessoas que possibilitam mostrar o encadeamento do maior número possível de famílias, criando uma mostra representativa das nossas raízes genealógicas.

De volta à pesquisa concluímos que, os registros mais antigos, que fariam boa prova seriam os da Igreja e os do Cartório. Iniciei com os registros de batismo e casamento, mas, os primeiros só registram (ou registrava, naquele tempo) o primeiro nome da criança, de forma

Era Uma Vez na Cruz.indd 17 6/1/2009 10:50:02

que, se eu não soubesse a data de nascimento e o nome de seus pais não poderia identificá-la. Já os registros de casamento informavam apenas os nomes do casal. Juntei cópia da certidão de batismo de Miguel Albano da Silveira, no ANEXO II, antes referido, visando exemplificar a dificuldade apontada, e também para fundamentar outros comentários no decorrer desta nossa história.

Passei então aos registros do Cartório do 1º Ofício da Comarca de Acaraú (titular atual – Maria Honorata Carmo) mais viáveis para o meu trabalho, posto que, uma certidão de nascimento contém: o nome da pessoa, dos seus pais e dos avós maternos e paternos. Isto naturalmente se quem fez o registro tivesse conhecimento desses dados. Naquele tempo, o acesso ao Acaraú não era nada fácil, sendo comum este registro ser feito por algum parente, ou amigo, que ia para lá tratar de assuntos particulares. Em função disso temos muita divergência de nomes e datas, quando comparamos as informações com os respectivos registros. Naquela época, ninguém tinha documento de identificação como temos hoje, com filiação e outros dados, assim, quando o escrivão perguntava o nome dos pais e dos avós da criança – a pessoa encarrega de registrá-la - dizia o nome do seu conhecimento; isto em relação ao pai (e avô), pois a mãe (e avó) era conhecida quase sempre como "a mulher do fulano", no máximo conhecia-se seu primeiro nome.

Outra dificuldade no cruzamento das informações da tradição oral com registros oficiais é que, embora o Cartório de Acaraú tenha começado seus registros a partir de 1889, eles não eram obrigatórios. O que valia na época eram os registros da Igreja – casamento e batizado. O Casamento Civil acontecia entre as pessoas mais esclarecidas, ou em função de herança; ou ainda por algum interesse de ordem legal. O registro dos filhos não era diferente, só era exigido para tirar o título de eleitor e para o casamento civil. E era comum a própria pessoa se registrar na ocasião e, às vezes, a falta de informação era tanta que acontecia não saberem nada a respeito dos avós, ficando em branco o espaço reservado a estes dados. Fora isso, por volta de 1950 ou

Era Uma Vez na Cruz.indd 18 6/1/2009 10:50:02

fins da década de 40, o governo concedeu um abono aos casais com mais de seis filhos, e o registro de nascimento dos filhos era exigido para a concessão do benefício. Deixo de fornecer detalhes sobre o benefício citado, que não faz parte do objeto deste trabalho e por isto não foi pesquisado.

Entendo que seja oportuno registrar, também, o estado em que se encontravam os livros antigos do Cartório, em 2004, quando fiz essa pesquisa. Escritos à pena-tinteiro, estão se desmanchando. Algumas folhas com palavras ou linhas já apagadas pelo tempo, outras parcialmente destruídas pelo cupim. Juntando-se tudo isso à difícil caligrafia da época, o acesso ao seu conteúdo por pessoas não treinadas para seu manuseio é muito difícil. Hoje, 21 de dezembro de 2008, quando preparo este livro para publicação, considero a possibilidade de que Dona Honorata já tenha conseguido informatizar o acervo referido – que é de interesse coletivo. Afinal temos aí um século de registros *(nascimento, casamento, óbito e até inventários),* que não pertencem somente ao Município de Acaraú, mas também, a várias cidades dele desmembradas. Entretanto, se permanecer a situação de 2004 será necessário ajudá-la a informatizar urgente tais registros, enquanto é possível

Era Uma Vez na Cruz.indd 19 6/1/2009 10:50:03

Era Uma Vez na Cruz.indd 20 6/1/2009 10:50:03

PREFÁCIO

Comecei este livro pesquisando minha genealogia, no início da década de noventa, por insistência de meu pai que estava sempre a dizer: os mais velhos vão morrendo e a história vai com eles. Em 1992, aproximadamente, ele me escreveu uma carta e juntou informações sobre a sua descendência e a de minha mãe. Os apontamentos sobre sua genealogia – origem dos Muniz e Brandão – com data de 15/03/1983, ele havia levantado junto a sua mãe, tias e outros familiares, partindo dos seus bisavós. Já os dados sobre a família de minha mãe, um resumo datado de 19/03/1992, era uma contribuição de João Evangelista de Vasconcelos (irmão de minha avó materna), onde ele, *João Lúcio*, relacionou sua descendência – origem dos Vasconcelos – a partir dos seus avós. Na ocasião eu morava em São Paulo e achei tudo muito interessante, mas não cheguei a me empolgar com o assunto. Mesmo assim, guardei a carta com as respectivas informações.

Mais tarde, aproveitando a oportunidade de uma viagem de férias a esta cidade (Cruz), procurei complementar as mencionadas informações, montando gráficos da genealogia de meus pais, a partir de conversa com minhas tias e tios. Assim, descobri com minha madrinha Rita, irmã de minha mãe, cópia das anotações de minha bisavó materna – Raimunda Nonata de Vasconcelos (N.27/05/1868 <> F.06/04/1960), *escritas em 10/05/1938 no Capim,* por seu filho Antônio Carlos de Vasconcelos e continuada ainda por algum tempo, por outro filho – o João Lúcio, citado antes. Este último, também reescreveu parte das primeiras informações, de forma que temos algumas datas divergentes, assim como o sobrenome do avô materno de Raimunda Nonata – Ignácio Manoel de Almeida casado com Maria José de Almeida (dados de Antônio Carlos) e Ignácio

Era Uma Vez na Cruz.indd 21 6/1/2009 10:50:03

Manoel "Sueira" casado com Maria José de Jesus, na informação de João Lúcio, que além da numeração das páginas já em caneta esferográfica, anotou na capa: *"Capim, 29 de outubro de 1948"* e assinou seu nome. Este legado ficou em poder de Úrsula – outra filha de dona "Raimundinha do Capim" – até sua morte. Era uma espécie de caderno: quatro folhas de papel almaço com uma capa de papel madeira, costuradas ao meio com um cordão.

Do mesmo baú, da *Rita Zaquiel*, em outra oportunidade, saiu um romance em versos, de autoria dita desconhecida, que descrevia a origem das famílias de Cruz. Era uma cópia que ela havia conseguido com o Raimundo Gabriel (Raimundo Horácio de Freitas), que por sua vez, teria localizado numa viagem de ônibus e a pessoa que lhe emprestou (para fazer uma cópia), teria dito desconhecer sua origem. Uma história confusa que, mais parecia um conto da carochinha. Recentemente falei sobre isso com o Raimundo Gabriel, e o mistério aumentou ainda mais, pois ele me garantiu que o personagem do ônibus era seu irmão, MANUEL (já falecido), e ele (o Raimundo) não sabia quem era o cidadão que lia o romance no ônibus e emprestou ao Manoel para copiá-lo. Mas lembrou que o "desconhecido cidadão" teria recomendado a devolução do romance ao OSCAR Rodrigues de Souza (também falecido). Tentei confirmar essa história com a viúva do Oscar, mas ela não tinha conhecimento do assunto. Assim permanece o mistério sobre quem cedeu a cópia deste romance, e suas razões para não querer aparecer.

Já o anonimato dos seus autores acabou em 2004, após muita pesquisa, com base nos versos 21, 70, 77 e 79 do tal romance – que faz parte deste livro como ANEXO III. Por agora quero destacar a importância deste achado para a montagem desta genealogia. E também proporcionar-lhes a oportunidade de conhecer este trabalho, um tipo de literatura perfeitamente identificada com a personalidade simples, criativa e alegre da gente que nos precedeu.

Quando ficou pronta a minha árvore genealógica – seis gerações até o ZÉ MUNIZ (José Muniz Rodrigues c.c Maria Antônia), o primeiro Muniz conhecido entre nós, e oito gerações até JOANA CORREIA DA SILVA (c.c Manuel Carlos de Vasconcelos) – percebi

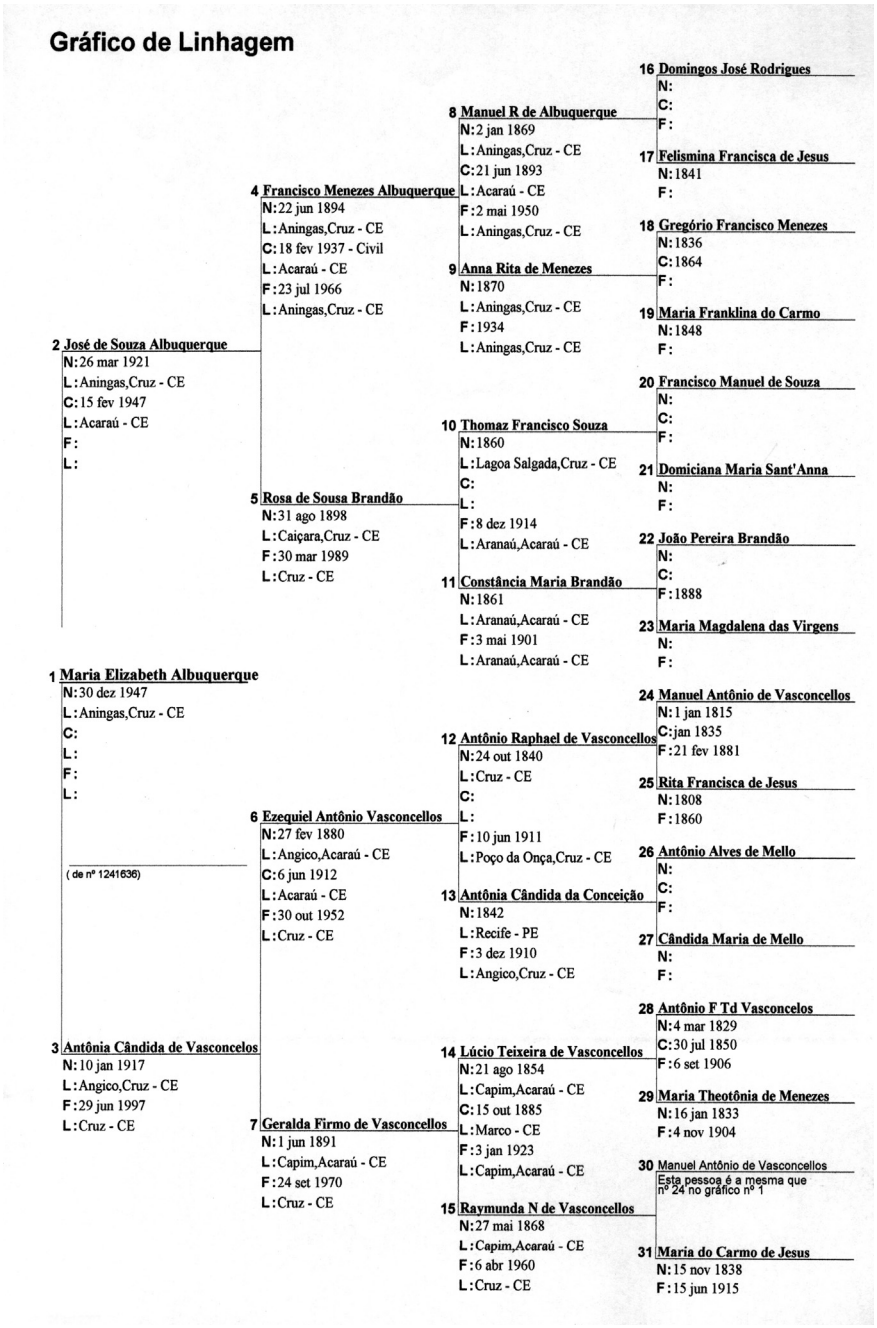
Era Uma Vez na Cruz.indd 22 6/1/2009 10:50:03

que retornando até meus tetravôs, a origem de todas as famílias era basicamente a mesma. **Três troncos**: os Muniz, os Vasconcelos e o conhecido Teixeira Pinto, que deu aos seus filhos diferentes sobrenomes – Menezes, Albuquerque, Cavalcante de Albuquerque, Nascimento, Teixeira Pinto e Silveira. Pelo casamento esses três troncos praticamente se fundiram numa grande família. Podemos constatar isso melhor através dos gráficos da minha genealogia e dos meus pais, anexados ao final deste capítulo.

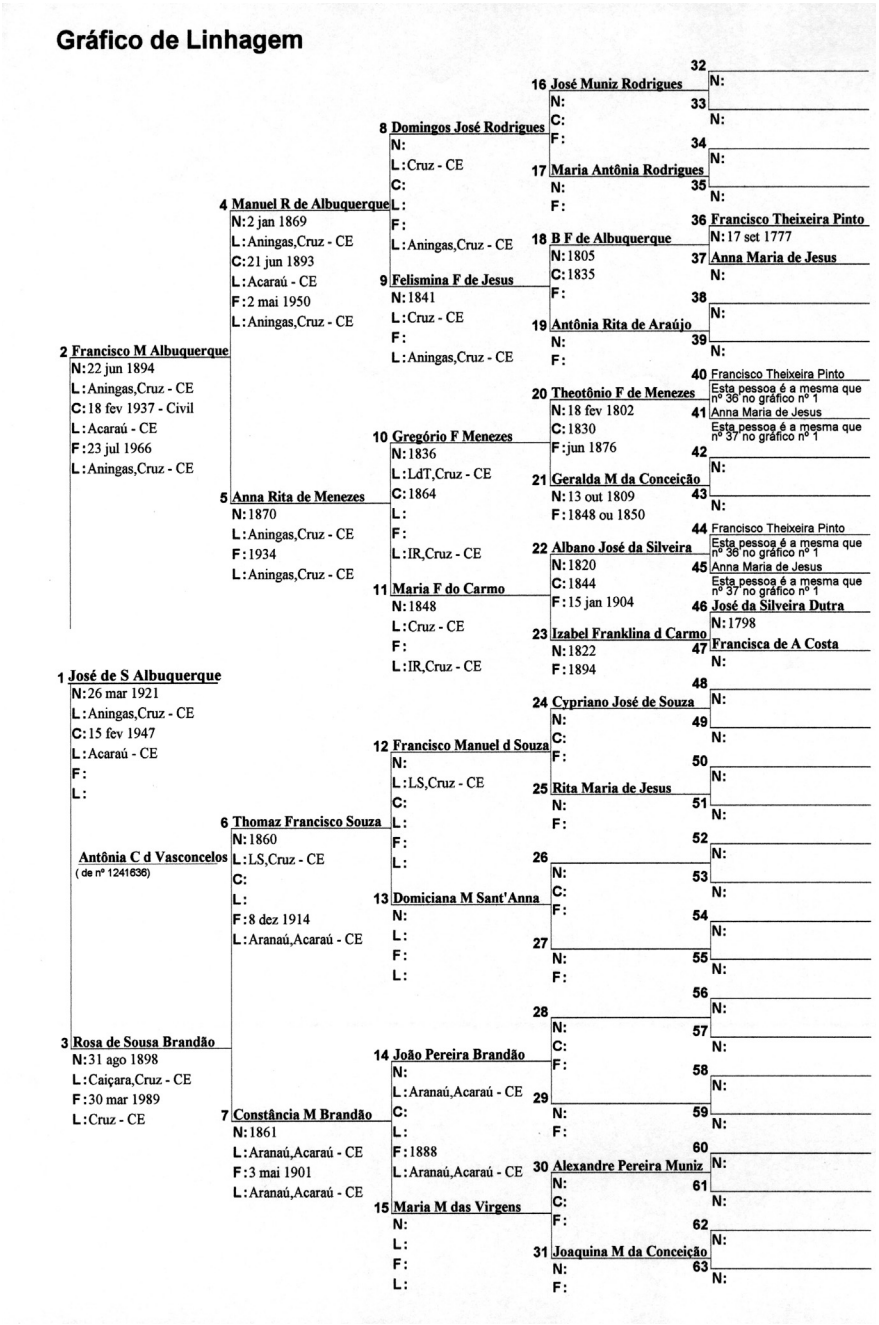
Guardar só para mim, o conhecimento de tantas informações relacionadas aos primeiros habitantes de Cruz? Não seria justo, pensei. Foi então que resolvi expandir meu trabalho transformando-o num livro que abrigaria os registros em foco, disponibilizando-os para as gerações futuras que, eventualmente, se interessem em pesquisar suas origens.

É oportuno registrar, a essa altura, que a tradição oral, embora de fundamental importância na montagem desta história – à falta de documentos históricos suficientes – não escapou de ser desfigurada pela ação do tempo. Assim é que, hoje, mais de 10 anos depois daquela carta, onde meu pai me propunha fazer alguma coisa, apresento à cidade esta síntese da minha pesquisa, sob o título: ERA UMA VEZ NA CRUZ..., porque, quando criança, as histórias que os mais velhos nos contavam sempre começavam assim: "era uma vez...".

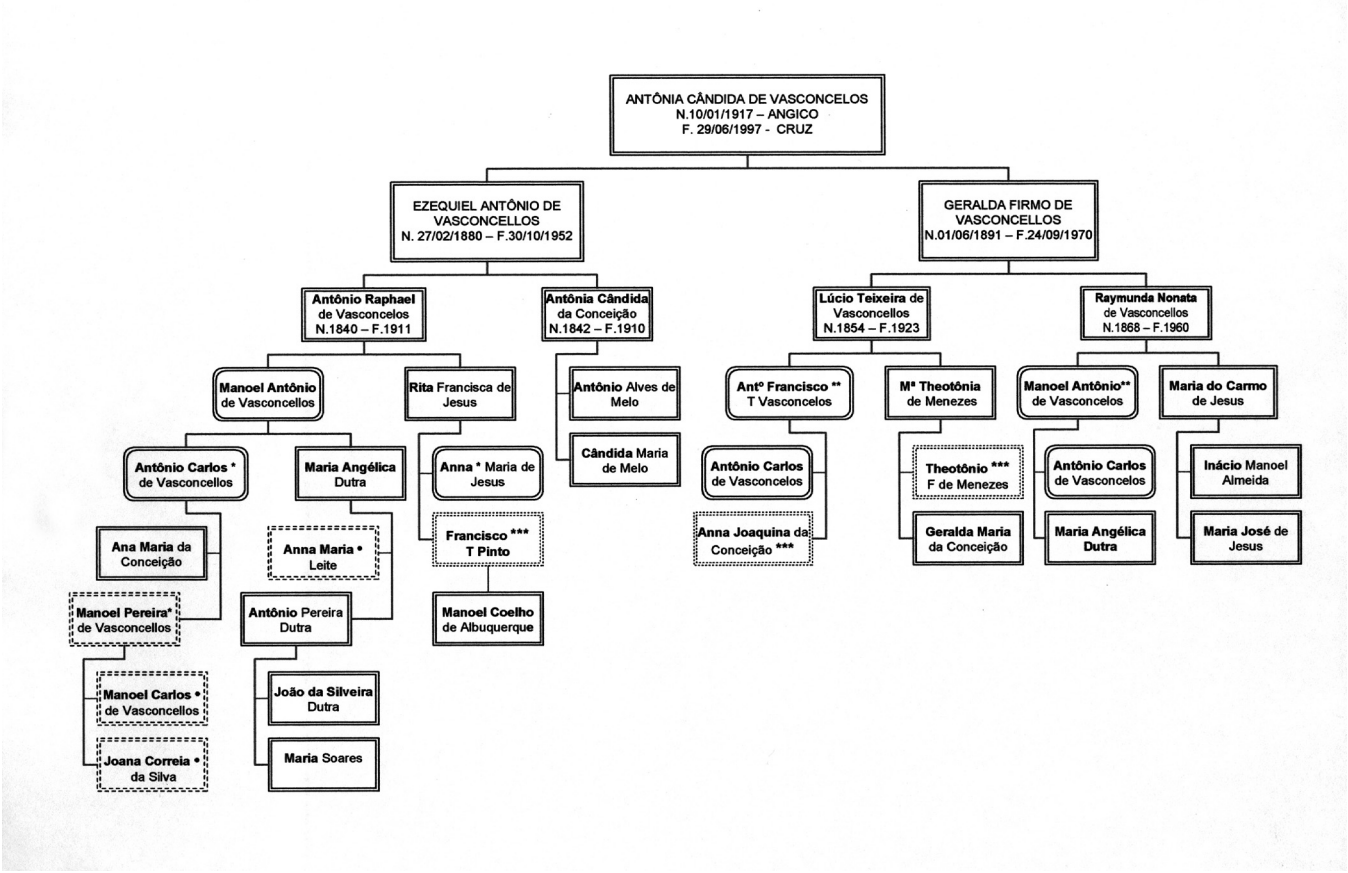
Era Uma Vez na Cruz.indd 23 6/1/2009 10:50:03



Era Uma Vez na Cruz.indd 24 6/1/2009 10:50:03

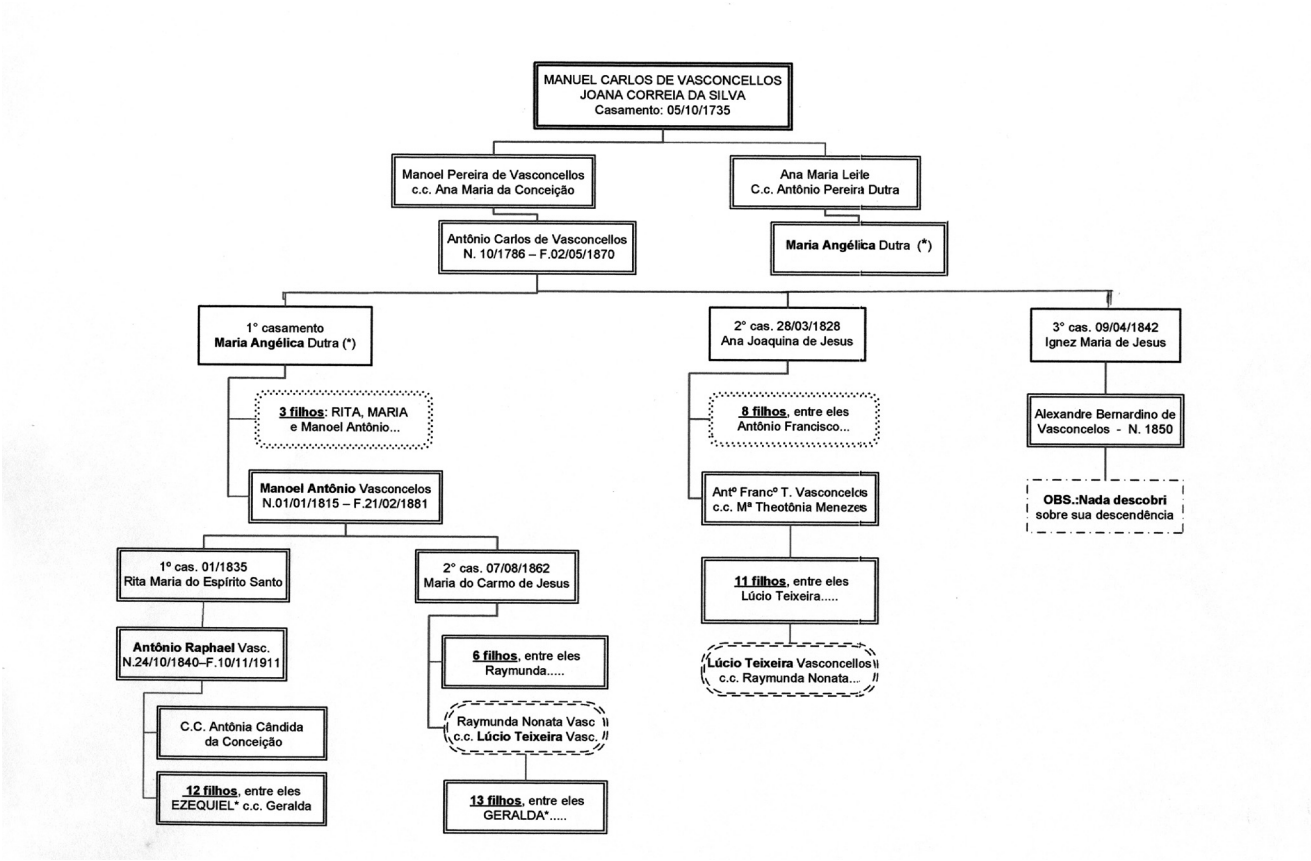


Era Uma Vez na Cruz.indd 25 6/1/2009 10:50:04


ANTÔNIA CÂNDIDA DE VASCONCELOS
N.10/01/1917 – ANGICO
F. 29/06/1997 - CRUZ
EZEQUIEL ANTÔNIO DE VASCONCELLOS
N. 27/02/1880 – F.30/10/1952
GERALDA FIRMO DE VASCONCELLOS
N.01/06/1891 – F.24/09/1970
Antônio Raphael de Vasconcelos N.1840 – F.1911
Antônia Cândida da Conceição N.1842 – F.1910
Lúcio Teixeira de Vasconcellos N.1854 – F.1923
Raymunda Nonata de Vasconcellos N.1868 – F.1960
Manoel Antônio de Vasconcellos
Rita Francisca de Jesus
Antônio Alves de Melo
Antº Francisco ** T Vasconcelos
Mª Theotônia de Menezes
Manoel Antônio** de Vasconcelos
Maria do Carmo de Jesus
Antônio Carlos * de Vasconcellos
Maria Angélica Dutra
Anna * Maria de Jesus
Cândida Maria de Melo
Antônio Carlos de Vasconcelos
Theotônio *** F de Menezes
Antônio Carlos de Vasconcelos
Inácio Manoel Almeida
Ana Maria da Conceição
Anna Maria • Leite
Francisco *** T Pinto
Anna Joaquina da Conceição ***
Geralda Maria da Conceição
Maria Angélica Dutra
Maria José de Jesus
Manoel Pereira* de Vasconcellos
Antônio Pereira Dutra
Manoel Coelho de Albuquerque
Manoel Carlos • de Vasconcellos
João da Silveira Dutra
Joana Correia • da Silva
Maria Soares

Era Uma Vez na Cruz.indd 26 6/1/2009 10:50:04

Era Uma Vez na Cruz.indd 27



6/1/2009 10:50:05

Era Uma Vez na Cruz.indd 28 6/1/2009 10:50:06

ORIGEM DO NOME CRUZ

Segundo a tradição oral, essa denominação teve origem em uma CRUZ DE AROEIRA, fincada sobre uma sepultura à margem leste da Lagoa dos Escondidos, hoje conhecida como Lagoa da Cruz. Um marco divulgado por todos em informações do tipo "pra lá da cruz", ou "à direita da cruz tantos passos", ou ainda "bem antes da cruz tantas braças", etc., etc., até ser incorporado pela comunidade e tornar-se o NOME DO LUGAR.

A controvérsia é sobre a criatura sepultada naquele local e a causa de sua morte. O livro "O Município de Cruz", de Nicodemos Araújo, publicado em 1989 (p.19) traz duas versões: uma delas, que a sepultura seria de um retirante que teria morrido de fome na seca de 1725, a outra que seria de um rapaz assassinado pelo sogro por questões de honra. Diz ainda, o Sr. Nicodemos, que esta última é confirmada pelo historiador Raimundo Girão em seu livro "Os Municípios Cearenses e Seus Distritos", p. 268. E, logo no parágrafo seguinte informa que a primeira versão é a que vem sendo aceita pela população local, desde a povoação.

Devo confessar, aqui, minha ignorância neste particular. Eu conhecia apenas a segunda versão. A do rapaz que, após engravidar a filha de um fazendeiro da Parnaíba - PI, onde trabalhava, fugiu, sendo localizado pelo pai da moça e seus filhos e morto a tiros naquele local, onde foi sepultado pelos moradores da comunidade. Somente em julho de 1993, quando vim pela primeira vez a esta então CIDADE DE CRUZ – depois da instalação do Município – é que conheci a versão do retirante. Lembro bem que eu e minha irmã Salete, ao ler referida história no monumento (pedestal da Cruz), ficamos muito decepcionadas. Mas, depois de absorvido o "choque inicial" resolvemos que, se não havia provas de nenhuma delas,

Era Uma Vez na Cruz.indd 29 6/1/2009 10:50:06

ficaríamos com aquela que conhecíamos antes. Afinal, concluímos, é bem mais interessante pensar que a cidade nasceu sob a égide do amor do que da fome, mesmo sendo esse um amor torto, bandido. E assim encerramos o assunto.

Durante as pesquisas e entrevistas que realizei com várias pessoas da comunidade para a consecução deste trabalho, ou para a remontagem desta história - talvez seja mais acertado dizer assim - tive a oportunidade de ler um trabalho escolar sobre a história da Cruz e suas famílias, realizado em 1986, pela turma de alunos do 3º ano do Curso Pedagógico da Escola Fundamental São Francisco.

Referido trabalho foi coordenado pela professora Maria Socorro de Vasconcelos (também conhecida por BAIDY) que assumiu naquele ano a disciplina de Estudos Regionais no curso supracitado. E considerava não só a origem das famílias, mas também outros aspectos: educacional, cultural, econômico, religioso, etc., relacionados com a história do seu Município. Mas, o embrião desse estudo nasceu um pouco antes, talvez no ano anterior, por ocasião da Festa de São Francisco – Padroeiro da cidade. Foi quando o pároco (Padre Manoel Valdery da Rocha) incluiu na programação sócio-cultural das noites, após as novenas, a apresentação da história das famílias locais mais numerosas, ficando responsável um membro de cada família para pesquisar a sua origem. Assim a mencionada professora começou essa pesquisa, com a participação de suas colegas, também professoras, Maria Alice do Nascimento e Maria de Lourdes Muniz.

Tal pesquisa teve por base a tradição oral, pois não havia, nem há dados escritos suficientes. Assim, foram entrevistadas várias pessoas entre as mais idosas da comunidade, conhecedoras da história, ouvida dos seus antepassados. Algumas delas já são falecidas no momento em que escrevo estas linhas**.** Nesse trabalho os alunos consideraram, dentre as informações colhidas, apenas as que apresentaram concordância entre si, constando também as duas versões, mas salientando que a do "rapaz assassinado pelo pai da moça" era a mais aceita pela população local, e contava, em detalhes, a fuga e morte do tal rapaz, que, em linhas gerais é a seguinte.

Numa certa fazenda da Parnaíba apareceu um rapaz que se apresentou

Era Uma Vez na Cruz.indd 30 6/1/2009 10:50:06

como Renato pernambucano, pedindo alojamento e trabalho ao fazendeiro, com o qual passou a morar por algum tempo. Entre Renato e uma filha do fazendeiro tera havido um romance secreto que acabou em gravidez, e também na fuga de Renato, logo que soube da novidade.

O pai da moça tomou conhecimento da "tragédia" quatro dias depois do desaparecimento do empregado, e, juntamente com seus dois filhos, saiu à procura do fugitivo. Conseguiram, ao longo da estrada, informações de que Renato havia passado pelas regiões de Jericoacoara, Caiçara e Cajueirinho. Algumas pessoas da localidade de Cajueirinho teriam contado até que morava ali uma família, cujo nome perdeu-se no tempo, que teria informado ao fazendeiro que o tal Renato havia pernoitado lá, "embaixo de um cajueirinho", vindo daí o nome daquele lugar.

O Fazendeiro continua a sua busca rumo a antiga Lagoa dos Escondidos. Ali chegando descobriu que Renato encontrava-se no povoado. E, pedindo informações, aqui e ali, o fazendeiro encontra Renato e mata-o, deixando ao povo do local a incumbência de sepultá-lo. Segundo esta história, Renato era um nome falso, seu nome verdadeiro seria Edmundo Paiva de Araújo.

Alguns moradores da comunidade providenciaram o enterro da vítima e, como era de costume, fincaram sobre a sepultura uma cruz de aroeira, sendo essa a origem do nome Cruz.

No final de 2003, quando já estava quase concluindo minhas pesquisas de campo sobre as raízes das primeiras famílias, andei investigando o assunto. E escutei do senhor Valci (José Valci da Costa) essa mesma história, com algumas variações de nomes e outros detalhes até então desconhecidos para mim. Ele disse-me ter ouvido a referida história, da boca do "Seu Bernardo" (Bernardino Muniz Sobrinho), citado como um grande conhecedor da história da Cruz.

O destaque aqui é para a parte final da história dele - ela nos dá conta que o "falso Renato" ou "falso Edmundo", as duas histórias divergem nesse ponto, teria prestado serviço nos três dias em que esteve no povoado de Cruz para: Antônio Carlos de Vasconcelos

Era Uma Vez na Cruz.indd 31 6/1/2009 10:50:06

(meu tetravô pelo lado materno), para seu cunhado Francisco Teixeira Pinto e para o Capitão Theotônio, filho deste último. Isso teria acontecido por volta de 1840.

E mais, o fazendeiro e seus filhos teriam passado na casa dos citados senhores à procura do fugitivo, sendo informados que ele já havia saído, há pouco tempo, para a Barra do Acaracú (hoje Acaraú). Eles saem encontram Renato, ou Edmundo, e o matam. Em seguida, os criminosos teriam retornado à casa do Capitão Theotônio, comunicado o fato e pedido que este providenciasse o enterro. Nesse momento, diz a história em foco, o capitão Thetônio preparou-se para prendê-los; mas, o pai da "moça desonrada" tinha uma patente igual a sua. Assim ele teria se limitado a pedir explicações, e *registrar a ocorrência na qualidade de autoridade local*. Depois, juntamente com os moradores da comunidade providenciou o enterro da vítima.

Quando seu Bernardo acabou de contar a história, o senhor Valci pergunta:

- Quando é que você pode contar essa historia todinha (outra vez) pra eu copiar? Não precisa, ele teria dito. Eu tenho um folheto escrito e lhe empresto. Não é pra todo mundo que empresto porque tenho muito ciúme desse folheto. O senhor Valci copiou e guardou sua cópia junto com um livro e outros pertences amarrados num pacote. Certo tempo depois, uma pessoa a quem ele havia alugado um quarto na sua casa, foi embora sem avisar e levou seu pacote, entre outras coisas. E assim sumiu a famoso folheto.

Meu pai e muitas pessoas da idade dele (87 anos, em março de 2008) lembram que essa cruz era grande e bem acabada, bonita mesmo; mas ninguém sabe precisar como ou quando ela desapareceu. Até 1942, é certo que ela ainda estava lá, pois foi quando meus avós maternos mudaram-se para o povoado de Cruz, e minhas tias – Rita e Izabel (esta última falecida em 2005 com 75 anos) lembraram dela.

O trágico final desta triste história me leva à seguinte reflexão: o "infeliz trio", certamente não explicou a ninguém porque desejava encontrar o rapaz. Isso, mesmo hoje, é um sinal de alerta. Devemos

Era Uma Vez na Cruz.indd 32 6/1/2009 10:50:06

pensar duas vezes, pelo menos, quando alguém que não conhecemos nos pedir informações sobre a vida ou o paradeiro de uma pessoa.

Vale lembrar, que não há como provar que a criatura lá sepultada era o rapaz fujão, que "buliu com a moça," ou o retirante. Ou até os dois, já que existe entre as duas ocorrências um espaço de mais de um século. O retirante teria morrido na seca de 1725, enquanto o assassinato do "quase genro" teria ocorrido por volta de 1840, valendo a história contada pelo senhor Valci.

A verdade é que não há prova documental de nenhuma delas, hoje são apenas lendas, embora as duas situações sejam perfeitamente possíveis. Dessa forma fica a gosto de cada um escolher a que mais lhe agrade, ou lhe pareça lógica.

Todavia, é importante salientar aqui alguns aspectos. Primeiro que o senhor Valci é nosso contemporâneo e os moradores desta nossa cidade de Cruz o conhecem como pessoa séria e digna de crédito. E ele garante que viu esse manuscrito e que chegou a copiá-lo, com autorização do "Seu Bernardo", sendo tal cópia extraviada, há muito tempo. E o manuscrito original, que seria uma espécie de Boletim de Ocorrência, teria se deteriorado ou se perdido no tempo. Segundo, que o já falecido senhor Miguel Albano, igualmente conhecido na cidade e digno de todo respeito, também contava a história do crime de honra. A bem da verdade, muita gente contava e continua contando esta história, estou citando-os aqui porque quero provocar uma reflexão sobre o assunto.

Consideremos que os senhores: Miguel Albano da Silveira e Bernardino Muniz Sobrinho fizeram parte da 3ª geração de dois dos primeiros habitantes de Cruz, com registros de filiação comprovados em cartório, conforme Certidão de óbito do João Muniz Rodrigues, Certidão do 2º casamento do Albano José da Silveira e Batistério de Miguel Albano (ANEXO II). Este último (n.17/09/1901 - f. 21/08/1985) é neto de Francisco Teixeira Pinto, enquanto Bernardo Muniz, como era conhecido (n.13/08/1886 – f.13/05/1975) é neto de José Muniz Rodrigues, o "primeiro Muniz" da nossa história. Pode-se dizer que – Miguel Albano e Bernardo Muniz – transitaram entre a história passada e a presente. Por que não acreditar na versão deles? Os historiadores que me desculpem,

Era Uma Vez na Cruz.indd 33 6/1/2009 10:50:06

mas para mim, a palavra dos dois tem mais peso, porque eles foram partes atuante desta história, que ora reconto.

Outro fato que chama atenção é a data de inaugurarão da Capela de Cruz - *20 de dezembro de 1884*. Um forte indício de que o povoamento efetivo de nossa cidade não é tão antigo quanto o retirante da seca de 1725. É sabido que, naquele tempo, onde havia um povoado de tamanho razoável logo se levantava uma Capela. Donde se conclui que estamos bem mais próximos da segunda história - a do Romeu às avessas. A menos que a seca que vitimou o retirante seja a de 1825.

Nicodemos Araújo fala sobre as secas, no capitulo 12 (p. 264/270), do seu livro Município de Acaraú – Notas para sua História, citando muitas obras e autores que escreveram a respeito do assunto. Consta que houve seca nas duas datas: a de 1725 durou quatro anos, atingindo quase todo o norte do Brasil, e de modo terrível o Ceará, pela completa escassez de gêneros alimentícios; e a de 1825 teria se iniciado em 1823 e foi chamada seca do 25, uma calamidade para o povo cearense.

Por último, registramos que houve um período em que o povoado foi chamado "São Francisco da Cruz". Há registro disso em vários documentos da Igreja e do Cartório; a certidão de casamento do Albano, citada anteriormente é um deles. O fato é também lembrado pelos moradores da cidade com mais de 70 anos. E começou a partir da escolha de São Francisco para Padroeiro, no ano de 1884 (Livro O Município de Cruz, p. 19 § 7º e 65/66). Não me foi possível apurar se isso foi apenas uma conseqüência da instalação da "Capela de São Francisco da Cruz", ou uma tentativa de alteração do nome do lugar. Mas, qualquer que tenha sido o motivo, não deu certo. CRUZ veio para ficar, devia estar escrito nas estrelas...

Quero encerrar este capítulo com uma nota a respeito da retirada da cruz da entrada da cidade – o monumento histórico que marcou a instalação do Município. Se ainda hoje, encontramos ao longo das estradas, pequenos pedestais com cruz, assinalando um acidente fatal no local, por que então retirar uma que atravessou um século, no mínimo, e que deu nome à cidade? Há, ainda, entre os habitantes da cidade, muitos que conheceram esta cruz e sua localização, bastaria convidar um grupo deles para achar o local, senão exato, pelo menos próximo disso. E deixar lá as duas versões sem, contudo, favorecer nenhuma delas.

Era Uma Vez na Cruz.indd 34 6/1/2009 10:50:06

NOTA

No site da Prefeitura Municipal de Cruz – http://www.cruz.ce.gov.br – encontramos dados atualizados sobre nosso município tais como: localização, limites, aspectos geográficos, econômicos e sociais, entre outros. A população lá fornecida – em setembro de 2008 – é de 22.144 habitantes, tendo como fonte o IBGE – censo de 2007. O município foi criado em 14/01/1985, pela Lei 11.002, sendo sua emancipação decidida em Plebiscito de 08/01/1984. Ocupa uma área aproximada de 335 km², a 243 km de Fortaleza.

Era Uma Vez na Cruz.indd 35 6/1/2009 10:50:06

Era Uma Vez na Cruz.indd 36 6/1/2009 10:50:06

JOANA CORREIA DA SILVA

Este é, sem sombra de dúvida, o personagem mais antigo da nossa árvore genealógica. Aliás, durante muito tempo a história [que passou de pai pra filho...] era contada assim:

> "...Joana Correia da Silva era casada com um Português de nome ignorado, nascido numa das ilhas de Portugal, que chegou ao povoado de Cruz por volta do fim do Século XVIII..."

Por volta de 1998, chegou às minhas mãos o livro "Raízes Portuguesas do Vale do Acaraú", de autoria do Padre Francisco Sadoc de Araújo, publicado em 1991. Uma contribuição histórica muito importante, que veio trazer luz a esta parte obscura de nossa raiz – qual seja: o nome do esposo da referida Joana Correia.

O livro supracitado apresenta, no último capítulo, uma relação de 120 portugueses (embora ele se refira a 122 na p.9, quando anuncia esta relação) que se estabeleceram no território da antiga Ribeira do Acaraú (p.186/199). Esta lista, que traz a naturalidade lusa de cada personagem, segundo seu autor (p. 9, §§ 2º e 3°), foi fruto de minuciosa consulta aos velhos livros de assentos de batismo, casamento e óbito, registrados desde 1725, pelas paróquias portuguesas. Por isso, diz ele: "servirá de roteiro seguro a quem necessite de buscar nos arquivos portugueses os dados referentes aos nossos mais antigos ascendentes".

E, no nº 94 desta lista, encontra-se o casal que povoou a região do atual Município de Cruz – Manoel Carlos de Vasconcelos e Joana Correia da Silva, que transcrevo a seguir. Grifei os nomes do casal visando identificá-los melhor.

> "(...) nº 94

Era Uma Vez na Cruz.indd 37 6/1/2009 10:50:06

Manuel Carlos de Vasconcelos, nat. da vila de Cabeceiras de Basto, filho de Carlos Manuel de Vasconcelos e Antônia Maria Luísa, c.c. **Joana Correia da Silva**, filha de Antônio Correia Peixoto e Maria da Silva de Morais, a 5 de outubro de 1735, povoou a região do atual Município de Cruz."

A partir de então considerei que esse casamento havia ocorrido em Portugal e que, Joana Correia teria chegado viúva nestas nossas paragens (como consta dos livros de Nicodemos Araújo, citados a seguir), quem sabe acompanhando algum familiar, já que naquela época os direitos da mulher eram tão restritos que, dificilmente, uma mulher viajaria sozinha de um país a outro e ainda conseguiria ser considerada capaz de cumprir as exigências para receber uma sesmaria, como a memória popular trouxe até nossos dias. Essa, suposta viuvez, até explicaria o fato de seu nome ter sido gravado pela tradição oral e o de seu marido não.

Nicodemos Araújo, nos livros: O Município de Cruz, ed. 1989 (p. 35, § 5º, parte final), e Município de Acaraú – Notas para sua História, ed.1971 (p.51, § 4º), informa que JOANA CORREIA DA SILVA era uma viúva portuguesa que desembarcou em Acaraú, no Porto de Cacimbas, no ano de 1750. E que, em 1760, Sua Majestade, Dona Maria I, lhe teria concedido uma sesmaria, medindo duas léguas – que ia desde o marco do Guarda até a Porteira Velha – já na orla marítima; compreendendo, portanto, parte do território onde hoje se localiza o Município de Cruz. Dessa sesmaria não encontrei registro, mas de uma concedida a seu pai, que suponho, tenha recebido por herança. Falarei sobre ela oportunamente, em capítulo específico.

A casa de Joana Correia da Silva, ficava no local onde era a casa do Sr. José Bernardino de Farias, conhecido como ZÉ DE BENA (pai do Sr. Josino), que, por sua vez, morava, ao lado da casa do Sr. Miguel Albano. Quem me deu esta localização foi o tio Zé Inez (José Silveira Muniz) que ouviu de Antônio Carlos de Vasconcellos *(*irmão de minha avó materna).

Antônio Carlos, segundo ele, teria dito: "vou lhe contar isso, pra no futuro, quando alguém lhe perguntar..."

Era Uma Vez na Cruz.indd 38 6/1/2009 10:50:06

Para as pessoas mais jovens, que não sabem quem era ZÉ DE BENA, eu estive no mencionado local, fazendo a identificação das ruas. Assim, pelo traçado atual da cidade, o local da referida casa seria na esquina da Av. tenente Albano com a Rua Vicente Justa.

Em 2005 li outra obra do Padre Sadoc que veio enriquecer este nosso trabalho com informações valiosas sobre o casal em foco - Cronologia Sobralense, edição de 1974 - uma pesquisa histórica que traz, no 1° volume, dados e datas que abrangem o período de 1604 a 1800. Localizamos, nas páginas 108, 124 e 230, do mencionado volume, o registro de casamento de MANOEL CARLOS DE VACONCELOS e JOANA CORREIA DA SILVA, a relação dos seus filhos, e outras informações sobre os genros e noras.

Transcrição do registro de casamento - (Cronologia Sobralense - vol.1, p.108)

> **"5 de outubro de 1735 (4a. feira):** No sítio Castelhano, casamento de MANOEL CARLOS DE VASCONCELOS, filho de Carlos Manoel de Vasconcelos e de Antônia Maria Luiza, naturais de Portugal, com JOANA CORREIA DA SILVA, filha de Antônio Correia Peixoto e Maria da Silva de Morais, moradores nesta freguesia, em presença do Pe. Agostinho de Castro Moura. (Liv. Cas. Missão Velha, fl.126 v)."

A história do casal "Matriz dos Vasconcelos", da nossa região, já redigida com base na tradição oral, complementada pelas informações do mesmo autor no primeiro livro citado (Raízes Portuguesa do Vale do Acaraú) começa a ganhar novos contornos. O quebra-cabeça vai se completando. O casal, objeto deste estudo, não tinha só os dois filhos conhecidos da tradição oral: Manuel Carlos de Vasconcelos e Anna Maria Leite. Eram sete os filhos apresentados naquele livro, com os respectivos cônjuges e datas de casamento, que serão relacionados no capítulo sobre a família Vasconcelos.

Visando confirmar se o "sitio Castelhano" onde se realizou o casamento de Joana Correia e Manoel Carlos seria o nosso conhecido

Era Uma Vez na Cruz.indd 39 6/1/2009 10:50:06

"Casteliano" fomos ao Bispado de Sobral, na esperança de conseguir a Certidão de Casamento do nosso casal, mas, os dados não eram suficientes para tanto. Até mostraram-me um livro de casamento e batizado das Missões - que seria o único, disseram-me. Este já tinha muitas folhas apagadas, outras destruídas pelo cupim e, no que sobrou dele não constava o registro em questão.

Entretanto, conseguimos confirmar, por outro meio, que este casamento aconteceu mesmo na nossa região. O *Padre Agostinho de Castro Moura, que aparece na transcrição do casamento como celebrante*, está relacionado entre os vários padres que visitaram a capela da Barra do Acaraú, em datas ignoradas.

A informação supra referida consta do livro "Município de Acaraú", já citado anteriormente. Nele, Nicodemos Araújo dedica um capítulo aos Missionários (p.96/100), explicando, ao final, que o registro de suas notas *foram recolhias do arquivo do Sr. João Augusto de Castro Moura, referente ao Curato de Caiçara (hoje Sobral), abrangendo o período de 1712 a 1762*. Fala ainda que não encontrou todos os livros do Tombo da paróquia de Acaraú, e por isso, apesar de suas minuciosas pesquisas não conseguiu anotar as datas das visitas de todos os Missionários que trouxeram a mensagem do Evangelho à nossa região – até o ano de 1838, quando chegou ao Acaraú seu 1º vigário – Padre Antônio Xavier de Castro e Silva, que também se assinava Antônio Xavier de Maria e Castro.

Dos registros de Nicodemos (citando Padre Antônio Tomás e Antônio Bezerra) retiramos informações sobre o início da vida religiosa do povoado de Acaraú, onde ele diz, entre outras coisas, que a capela teria sido construída em 1749, de taipa e coberta de palhas de coqueiro (p. 88). Os religiosos vinham de Almofala, onde os Jesuítas dedicaram-se à Missão Evangelizadora dos índios Tremembés, sendo o Pe. José Borges Novais o 1º Missionário que se instalou entre eles, iniciando seu trabalho em 1702, assim como a construção de uma Igreja no sitio Aracati-Mirim, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição. O local chamou-se inicialmente Missão dos Tremembés e de 1766 em diante Nossa Senhora da Conceição de Almofala (p. 84). Neste ano foi criada a freguesia de Almofala – em 12/09/1766, ligada

Era Uma Vez na Cruz.indd 40 6/1/2009 10:50:06

então à Diocese de Pernambuco. Em 1832, mais de 60 anos depois, esta Freguesia foi removida para a Barra do Acaraú por força do Decreto Geral de 05/09/1832. Somente em 10/09/1838, a Lei nº 139, que criou a Freguesia de Santana, restaurou a de Almofala, ficando extinta a de Acaraú, a qual foi restaurada, definitivamente, pela Lei nº 283, de 15/12/1842 (p.85/86). Sobral tornou-se a sede do Curato de Nossa Senhora da Conceição da Ribeira de Acaraú em 1742, informa o Padre Francisco Sadoc de Araújo em Cronologia Sobralense, Vol. 1, p. 10/11 (edição informatizada, disponível para leitura na página www.familiascearenses.com.br – volumes 1 e 3). Nesta mesma edição, (Vol.1, p.126), há um comentário sobre uma nota de falecimento registrada em 10/05/1735, às fls. 166 do livro de assentos religiosos da Missão Velha dos Tremembés (Almofala); registro feito por Elias Pinto de Azevedo, cura e vigário da Vara de Acaracu. Já não tenho dúvidas de que o casamento de *Manoel Carlos* e *Joana Correia* foi celebrado mesmo por um dos missionários sediados em Almofala, na localidade conhecida como "Casteliano".

Este parêntese era necessário, a meu ver, porque o município de Cruz fazia parte da jurisdição de Acaraú, tanto religiosa quanto política, desmembrando-se daquela Freguesia em 19/03/1958, quando foi assinada a portaria que criou a paróquia de São Francisco da Cruz; e do Município, em 01/01/1986, com a instalação do Município de Cruz, criado pela Lei nº 11.002, de 14 de janeiro de 1985.

DETALHE: o sítio castelhano, onde se casou Joana Correia com Manuel Carlos, em 05/10/1735, pertencia, a Manoel Barbosa de Morais – registro de sesmaria nº 31 – Volume 10, p. 56/57, concedida em 07/04/1716 (detalhes no próximo capítulo, sobre as sesmarias). Significa dizer que MANOEL BARBOSA DE MORAIS já estava no Castelhano antes de 1716, podendo bem ser o avô materno de Joana Correia, já que sua mãe também tinha o sobrenome Morais [Maria da Silva de Morais]. Isto é só um palpite, claro; não há como provar, pelo menos por enquanto. Mas, quem sabe se - após a leitura destas minhas informações - não aparece algum descendente que se encaixe dentro da família aqui identificada?

Era Uma Vez na Cruz.indd 41 6/1/2009 10:50:06

Era Uma Vez na Cruz.indd 42 6/1/2009 10:50:06

A SESMARIA DE JOANA CORREIA

Desde menina ouvi falar nessa sesmaria, de duas léguas - que ia do Guarda até as Porteiras - que Sua Majestade, Dona Maria I, havia concedido a Joana Correia. Sesmaria esta, que não consegui localizar nos órgãos públicos que guardam os registros respectivos.

Na procura dos documentos correspondentes à mencionada sesmaria, estive no Cartório de Acaraú e no Arquivo Público do Estado do Ceará, para onde fui remetida. Uma historiadora de lá me recomendou o IBGE, onde, finalmente, encontrei a obra que contém o registro das sesmarias, exceto aquela tão procurada.

Esta obra, intitulada "Datas de Sesmaria", compõe-se de um Índice Geral Alfabético Remissivo e mais 14 volumes.

A coleção, no dizer de Eusébio de Sousa, Diretor do Arquivo Público em 1933 (que fez o prefacio), representa a conclusão de grandioso empreendimento de pesquisa sobre a origem da propriedade rural do Estado do Ceará, com base nos documentos de terra registrados pelas administrações passadas.

A autorização para publicação dos manuscritos, em volumes, é de 18/03/1920, ato do então Presidente do Estado do Ceará - João Thomé de Saboya e Silva. Já o Índice, que conclui a obra em foco, foi publicado em 1933, em virtude de dispositivo regulamentar (art. 48, inciso XIII do Decreto nº 643 de 29/06/1932) determinando a publicação dos documentos inéditos e interessantes do Arquivo Publico do Estado conforme consta na página de abertura.

Outro índice, da mesma obra, foi publicado em 1979, pela SUDEC – Superintendência do Desenvolvimento do Estado do Ceará - sob o título Sesmarias Cearenses, Distribuição Geográfica. Seu autor, Thomaz Pompeu Sobrinho, é apresentado por Eduardo de Castro Bezerra Neto (Superintendente da SUDEC na época, p. 5),

Era Uma Vez na Cruz.indd 43 6/1/2009 10:50:06

como dos mais pacientes e criteriosos pesquisadores da história e da realidade física do Ceará.

Este índice – Sesmarias Cearenses, Distribuição Geográfica – apresenta as Sesmarias pela ordem de localização nos rios e outros acidentes geográficos relevantes, que serviram de referência, enquanto o índice anterior observa a ordem cronológica das datas de concessão (disponível para consulta na Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel - setor de Obras raras –, integrada ao Centro Cultural Dragão do Mar, à Av. Presidente Castelo Branco, 255 – centro, Fortaleza/CE). Consta ainda, da apresentação, que os originais dos livros de Sesmarias do Ceará, que serviram de base para a obra em foco, encontram-se no Arquivo Público do Estado, mas que foram transcritos pelos historiadores Antônio Bezerra e Eusébio de Sousa, para os fins de publicação – obra de 14 volumes, já mencionada.

Toda esta explicação serve para mostrar que, o que existe disponível sobre o assunto foi pesquisado, e não consta uma Sesmaria concedida a Joana Correia da Silva.

De toda forma, nesta pesquisa localizei o registro das cinco sesmarias que, no comentário de Nicodemos Araújo (livro O Município de Cruz, p. 41), atingiram o território onde hoje se localiza o Município de Cruz, que seriam as seguintes:

1. A primeira, concedida ao Cel. João Pereira Veras e Tereza de Jesus, em data de 19 de julho de 1705, pelo Capitão-mor João da Mota; media seis léguas, sendo três léguas de comprido para cada um deles e uma de largura para cada lado do rio Acaraú. **Localizada – registro de nº 44** – Volume 1º - As especificações são vagas "...começando da parte do mar onde houver capacidade, pelo rio acima até o primeiro provido em dito rio Acaraú..." A informação de que ela partia da Jacoca era do conhecimento in loco do Sr. Nicodemos, e naturalmente, mais recente.
2. Outra, de três léguas, do rio Acaraú ao Córrego do Falcão, foi concedida a Antônio Correia Peixoto, pelo Capitão-mor Domingos Simões Jordão, em data de 28 de novembro de 1736. **Localizada – registro de nº 61** – Volume 13, especifica: "três

Era Uma Vez na Cruz.indd 44 6/1/2009 10:50:06

léguas de terra de comprido e meia de largura, da Barra do Rio Acaracu até a Barra do Rio Uruanahu".

3. Outra também de três léguas, "no sítio Castelhanos", concedida ao Ten.cel. Manoel Barbosa de Morais, pelo mesmo Capitão-mor Domingos Simões Jordão, a 28 de março de 1737**. Localizada – registro de nº 72** – Volume 13, especifica três léguas de comprido e uma de largura, meia para cada banda pegando das ilhargas do dito sítio, pelo Córrego do Tanque acima até se encher das ditas três léguas de terra de comprido por uma de largo.

   OBS.: esta sesmaria de 28/03/1737 foi, como se lê no enunciado acima, uma expansão do Sítio Castelhanos, que foi objeto de outro registro de sesmaria para **Manoel Barbosa de Morais** – o registro de nº 31 – Volume 10, de 07/04/1716. Ele confirma a posse das terras, arrematadas em um Tribunal, dito "dos Ausentes", cuja posse da sesmaria pertencia a FRANCISCO ALBERTO ALQUINTAMOR, e que seus herdeiros puseram a venda "pelo falecimento do dito", como diz a petição de Manoel Barbosa, ao pedir o restabelecimento do seu direito.

4. Outra, de duas léguas, "compreendida desde o Marco do Guarda até a Porteira Velha", já na orla marítima, concedida a Joana Correia da Silva, em 1760, por Sua Majestade, Dona Maria I. **Não localizada**.

5. E ainda outra, de três léguas de comprido e uma de largura concedida pelo Governador Manoel Inácio de Santana ao Capitão Diogo Lopes de Araújo Costa, a 18 de junho de 1817, que se limitava "a oeste, com terras da Cruz; ao poente, com as ilhargas do Castelhano; ao norte, com terras da Timbaúba; e ao sul, com terras da Lagoa do Mato" - **Localizada - registro de nº 728** – volume 9, termo transcrito no Livro Capitão Diogo Lopes – Notas Biográficas, de Nicodemos Araújo (ed. 1978 - p.25).

Tudo leva a crer que esta sesmaria da Joana Correia seja a mesma, ou parte daquela concedida a Antônio Correia Peixoto [que

Era Uma Vez na Cruz.indd 45 6/1/2009 10:50:07

tem o mesmo nome de seu pai], a segunda relacionada neste tópico. A seguir transcrevemos alguns trechos do seu registro trazendo detalhes para melhor identificá-la.

Registro Nº 61

"Registro da data e sesmaria de Antônio Correia Peixoto, de uma sorte de terra de três léguas, da barra do Rio Acaracu athe a barra do Rio Uruanahu, concedida pelo Capitão Mor Domingos Simões Jordão em 28 de novembro de 1736, das páginas 55v a 56 do Livro n.12 das Sesmarias". (Este livro 12 é parte do acervo que deu origem a publicação).

No enunciado da petição de Antônio Correia Peixoto ele diz que não tem terras onde possa criar seus gados vacuns e cavalares,

"... e como nas Ilhargas das terras do Sitio Timbaúba que he do Comissário geral Domingos de Aguiar se acham terras devolutas e desaproveitadas que nunca foram pedidas,..." quer que lhe sejam concedidas por sesmaria.

"*... três léguas de terra de comprido pegando da barra do Rio Acaracu pela testada abaixo com légua e meia até encostar no lagamar, da Barra do Uruanahu, e dali buscando pelo Córrego do Falcão, acima até se encher das ditas três léguas, com meia de largo do Mar para o Sertão...*" (grifo meu).

O Sr. Sebastião Luiz de Vasconcelos, que conheceu bem a região, identificou nessa "Barra do Uruanahu, ao Córrego do Falcão", a barra de Aranaú, onde a camboa formada pelo córrego do Falcão despeja no oceano.

Assim podemos ver que a dita sesmaria **da Joana Correia** se acha compreendida dentro da área especificada no registro 61. "*... pelo Córrego do Falcão acima até se encher das ditas três léguas, com meia de largo do Mar para o Sertão...",* e tem tudo para ser herança de seu pai, embora não possamos comprovar. Mas, as coincidências não param por aí, esta sesmaria é próxima, ou vizinha, do Sítio Castelhano (sesmaria de Manoel Barbosa de Morais), onde foi celebrado o casamento de Joana Correia com Manoel Carlos.

Era Uma Vez na Cruz.indd 46 6/1/2009 10:50:07

Tenho esperança que, depois da publicação desta minha pesquisa, apareça algum descendente das famílias de Joana Correia da Silva e de Manoel Barbosa de Morais – que eventualmente tenha se identificado dentro delas – com informações que possam completar estas lacunas.

Finalmente, fechando este capítulo – e entendendo melhor a nossa origem portuguesa – vamos reproduzir alguns trechos do livro "Raízes Portuguesa do Vale do Acaraú" de autoria do Padre Francisco Sadoc de Araújo, relativo à vinda dos portugueses para o Ceará e a concessão de sesmarias.

(. . .)

A VINDA PARA O BRASIL

"...foi somente a partir do 1º governo do Capitão-mor Sebastião de Sá (1678/1681) que começaram a ser distribuídas datas de sesmarias no território compreendido no Estado cearense. Nos dois decênios finais do século XVII, essas concessões tornaram-se freqüentes e o povoamento do sertão começou a se organizar. *Simultaneamente, em Portugal corriam notícias de que no Brasil estavam sendo feitas doações de terra, com o mínimo de exigências, a quantos portugueses desejassem contribuir para o povoamento da colônia brasileira. Ainda mais, é o que se propalava, mesmo que não recebessem sesmos, os emigrantes lusos encontrariam trabalho fácil e abundante, tendo em vista a grande necessidade de mão de obra para tratar da pecuária e da lavoura que se estavam a instalar em acelerado ritmo"* (grifo meu).

"Tais notícias provocaram, no Reino, um frêmito de entusiasmo para com o Brasil, principalmente na região do Entre Douro e Minho, onde a população era mais densa e o minifúndio predominante. "Assim, o povoamento do Ceará começou a ser estabelecido no sertão, a partir das décadas finais do século XVII, acelerando-se no início do século XVIII, *proporcionando a ocupação das terras, com base na organização das sesmarias* (grifo meu)".

E sobre a povoação da nossa região ele assim se manifesta, logo na introdução (p.8).

(...)

Era Uma Vez na Cruz.indd 47 6/1/2009 10:50:07

"Na realidade a ribeira do Acaraú foi povoada por humildes lavradores, vaqueiros e pescadores oriundos, em sua grande maioria, de vilarejos rurais e povoas marítimas do antigo Reino de Portugal. Se algum deles enobreceu ou enriqueceu foi aqui, pelo esforço diuturno de suas mãos calejadas no amanho da terra, no arranjo do gado ou na conquista do mar costeiro...".

E semelhante, na Cronologia Sobralense, do mesmo autor – Vol.1, p.25, em 1650, na seguinte data:

8/DEZ (5ª feira): Alvará do Rei determina que "os Governadores, em benefício da povoação e da lavoura das terras do Brasil, as dessem em sesmarias a todas as pessoas que, com mulher e filhos, viessem para qualquer parte do Brasil". Com esta determinação liberal a colonização do interior brasileiro foi imensamente facilitada motivando a imigração de muitos portugueses para o Brasil.

Era Uma Vez na Cruz.indd 48 6/1/2009 10:50:07

CONSTRUÇÃO DA CAPELA

Sobre a construção da Capela de São Francisco, Nicodemos Araújo, no livro "O Município de Cruz" (p.65/66), nos informa, entre outras coisas, que:

- em "carta pastoral datada de 14/09/1885, transcrita no 2º Livro do Tombo da Paróquia de Acaraú – pág. 154", Dom Joaquim José Vieira, 2º Bispo do Ceará escreveu que "... o instituidor, o cidadão Francisco Bernardino de Albuquerque, animado dos mais nobres sentimentos de religião, já começou, não só concorrendo com seus próprios bens, como com as oblatas oferecidas pelos fiéis, a dar os passos necessários, no sentido de paramentá-la convenientemente para o culto público".
- encabeçaram os trabalhos de construção da capela dois cidadãos: Francisco Bernardino de Albuquerque e Albano José da Silveira, com o apoio das famílias ali residentes;
- A capela ficou pronta em fins de 1884, sendo consagrada a São Francisco. A benção solene da capela aconteceu no dia 20/12/1884, oficiada pelo Pe. Vicente Gifoni Patrício, após a chegada da imagem de São Francisco, trazida em procissão da cidade de Acaraú para o povoado de Cruz. Muitas pessoas participaram desta solenidade, centenas, diz ele, vindas de diferentes lugares da Região do Baixo Acaraú.

Também consta da memória popular que todas as famílias da comunidade participaram ativamente dos trabalhos para a construção da Igrejinha; tanto com doações como na promoção de eventos para angariar recursos para o custeio da obra. Cada um ajudou como pôde nessa parceria feliz. O patrimônio da Capela consta das páginas 81/82 da obra supra referida.

Era Uma Vez na Cruz.indd 49 6/1/2009 10:50:07

O que desejo destacar, neste caso, é a *lenda que envolve Francisco Bernardino de Albuquerque e a construção da capela*.

Francisco Bernardino nasceu em 20/06/1843, era filho de Alexandre Bernardino de Albuquerque e de Maria da Penha da Exaltação (neto paterno de Francisco Teixeira Pinto e Anna Maria de Jesus e pelo lado materno, de Antônio Carlos de Vasconcellos e Maria Angélica Dutra). Esteve no Amazonas, como muitos de sua época, expondo-se às intempéries no perigoso trabalho de extração da borracha, e teria feito uma promessa com São Francisco – em um momento de apuro – construir uma Igreja se chegasse vivo à sua terra. Assim, ao voltar da Amazônia, encabeçou um movimento junto à comunidade para a construção de uma Capela consagrada a São Francisco.

Verdade ou lenda o certo é que ele liderou e cuidou da construção, tanto que é ele quem aparece na Carta Pastoral como "o instituidor" da capela de Cruz.

Era Uma Vez na Cruz.indd 50 6/1/2009 10:50:07

O TAMARINEIRO

Quantas lembranças desse velho amigo! Nosso lazer, nosso mirante – olhávamos do alto dele o clarão das luzes do Acaraú - quando a luz elétrica para nós, ainda parecia um sonho distante. Lembro-me bem de senhores e senhoras, hoje avós, fazendo dessas artes no tamarineiro.

Todos os que nasceram por aqui (em Cruz) ou que vieram a morar nas suas imediações, quando crianças ou adolescentes, brincaram bastante em seus galhos. Ora subindo para pegar os frutos, ora brincando de se esconder; outras vezes para olhar ninhos de passarinhos, alguns até para pegar os ovinhos. Nossas mães tinham uma simpatia para proteger os filhotes das aves: "diziam que, se a gente pegasse nos filhotes ou nos ovinhos, as cobras iriam comê-los". Parece que o toque das pessoas atraia os predadores ou provocavam a rejeição das mães, ou algo assim.

Mas não eram só as crianças e jovens que usufruíam dos seus favores. À tardinha nossas mães e suas amigas sentavam à sombra do tamarineiro, aproveitando a brisa, no bate-papo da boa vizinhança. Enquanto conversavam chuleavam a roupa, outras bordavam, enfim, adiantavam seus afazeres manuais.

O "Pé de Tamarino", ou tamarindo, que insiste em continuar vivo, ainda hoje, no canto da Praça Monsenhor José Edson Magalhães, na lateral direita da Igreja, é pelo que se sabe, a árvore mais antiga da região central de Cruz, quem sabe, até da sede do Município. É o representante do passado participando do nosso presente, como a nos dizer que não se pode descartar o idoso em função de sua idade, pois há outro tipo de força inerente a esta fase que pode ser melhor aproveitada. No caso do Tamarineiro, por exemplo,

Era Uma Vez na Cruz.indd 51 6/1/2009 10:50:07

quantos acidentes de trânsito sua presença ali já evitou, forçando os motoristas mais apressados a diminuírem a velocidade. É como um velho e amoroso guardião que, apesar de já ter completado o tempo para a aposentadoria, continuasse cumprindo sua tarefa, mesmo sem salário; merecia uma placa, mas não lhe deram nem o anel de cimento [em volta do tronco] que suas irmãs da praça – as árvores mais novas – ganharam, onde o jardineiro deposita água para que elas continuem belas e viçosas.

Há quem diga que ele tem mais de 300 anos. Não há prova de que tenha tudo isso, mas uns 200 anos é possível que tenha. Segundo conta a tradição oral, ele já estava ali quando ANTÔNIO CARLOS DE VASCONCELOS [neto da Joana Correa e de seu marido Manoel Carlos] se estabeleceu no local. Este seria o desbravador da mata que havia no lugar correspondente a atual Praça da Matriz e adjacências, e nessa ocasião teria descoberto o Pé de Tamarino. ANTÔNIO CARLOS nasceu em out/1786, portanto, em outubro de 1800 estava com 14 anos. Mesmo começando a vida adulta muito cedo, fato comum naquele tempo, o mais provável é que ele tenha feito esse "desflorestamento" quando se preparava para casar, já que teria usado a própria madeira na construção de uma casa de taipa, que ficou conhecida como a "Casa Grande", a qual ocupava o espaço onde hoje ficam o Prédio Paroquial e uma boa área em volta. Não se sabe a data do 1º casamento de Antônio Carlos, mas, seu filho Manoel Antônio Nasceu em 1815. Assim, se o tamarineiro fosse uma plantinha nova nesta data, teria hoje em 2008, 193 anos, mas, se já fosse uma árvore, podemos considerar aí em torno de 200 anos.

Há também os que dizem que o tamarineiro nasceu no curral do gado de ANTÔNIO RAPHAEL, que já é neto de *Antônio Carlos*. Este não se sabe em que ano casou, mas seu 1º filho nasceu em 1870. Se levarmos em conta esta hipótese sua idade cai para 138 anos.

Seja como for é uma árvore centenária. E já mereceu atenção da comunidade em 1880, ano em que começou a construção da capelinha do povoado. Dizem que Francisco Bernardino de Albuquerque, o instituidor da capela, hoje Matriz, recebeu de seu pai, Alexandre Bernardino de Albuquerque, o pedido para não cortar o Tamarineiro.

Era Uma Vez na Cruz.indd 52 6/1/2009 10:50:07

Vejam que maravilha! Naquele tempo, esse cidadão já tinha noção da importância das árvores. Aliás, justiça seja feita, nossos antepassados conviveram muito bem com as árvores, elas foram sumindo à medida que fomos "tomando conta do pedaço" e, achando que o progresso tem primazia sobre a natureza, ou que uma coisa exclui a outra.

É o que se verifica pelas duas agressões que esse velho amigo sofreu. Não lembro ao certo o ano, mas com certeza faz mais de 40 anos da 1ª ocorrência (1957 ou 1959). Ele foi praticamente decepado, sem nenhuma razão lógica. Os moradores ficaram muito revoltados, foi uma confusão. A 2ª vez deve ter sido uns 10 ou 15 anos depois da primeira. Aí já foi com ordem das Autoridades Municipais, parece-me que a justificava foi que seus galhos atrapalhavam a passagem dos caminhões carregados. Não foi tão radical desta vez, mas, como o velho Tamarineiro ainda não tinha se recuperado, não voltou mais ao seu apogeu.

Mas tudo isso, ainda era café pequeno, perto do que estava para acontecer ao pobre Tamarineiro. Na década de setenta, quando foi feito o calçamento da Rua 6 de Abril, o velho amigo sofreu sua pior agressão, pois "suas raízes foram calçadas também". Desta vez - quando os paralelepípedos encaixotaram as raízes do tamarineiro - ninguém brigou por ele. Não fizemos nada, apesar de já sermos mais esclarecidos. No passado ficamos tristes, nos indignamos, cobramos providências. O que teria mudado, em nós, de lá para cá?

De toda forma, seja pela benção de São Francisco, seja para fazer valer o ditado popular: "o nordestino é antes de tudo um forte", o velho Tamarineiro ainda está vivo, em novembro de 2008, quando escrevo esta matéria; embora desnutrido e seco, nesse inverno ainda ofertou seus frutos à população.

É bem oportuno lembrar que – **São Francisco**, *o Padroeiro desta Cidade* – há séculos atrás já tinha a preocupação de viver em harmonia com a natureza. Ele era uma criatura muito evoluída, e pautava sua vida pelo amor à criação de Deus, nos dando o exemplo de que o ser consciente, usando adequadamente a inteligência, pode viver em perfeita integração com a natureza, pois ela não é nossa

Era Uma Vez na Cruz.indd 53 6/1/2009 10:50:07

inimiga, pelo contrário, foi colocada à disposição do ser humano para que ele interagisse com ela em benefício próprio. Procuremos seguir este exemplo de São Francisco e o meio ambiente agradecerá.

E São Francisco, lá do Céu, aplaudirá!

Era Uma Vez na Cruz.indd 54 6/1/2009 10:50:07

PRIMEIRAS FAMÍLIAS

A grande maioria das famílias naturais do município de Cruz tem sua origem em três troncos básicos, cuja descendência e suas ramificações serão objeto de capítulo específico.

Troncos básicos: VASCONCELOS, TEIXEIRA PINTO e MUNIZ.

1. O Vasconcelos provém do português Manuel Carlos de Vasconcelos c.c. JOANA CORREIA DA SILVA. Este casal teve sete (7) filhos, entre eles MANOEL PEREIRA DE VASCONCELOS, que ficou conhecido entre nós como Manoel Carlos, certamente por causa de seu pai. Ele é o primeiro Vasconcelos da nossa árvore genealógica (nascido na nossa região).

2. Francisco Teixeira Pinto uniu-se aos Vasconcelos casando-se com uma filha de Manuel Carlos (Pereira) de Vasconcelos. Este casal teve onze (11) filhos, sendo 7 homens que contribuíram com 5 sobrenomes: Menezes, Albuquerque, Cavalcante de Albuquerque, Nascimento e Teixeira Pinto. Alguns filhos destes casais se interrelacionaram (primos e também tios).

3. A união dos Muniz com o Teixeira Pinto aconteceu através do casamento de uma neta deste, com um filho de JOSÉ MUNIZ RODRIGUES c.c. Maria Antônia. Este é o primeiro Muniz (identificado), entre nós. E novamente houve casamentos entre os membros destas duas famílias e entre os destas e dos casais anteriores.

É assim que eu me encontro bem no meio deste emaranhado, tentando me situar em relação a cada um deles. E para dar-lhes uma

Era Uma Vez na Cruz.indd 55 6/1/2009 10:50:07

pequena mostra do que vem por aí, peço licença para me valer de alguns versos do poema CANTANDO UM CONTO DA CRUZ, de autoria de Zeca Muniz (meu pai), onde ele fala do seu parentesco com o Teixeira Pinto.

(...)

Na árvore da sua gênese
Nas pontas do ramo estou
Descobri que dos seus filhos
Tenho três tataravôs
Dos netos também três
Duas bis e um bisavô.

Dois bisnetos se casaram
Meu avô com minha avó
Meu pai era seu trineto
E para eu não ficar só
Digo, já tenho bisneto
E assim desatei o nó.

Meu pai participou da 1ª fase das minhas pesquisas. Esteve presente em muitas das entrevistas que fiz com pessoas antigas, conhecidas dele, ou indicadas por alguém que ele conhecia. Juntando as informações colhidas, ao que ele já sabia, acabou lançando – a história em versos – antes do final deste trabalho. O poema antes referido foi publicado, virtualmente (entre poesias e prosa), pela Prefeitura, no seu site http://www.cruz.ce.gov.br – espaço GENTE DA CASA. Naturalmente que, como a pesquisa seguiu buscando prova dos ditos da memória popular, podemos encontrar alguma divergência entre a história, ora apresentada, e aquela contada antes.

Fechando este tema quero registrar que, Francisco Teixeira Pinto não foi o único pai daquele período, a dar aos filhos sobrenome diferente do seu, mas na diversificação ele bateu recorde. Pelo visto, não existia nele a preocupação de marcar sua descendência com um nome de família, e nem era exigência da época em nossa região. Os primeiros responsáveis pelo Cartório de Registro Civil de Acaraú registravam as pessoas, quando adultas, pelo sobrenome que elas escolhiam, temos vários desses casos comprovados, alguns dos quais serão identificados na respectiva família.

Era Uma Vez na Cruz.indd 56 6/1/2009 10:50:07

OS VASCONCELOS

A história dos VASCONCELOS começa com o casal "Manuel Carlos de Vasconcelos e Joana Correia da Silva", já apresentados no capítulo intitulado, Joana Correia da Silva, como "o casal povoador" da região onde hoje se situa o Município de Cruz. Redigido com base na tradição oral e complementado pelas valiosas informações do Padre Francisco Sadoc de Araújo (livros: Raízes Portuguesa do Vale do Acaraú – p.196 e Cronologia Sobralense - vol.1, p.108). Vamos reproduzir aqui apenas o registro de casamento para relacionar os filhos a partir dele.

Transcrição do registro de casamento

> "5 de outubro de 1735 (4a. feira): No sítio Castelhano, casamento de MANOEL CARLOS DE VASCONCELOS, filho de Carlos Manoel de Vasconcelos e de Antônia Maria Luiza, naturais de Portugal, com JOANA CORREIA DA SILVA, filha de Antônio Correia Peixoto e Maria da Silva de Morais, moradores nesta freguesia, em presença do Pe. Agostinho de Castro Moura. (Liv. Cas. Missão Velha, fl.126 v)."

No mesmo volume supracitado – páginas 124 e 230, localizamos a relação dos filhos do casal, objeto deste estudo, com os respectivos cônjuges e datas de casamento. Para surpresa nossa eram sete os filhos apresentados naquele livro, e que relacionamos a seguir, para conhecimento de todos.

1 – Manuel Pereira de Vasconcelos, c.c. *Ana Maria da Conceição*, filha de Damaso Vieira Passos e Rita Teresa de Jesus, em 19/10/1765 na capela de Santa Cruz (hoje Bela Cruz);

2 – Anna Maria Leite, c.c. *Antônio Pereira Dutra*, filho de João

Era Uma Vez na Cruz.indd 57 6/1/2009 10:50:07

da Silveira Dutra e sua 1ª esposa Maria Soares, em 16/11/1778, na Fazenda Cruz; (certamente é nossa cidade de Cruz).

3 – João Pereira de Vasconcelos, c.c. *Maria Marques*, filha de Antônio da Costa Leitão e Maria Barbosa dos Santos, em 22/02/1773, na Fazenda Tapera; (a Tapera fica atrás da Lagoa do Canema e faz parte do atual território de Bela Cruz);

4 – Francisco Xavier de Vasconcelos, c.c. *Inácia da Silveira Dutra*, filha de João da Silveira Dutra e sua 1ª esposa Maria Soares, em 28/04/1778, na Fazenda Olho d'Água, (Santana do Acaraú);

5 – Antônia Correia de Vasconcelos, c.c. *Manoel Rodrigues de Sousa*, filho de Manoel Rodrigues Peixoto e Úrsula Ferreira, em 01/09/1781, no lugar Oficinas;

OFICINAS - nome dado a então povoação de Acaracu, ao tempo das charqueadas – época áurea da carne-seca – e que permaneceu por alguns anos. As "oficinas" de secagem da carne ficavam perto do Porto de Cacimbas, que registrava então "um dos maiores movimentos portuários do Ceará", no dizer de Nicodemos Araújo – livro Município de Acaraú – notas para sua história (p.14, 52, 158 e 233).

6 – José Carlos de Vasconcelos, c.c. *Rosa Santiago de Jesus*, filha de Sebastião Barbosa Morais e Ana de Santiago, em 09/12/1776 em Sobral;

7 – Maria Teresa de Jesus, c.c. *Manoel Carneiro da Cunha*, filho de Antônio Aires de Morais e Isabel Carneiro, em 07/10/1782, na Fazenda Cruz.

Os dois primeiros filhos da lista ficaram na memória popular como: Manoel Carlos de Vasconcelos (certamente por causa do pai) e Anna Leite ou Anna Neide, não se sabia ao certo. Os demais filhos, considerando o nome das localidades onde se realizaram os respectivos casamentos, também deixaram sua descendência em Cruz e cidades vizinhas, apenas não guardaram a ligação com a origem, como fez a descendência de Manuel Carlos, ou não dei sorte

Era Uma Vez na Cruz.indd 58 6/1/2009 10:50:07

de encontrá-los. Quem sabe, depois que este livro for divulgado apareçam seus descendentes. De qualquer forma estamos trazendo a público a origem dos "VASCONCELOS" da nossa região. A partir disso, qualquer pessoa descendente deste tronco pode levantar a sua genealogia.

Manoel Pereira de Vasconcelos, ou Manoel Carlos, como ficou conhecido, é o "primeiro Vasconcelos" conhecido na nossa região. Ele casou-se em 19/10/1765, com *Ana Maria da Conceição* e tiveram os seguintes filhos:

1 - Antônio Carlos de Vasconcelos, nascido em out/1786
2 – Manoel
3 – Francisco
4 – Pedro
5 – Jerônima
6 – Francisco
7 – Rosa
8 – Ana Maria de Jesus

Também neste caso apenas dois filhos ficaram registrados na memória popular. **Antônio Carlos**, que segundo a tradição oral foi o desbravador da mata que outrora havia onde hoje é a Praça da Matriz, e que com esta madeira, ele teria construído sua moradia. Uma casa de taipa, no local onde hoje se localiza o Salão Paroquial de Cruz, e que ficou conhecida como a *"Casa Grande"*. *E* **Ana Maria de Jesus** que casou com Francisco Teixeira Pinto, em 1800 e será objeto de outro capítulo.

ANTÔNIO CARLOS DE VASCONCELOS casou-se três vezes. A 1ª, com Maria Angélica Dutra, filha de Antônio Pereira Dutra e Anna Maria Leite. A 2ª, com sua sobrinha, Anna Joaquina da Conceição (1840-1803), filha de Francisco Teixeira Pinto e Anna Maria de Jesus, em 28/03/1828. A 3ª, com Ignês Maria de Jesus, em 02/10/1844, filha de Cláudio Luiz de Albuquerque e Floriana Coelho de Moraes; ela teria falecido 1877 e Antônio Carlos em 02/05/1870. A data desse casamento no manuscrito de minha bisavó [Raimunda] é 09/04/1842, essa outra foi localizada por Wellington nos documentos microfilmados.

Era Uma Vez na Cruz.indd 59 6/1/2009 10:50:07

Do primeiro casamento - com Maria Angélica Dutra, sua prima, nasceram três filhos, segundo o manuscrito acima mencionado: Rita, Maria e Manoel Antônio. Das duas filhas nada soube.

Manoel Antônio de Vasconcelos nasceu em 01/01/1815, e casou-se duas vezes. Em janeiro de 1835, com sua prima *Rita Francisca de Jesus*, filha de Francisco Teixeira Pinto e Anna Maria de Jesus, portanto irmã de sua madrasta; ele também morou na "Casa Grande" de seu pai. A identificação deste casal consta do registro de nascimento de sua neta - Cândida Rita de Vasconcellos, nascida em 21/11/1888, conforme certidão juntada no ANEXO II Nas anotações de minha bisavó, e que foi passado de boca em boca pelos parentes, ela se chamava Rita Maria do Espírito Santo, e teria nascido em 1808, em Cruz e falecido em 1860, no Capim.

Deste casamento nasceu, em 24/10/1840, em Cruz, **Antônio Rafael de Vasconcelos**, o qual foi estudar em Pernambuco para ser Padre, mas, acabou se enamorando de dona *Antônia Cândida da Conceição*, com quem veio a casar-se em data que desconhecemos. Segundo a certidão de nascimento referida no parágrafo anterior, ela seria natural de Recife – PE, e filha de Antônio Alves de Melo e Cândida Maria de Melo. Seu registro de óbito diz que ela faleceu em 30/12/1910, em Angico, Acaraú - CE, aos 62 anos, portanto nasceu em 1848. Já a certidão de óbito de Antônio Raphael diz que ele faleceu em 10/06/1911, no Poço da Onça, aos 65 anos, o que leva seu nascimento para 1846, também diferindo dos apontamentos da família.

Antônio Rafael e Antônia Cândida vieram morar na já referida "Casa Grande". Consta que ele foi professor particular, em Cruz e também no Capim, depois que fez sua morada lá perto, na localidade de Angico, onde nasceram seus 11 filhos, quais sejam:

01 – Manoel Antônio de Vasconcelos – nasceu em 1870, c.c. *Isabel do Nascimento*, filha de Gregório Francisco do Nascimento e Úrsula Maria da Conceição, este, dizem os parentes, tinha o "apelido de NEL" e mudou-sei para o Amazonas, onde deixou descendência.

Era Uma Vez na Cruz.indd 60 6/1/2009 10:50:08

Alguém deles há muitos anos atrás, teria vindo em visita aos parentes, talvez por ocasião da morte do seu irmão – Ezequiel, meu avô.

02 – Maria Cândida de Vasconcelos – nasceu em 16/03/1872 e casou-se em 29/09/1892, com *Luiz José de Farias*, filho de José Luiz de Farias e Maria Francisca de Jesus. Luiz José nasceu em 1864 em Cruz e faleceu em 10/02/1939, no Capim. E Cândida faleceu em mar/1959, em Cruz. (casamento registrado sob n° 16, no 1° Livro do Cartório de Acaraú).

03 – Gabriel Antônio de Vasconcelos – residiu no Amazonas quando rapaz e só retornou muito tempo depois, e bem doente, tendo falecido logo, no Angico. Teria deixado descendência por lá.

04 – Rachel Cândida de Vasconcelos – nasceu em 1874 e casou-se em 01/09/1906, com *José Gabriel do Nascimento*, natural de Cruz, filho de Gabriel Teixeira do Nascimento e Maria Joaquina.

05 – Izabel Cândida de Vasconcelos – nasceu 1878 e casou-se em 16/08/1902, com *José Bernardino de Farias*, nascido em Cruz em 1878, irmão do seu cunhado Luiz José. O casal faleceu no Poço da Onça, ele em 03/11/1915 e ela em 28/02/1958.

06 – Ezequiel Antônio de Vasconcelos – nasceu em 27/02/1880 e casou-se em 06/06/1912, com *Geralda Firmo de Vasconcelos*, sua prima, nascida em 01/06/1891 no Capim, filha de Lúcio Teixeira de Vasconcelos e Raymunda Nonata de Vasconcelos. Ezequiel e Geralda faleceram em Cruz, ele 30/10/1952 e ela em 24/09/1970.

07 – Daniel Antônio de Vasconcelos – nasceu em 1882 e casou-se com *Izabel Maria do Nascimento*, nascida em 1869 e viúva de João José de Farias. Ela era filha de Luís Malachias do Nascimento e Maria Madalena de Albuquerque.

08- Abel Raphael de Vasconcelos – nasceu em 1884 e casou-se com *Germana Cristina do Nascimento,* conhecida como SINHÁ, filha de Gregório Francisco do Nascimento e Úrsula Maria da Conceição. Abel e Sinhá faleceram nos Tucuns, onde moravam. Ela em 1962 e ele em 05/03/1968.

09 – Rita Cândida de Vasconcelos – nasceu em 1886 e casou-se em outubro de 1912, aproximadamente, com *Joaquim Virgilio de*

Era Uma Vez na Cruz.indd 61 6/1/2009 10:50:08

Vasconcelos, nascido em 07/04/1867, filho de Clemente José de Vasconcelos e Anna Barreto de Jesus. O casal faleceu na ilha do joá – Cruz, ela em 1920 ou 21 e ele em 13/10/1947. A identificação dos pais do noivo consta da certidão de nascimento de seu neto Raymundo (filho deste casal), incluída no ANEXO II.

10 – Cândida Rita de Vasconcelos – nasceu em 21/11/1888 e casou-se em com um viúvo de Bela Cruz chamado *José Avelino da Silveira*, Ela faleceu em 12/06/1959 em Cruz.

11 – Ismael Raphael de Vasconcelos – nasceu em 10/08/1893 e casou-se com Ângela Marques (que seria filha do Antônio Marques do Guriú, irmão do Caboquinho Marques). Ismael e Ângela faleceram em Jericoacoara, onde residiam.

Voltemos ao segundo casamento de **Manoel Antônio de Vasconcelos**, celebrado em 07/08/1862, com *Maria do Carmo de Jesus*, nascida em 15/11/1838, em Santa Rosa, no lugar "gado brabo do termo de Santa Ana", atualmente região da lagoa da Santa Rosa. Filha de Ignácio Manuel de Almeida e Maria José de Jesus. O sobrenome de seu pai surge como "Sueira", em outra parte das informações da minha Bisa, e é corrente uma lembrança antiga, de alguns parentes mais idosos, que dona Raimundinha e tia Toinha, sua irmã, falavam de alguns parentes residentes no Marco, que seriam os "Sueiras", não pude confirmar tal informação, pois minha pesquisa a esse respeito limitou-se aos descendentes de Manoel Antônio e Maria do Carmo, residentes no Município de Cruz e Acaraú.

O casal fez sua morada no Capim, onde Manoel Antônio já tinha sua propriedade. Não sei dizer se a casa foi reformada para receber a segunda esposa, embora me lembre que a dita casa tinha uma parte mais nova. Lá nasceram os oito filhos do casal, sendo que apenas seis chegaram a idade adulta.

01 – Rita Fernando de Vasconcelos – nasceu em 29 ou 30/05/1864 e faleceu em 07/12/1936, era muda.

02 – Maria Sixto de Vasconcelos – nasceu em 15/08/1865.

03 – Francisco Antônio de Vasconcelos – nasceu em 27/02/1875 e faleceu em 10/06/1895.

Era Uma Vez na Cruz.indd 62 6/1/2009 10:50:08

04 – Francisca Thomé de Vasconcelos – nasceu em 21/12/1876, parece que também era muda.
05 – Antônia Francisca de Vasconcelos – a "tia Toinha" como era conhecida, nasceu em 03/12/1878 e faleceu em 22/09/1961, no Capim.
06 – Raymunda Nonata de Vasconcelos – nasceu em 27/05/1868 e casou-se em 15/10/1885, no Marco-CE, com *Lúcio Teixeira de Vasconcelos*, natural de Cruz (Lagoa do Zacarias), nascido em 21/08/1854, filho de Antônio Teixeira de Vasconcelos e Maria Theotônia de Menezes. Nesta data o pai da noiva já era falecido, de forma que dona Maria do Carmo, viúva e com quatro filhas solteiras e um garoto de 10 anos, provavelmente achou conveniente que o casal ficasse morando mesmo no Capim. E assim foi, viveram todos juntos na imensa propriedade, se ajudando mutuamente. Lúcio faleceu no Capim, em 03/01/1923 e Raymunda em 06/04/1960, em Cruz.

Raimunda e Lúcio, do Capim, criaram treze filhos:

01 – Antônio Carlos de Vasconcelos – nasceu em 30/10/1886 e casou em 16/09/1916 em Acaraú, com *Raimunda Alice de Medeiros*, nascida em 05/02/1898 no Tabuleirinho, filha de Augusto Alves de Medeiros e Maria Cristina de Oliveira.
02 – Manoel Lúcio de Vasconcelos – nasceu em 06/06/1888 e casou em 10/01/1912, com *Rita Mendes*, nascida em 14/09/1887, na Lagoa Salgada; ela era filha de José Mendes Ferreira e Francisca Telles Mendes.
03 – Francisco de Assis de Vasconcelos – nasceu em 04/10/1889 e casou em 06/02/1919, com *Francisca Elvira de Araújo*, filha de Antônio Raimundo de Araújo e Maria José de Araújo.
04 – Geralda Firmo de Vasconcelos – nasceu em 01/06/1891 e casou em 06/06/1912 em Acaraú, com *Ezequiel Antônio de Vasconcelos*, nascido em 27/02/1880, no Angico, filho de Antônio Raphael de Vasconcelos e Antônia Cândida da Conceição. O casal faleceu em Cruz, ele em 30/10/1952 e ela em 24/09/1970.
05 – José Carlos Teixeira – nasceu em 03/09/1892 e casou em 24/10/1922, com *Francisca Silveira*, nascida 25/03/1895 em Cruz,

Era Uma Vez na Cruz.indd 63 6/1/2009 10:50:08

filha de Urbano José da Silveira e Idalina Maria dos Anjos.

06 – Anna Joaquina de Vasconcelos – nasceu em 04/01/1895, sendo registrada no Cartório de Acaraú no dia 07/08/1895 (reg nº 200 - Livro A-1, às fls. 102v e 103), como *Anna Maria do Carmo*. Anna não casou e faleceu em 12/01/1962, em Cruz.

07 – Joaquim Teixeira de Vasconcelos – nasceu em 20/08/1896 e casou duas vezes. A 1ª vez, em 12/02/1918, com *Maria Elvira de Souza*, nascida em 02/07/1901, na lagoa dos Monteiros, filha de Jacintho Francisco de Sousa e Francisca Maria de Sousa; ela faleceu de parto em 18/09/1927, no Capim. O segundo casamento foi em 1930, com *Maria José Suné*, nascida em 1908. Ambos faleceram em Acaraú, ele em 07/04/1968 e ela 15/04/1987.

08 – Maria do Carmo de Vasconcelos – nasceu em 14/10/1898 e casou em 06/11/1926, com *Vicente de Paulo Fontelles*, nascido em 28/07/1896, no Tabuleirino, filho de Manoel Fonteles de Maria e Maria Antônia. Residiram no Tabuleirinho, onde criaram seus filhos e faleceram. Ela em 31/12/1981 e ele em 28/11/1989.

09 – Lúcio Teixeira Filho – nasceu em 03/01/1900 e casou em 06/10/1924, com *Ana Eunária Medeiros*, nascida em 23/02/1902, filha de Augusto Alves de Medeiros e Maria Cristina de Oliveira.

10 – Izabel Maria de Vasconcelos – nasceu em 17/08/1901 e casou em 06/11/1926, com *Manoel Batista de Moura*, nascido em 25/10/1896, filho de Francisco Vicente de Moura e Florinda Galdino de Araújo. Ambos faleceram no Capim, ela em 10/10/1945 e ele em 02/04/1962.

11 – Úrsula Theotônia de Vasconcelos – nasceu em 10/04/1903 e faleceu solteira em 20/04/1989, na Macajuba.

12 – João Evangelista de Vasconcelos – nasceu em 25/04/1907 e casou em 11/09/1932, com *Raimunda Maria de Freitas*, nascida em 04/03/1916 no Jenipapeiro, filha de Raimundo José de Freitas e Antônia Maria de Jesus. Ela faleceu em 11/02/1983, no Jenipapeiro e ele em 14/07/1997, em Cruz.

13 – Rita Firmo de Vasconcelos – nasceu em 12/12/1908 e casou em 26/10/1933, com *Gabriel Nunes de Freitas*, nascido em 16/03/1908 no Canema, filho de Raimundo Marques de Freitas e Antônia Maria

Era Uma Vez na Cruz.indd 64 6/1/2009 10:50:08

de Jesus. Faleceram na localidade de Córrego das Varas, ela em 02/04/1982 e ele em 24/06/1998

Até aqui mostramos a descendência de Antônio Carlos e Maria Angélica – sua 1ª esposa. Passemos agora ao seu 2º casamento.

Antônio Carlos e Anna Joaquina – oito filhos.

01 – Antônio Francisco Teixeira de Vasconcelos nasceu em 04/03/1829, em Cruz e casou-se em 30/07/1850, com *Maria Theotônia de Menezes*, também natural de Cruz (lagoa dos Talos, atual bairro Brasília), nascida em 16/01/1833, filha de Theotômio Francisco de Menezes e Geralda Maria da Conceição.
02 – Angelina de Vasconcelos nasceu em 1830 e casou-se com *Pedro Marques da Rocha*, desconhecemos a data bem como a filiação do noivo. Consta do registro de casamento de seu filho Joaquim Marques da Rocha que ANGELINA já era falecida naquela ocasião (Reg. 9, do 1° Livro em 03/10/1891) e que eles moravam no local Carrapateiras
03 – Maria de Vasconcelos nasceu em 1832, sem mais dados.
04 – Zeferina de Vasconcelos nasceu em 1833 e casou-se com *Theotônio Francisco de Menezes*, viúvo e seu tio. Ele nasceu em Cruz, em 18/02/1802 e faleceu em junho de 1876. Era filho de Francisco Teixeira Pinto e Anna Maria de Jesus. Dos filhos deste casal falaremos no capítulo dedicado à família do Teixeira Pinto.
05 – Benvinda Vasconcelos nasceu em 1834, sem mais dados.
06 – Anna Francisca de Paula nasceu em 1836 e casou-se em 31/10/1856, com *Francisco Teixeira Pinto Neto*, filho de Bernardino Francisco de Albuquerque e Antônia Rita de Araújo.
07 – Cezário de Vasconcelos nasceu em 1837.
08 – Domingos de Vasconcelos nasceu em 1838.

Vamos tratar agora dos filhos do primeiro casal

Antônio Francisco e Maria Theotônia, casados em 30/07/1850, fizeram sua morada no lugar conhecido à época por lagoa do Zacarias, hoje Aningas, onde faleceram: ela em 04/11/1904 e ele

Era Uma Vez na Cruz.indd 65 6/1/2009 10:50:08

em 06/09/1906. Ainda existe por lá pedaços do alicerce daquela casa, no terreno de propriedade do Manoel Clemente, situado na Rua Francisco Muniz – bem na curva que leva ao rio – quase em frente à casa do mencionado Manoel Clemente.

01 – Úrsula Maria da Purificação nasceu em 31/01/1852 e casou em 1872, com *Antônio Farias de Menezes*, nascido em 27/02/1841, filho de Theotômio Francisco de Menezes e Geralda Maria da Conceição. Ambos faleceram nas porteiras: Úrsula em 1905 e seu marido em janeiro de 1918.

02 – Lúcio Teixeira de Vasconcelos nasceu em 21/08/1854 e casou em 15/10/1885, com *Raymunda Nonata de Vasconcelos*, nascida em 27/05/1868, no Capim, filha de Manoel Antônio de Vasconcelos e Maria do Carmo de Jesus.

03 – Maria Florência de Vasconcelos nasceu em 14/03/1856 e casou em 1884, com *Livino Francisco de Menezes*, nascido em 06/06/1857, filho de Gabriel Antunes de Menezes e Antônia Anastácia de Araújo. Não descobri a data de falecimento deles, mas seus nomes identifiquei no registro de nascimento de seu neto José Francisco de Farias Menezes (filho de Sixto Romão de Farias e Philomena Apolônio de Menezes), nascido em 19/09/1911 e registrado em 22/10/1916 sob o nº 967, às fls. 123v/124 do livro A-3 do Cartório de Acaraú. Neste registro consta Maria Florência de Menezes, o nome de casada, mas sua neta (Mª Alice de Menezes) disse-me que o nome dela era *Maria Florência dos Anjos*.

04 – José Germano de Vasconcelos nasceu em 28/05/1860 e casou com *Maria Lourença de Menezes*, nascida em 1864 na lagoa dos Talos – Cruz (irmã da mãe dele, por parte de pai). Era filha Theotômio Francisco de Menezes e Zeferina Maria de Vasconcelos.

05 – Manoel Raimundo de Vasconcelos nasceu em 24/11/1861 e casou em 1885, com *Mariana Antunes de Menezes*, nascida em 1870 na localidade de Carrapateiras. Para mais detalhes ver certidão de nascimento da filha do casal [Cristina Maria de Menezes] no ANEXO II, deste livro.

06 – Philomena Benvinda de Vasconcelos (ou Philomena Benévola como aparece no seu registro de casamento nº 9, do 1º livro), nasceu

Era Uma Vez na Cruz.indd 66 6/1/2009 10:50:08

em 23/01/1863 e casou em 03/10/1891 em Cruz, com *Joaquim Marques da Rocha*, nascido em 1857 em Carrapateiras, viúvo de Philomena Francisca da Conceição e filho de Pedro Marques da Rocha e Angelina Maria da Conceição.
07 – Antônio Teixeira de Vasconcelos nasceu em 20/03/1866, nada descobri sobre este e os três irmãos seguintes.
08 – Maria de Vasconcelos – nasceu em 11/06/1867.
09 – José Teixeira de Vasconcelos – nasceu em 16/01/1869.
10 – Anna Teixeira de Vasconcelos – nasceu em 23/02/1871.
11 – Joaquim Felipe de Vasconcelos – nasceu em 01/05/1872 e casou em 07/02/1903 com *Vicência Maria de Albuquerque*, nascida em 19/01/1882, filha de Francisco Bernardino de Albuquerque e Antônia Idalina de Araújo.

Encerramos aqui a mostra da descendência de Antônio Carlos e sua 2ª esposa, ANNA e passamos ao seu 3º e último casamento.

ANTÔNIO CARLOS e IGNEZ

Do casamento com IGNEZ, realizado em 09/04/1842, teria nascido **Alexandre Bernardino de Vasconcelos**, por volta de 1850. Nenhuma informação consegui sobre ele. A novidade é que o Wellington Muniz localizou o registro deste casamento, através de microfilmes dos documentos paroquiais, celebrado na Fazenda Cruz, em 02/10/1844, onde os pais dela foram identificados e também o nascimento de dois filhos: o Alexandre, acima referido e uma Maria nascida em 11/11/1848. Ignez Maria de Jesus teria falecido em 1877, segundo o manuscrito da minha bisavó Raymunda.

É oportuno salientar que deixamos de considerar alguns "Vasconcelos" deste tronco, conforme especificamos a seguir:

1. os irmãos de Antônio Carlos, cuja descendência desconhecemos;

2. os outros filhos de Joana Correia e Manuel Carlos, que também não temos informações sobre sua descendência;

Era Uma Vez na Cruz.indd 67 6/1/2009 10:50:08

3. os "Vasconcelos" nascidos de relações extra-conjugais, com o objetivo de evitar possíveis polêmicas;

4. os Vasconcelos do também português, Capitão **Matheus Mendes de Vasconcelos** casado com Maria Ferreira Fonteles (ou Pinto), filha de Manoel Ferreira Fonteles e Maria Pereira, moradores da Fazenda Curralinho. A descendência deles ficou mais pelo Marco e Santana do Acaraú, onde o pai de Maria Ferreira tinha muitas terras. Matheus Mendes pode até ser parente do nosso Manoel Carlos de Vasconcelos, mas, não faz parte do nosso tronco genealógico.

5. e a descendência de Alexandre José de Vasconcelos que, acredito, seja filho de um irmão de Antônio Carlos; como não posso provar tal parentesco e a família é grande, dedico a este um capítulo específico.

Era Uma Vez na Cruz.indd 68 6/1/2009 10:50:08

ALEXANDRE JOSÉ DE VASCONCELOS
e sua descendência

Sebastião Luiz de Vasconcelos, de saudosa memória (N. 18/04/1925 <> F. 20/08/2007), era descendente de Alexandre José, e muito interessado pela história dos seus antepassados. Assim, pesquisou entre os seus contemporâneos e foi seguindo o rastro dos indicados como conhecedores da história, até que levantou sua genealogia. Como era amigo do meu pai, quando soube da minha pesquisa me mandou uma cópia da sua. Foi assim que nos conhecemos e acabamos trocando valiosas informações; uma pena que ele já não esteja aqui para participar do lançamento deste livro. De toda forma, acredito que, onde quer que ele esteja, ficará contente com o resultado da soma dessas pesquisas, agora, ao alcance de todos os interessados, e sem o risco de se perder no tempo.

A referida pesquisa, diz que **Alexandre José de Vasconcelos** era filho de Manoel Carlos de Vasconcelos e Maria Felicidade, esta natural de Jaibara – Sobral, segundo a tradição oral. Recentemente o Wellington me confirmou que o nome correto dela é *Felicidade Maria de Brito.*

Como falei, no capítulo "família Vasconcelos", Antônio Carlos de Vasconcelos tinha mais irmãos, entre eles um "MANOEL" que, provavelmente, seja este que aparece como pai de Alexandre José, mas não tenho como provar esta filiação. Quanto aos dois casamentos de Alexandre José, levantados pelo senhor Sebastião, confirmei nos livros antigos do Cartório do 1° Ofício de Acaraú, através dos registros de nascimento de dois dos seus netos, especificado em cada casamento, como veremos a seguir.

Alexandre José de Vasconcelos teria nascido no Jenipapeiro, onde viveu e morreu. Casou duas vezes. A 1ª vez, com Maria Eugênia

Era Uma Vez na Cruz.indd 69 6/1/2009 10:50:08

do Nascimento, com quem teve sete filhos, a 2ª, com Maria Joaquina da Anunciação, que teve seis filhos, somando 13 filhos dos dois casamentos. A filiação das duas esposas não é conhecida.

Primeiro casamento – comprovado através do registro de nascimento do neto PHILOMENO Marques de Vasconcelos [filho de Constância Maria do Nascimento], nascido em 09/out/1888, em Pajusé, e registrado sob n° 908, às fls.96v./97, do livro A-3, trazendo como avós maternos - Alexandre José de Vasconcelos e Maria Eugênia do Nascimento.

DETALHE: este registro foi feito por Constantino Júlio do Nascimento, em 10/10/1916, não sei dizer qual seu parentesco com a Constância, se irmão, tio ou mesmo filho.

Segundo casamento – comprovado através do registro de nascimento da neta MARIANINHA Maria do Nascimento [filha de Miguel José de Vasconcelos] nascida em 25/07/1889, em Timbaúba, atualmente Aranaú e registrada sob n° 124, às fls. 62 do livro A-01 (o mais antigo), que traz como avós paternos, Alexandre José de Vasconcelos e Maria Joaquina da Anunciação.

Os 7 filhos do 1º casamento [Alexandre José e Mª Eugênia]

01 – Manoel Carlos de Vasconcelos (Neto) seria o mais velho e segundo consta da pesquisa em foco também casou duas vezes. 1º com *Raimunda Izabel de Sousa (F.13/08/1815)*, que seria filha de Francisco Manoel de Sousa e Domiciana Maria de Sant'Ana e, a segunda vez, com *Eugênia Maria* de Jesus, filha de Francisco Xavier Dutra e Maria Marques de Jesus. Ele teria vivido na Lagoa Salgada, onde veio a falecer em 07/09/1907, deixando vasta descendência. O primeiro matrimônio ficou constatado no registro de casamento de seu filho [Francisco Manoel com Domiciana Maria de Sousa], assentado no Livro B-4, às fls. 172/173 que localizei, em agosto de 2004, no Cartório de Acaraú, constando lá, também, a data de falecimento dos pais do noivo - Manoel Carlos e Raimunda que tiveram seis filhos:

- Pedro Manoel de Vasconcelos – nascido em 1863, casou em

Era Uma Vez na Cruz.indd 70 6/1/2009 10:50:08

03/10/1891, com *Maria Eugênia do Espírito Santo*, nascida em 1866, no Jenipapeiro, filha de Antônio Pereira de Vasconcelos e Serafina Francisca de Maria.

- Alexandre Carlos de Vasconcelos – nascido em 19/07/1866, casou em 23/08/1893, com *Josepha Maria de Jesus*, nascida em 19/03/1867, no Jenipapeiro, filha de Manoel Marques da Costa (Filho) e Rosa Maria de Jesus.
- Maria Ferreira da Conceição – nascida em 1868, casou com Alexandre Pereira de Vasconcelos, nascido em 1869, irmão da esposa de Pedro Manoel.
- Francisco Manoel de Vasconcelos – nascido em 11/12/1872, casou em 11/05/1918, com *Domiciana Maria de Sousa*, nascida em 10/12/1880, na Lagoa Salgada, filha de João Francisco de Sousa e Maria do Livramento Bonfim.
- Miguel Arcanjo de Vasconcelos – nascido em 1873, casou com *Maria Francisca de Sousa*, nascida em 1876, também filha de João Francisco e Maria do Livramento.
- Ezequiel Terino de Vasconcelos – nascido em 1875, casou-se com *Francisca Maria de Jesus*, nascida em 29/09/1877, outra filha de Manoel Marques e Rosa.

02 – **Antonino de Vasconcelos**, nenhuma informação sobre ele.

03 – Fidelis José de Vasconcelos casou em 09/07/1868, com *Angélica Maria da Trindade*.

04 – Rosa Maria de Jesus, nascida em 08/03/1842, casou em 27/06/1861 com *Manoel Marques da Costa* (Filho), nascido em 09/06/1836, filho de Manoel Marques da Costa e Ignácia Maria de Jesus. Ambos faleceram no Jenipapeiro, ele em 12/12/1881 e ela em 26/10/1924, e lá nasceram seus sete filhos, quais sejam:

- José Marques de Freitas, nascido em 22/11/1863, casou com *Maria Madalena do Espírito Santo*, nascida em 21/07/1868, no Trairi, filha de Manoel José Monteiro e Thereza Maria de Jesus. Informações do seu neto Alônsio Marques de Freitas, segundo o qual, ela se chamava Maria Madalena Monteiro. Entretanto, o nome que consta do registro de casamento de seu filho - Manoel

Era Uma Vez na Cruz.indd 71 6/1/2009 10:50:08

Antônio (Livro B-3, fls.7v, em 10/09/1910 - Cartório de Acaraú) é Maria Madalena do Espírito Santo, provavelmente seja este seu nome de solteira. Eles Faleceram no Jenipapeiro, ele em 07/03/1933 e ela em 30/08/1961.

- Josepha Maria de Jesus, nascida em 19/03/1867, casou em 23/08/1893, com seu primo, *Alexandre Carlos de Vasconcelos,* filho de Manoel Carlos e Raimunda, nascido em 19/07/1866, na Lagoa Salgada.
- Antônia Maria de Jesus, nascida em 09/10/1868, casou em 14/05/1890, com *Raymundo Marques de Freitas*, nascido em 16/11/1862, no Tabuleirinho, filho de Antônio Nunes de Freitas e Maria Francisca de Oliveira. Esta, segundo o Raimundo Gabriel (que deu as informações sobre os "*Nunes de Freitas*" - família de seu pai), seria filha de Francisco Pernambuco de Oliveira; ele não soube dizer de onde ele veio nem quem era a sua esposa. Antônia faleceu no Córrego das Varas em 31/07/1960 ou 62 e seu marido em 11/06/1946, no Canema.
- Florêncio Marques da Costa, nascido em 21/11/1872, casou com *Maria Marques do Nascimento*, natural do Guarda – Bela Cruz, filha de Alexandre Marques de Freitas e Maria Francisca do Nascimento. O casal, assim como o nome de seus pais, foi identificado no registro de nascimento de seu filho Alexandre Marques de Freitas (Neto) lavrado no Livro A-1, sob n° 42, às fls. 31/32, Cartório de Acaraú.
- Raymundo José de Freitas, nascido em 06/03/1875, casou em 18/11/1913 (Livro B-3, fl. 126 e verso, do já citado Cartório) com *Maria Eugênia de Jesus*, sua sobrinha (filha de Antônia), nascida em 12/11/1892, no Canema. Faleceram no Jenipapeiro, ele em 21/02/1958 e ela em 24/07/1980.
- Francisca Maria de Jesus, nascida em 29/09/1877, casou com seu primo, *Ezequiel Terino de Vasconcelos,* filho de Manoel Carlos e Raimunda, nascido em 1875, na Lagoa Salgada.
- Rosa Marques – casou-se com *Rapael Pereira Brandão*, natural de Aranaú, filho de João Pereira Brandão e Maria Magdalena das Virgens.
- **05 – Rita Maria de Jesus** casou em 28/02/1856, com *Frutuoso José de Freitas*. Não consegui muitas informações sobre este

Era Uma Vez na Cruz.indd 72 6/1/2009 10:50:08

casal. Segundo a pesquisa do Sr. Sebastião, já referida na inicial, eles "viveram em Córrego Fechado e lá faleceram deixando uma prole numerosa". Dados comprovados pelo registro de nascimento do seu neto Vicente Marques Freitas (filho de Frutuoso Marques Freitas e Maria Eugênia Trindade, n. 04/09/1890 – reg. nº 932, fls. 108 - livro A-3), segundo o qual, seus pais residiam no Cajueirinho, embora ele tenha nascido no Córrego Fechado. Este registro confirma como seus avós - paternos: Antônio Nunes de Freitas e Maria Francisca de Oliveira; e maternos: Frutuoso José de Freitas e Rita Maria de Jesus.

06 – Constância Maria do Nascimento, nascida 15/02/1842, casou em 27/06/1861, com *Victoriano Marques da Costa*, filho de Manoel Marques da Costa e Ignácia Maria de Jesus. Nomes e filiação confirmados através do registro de nascimento do filho [Philomeno Marques de Vasconcelos], citado no início deste capítulo, identificando o casamento dos pais de Constância.

07 – Helena do Nascimento Vasconcelos, nascida em 10/08/1848, casou com *João Pedro da Rocha,* em 10/09/1866. Viveram na Lagoa Salgada, onde deixaram descendência, segundo o senhor Sebastião, que também informou sobre a seguinte filha:

- Filomena Júlia do Nascimento, nascida em 1881, casou com J*oão Geraldo de Sousa* em 22/06/1918 nascido em 1872, filho de Geraldo José de Sousa e Joanna Maria de Jesus.

VEJAMOS, AGORA

os 6 filhos do 2º casamento [Alexandre José e Mª Joaquina]

01 – Alexandre José de Vasconcelos (Filho), nascido em 08/03/1851, casou em 21/10/1869, com *Francisca Maria de Jesus*, nascida em 1852, filha de Vicente Marques de Sousa e Maria Francelina da Conceição. Ele faleceu em 02/11/1921, em Pitombeiras, sendo o registro de óbito providenciado por João Pereira Dutra, um amigo da família [livro nº 3, fls. 61], que declarou oito filhos. Entretanto, segundo outras informações de parentes eram 10 filhos ou mais, havendo, também, divergência entre alguns nomes.

02 – João Pereira de Vasconcelos, nascido em 1855, casou em 17/06/1874,

Era Uma Vez na Cruz.indd 73 6/1/2009 10:50:08

com *Rita Maria do Nascimento*, nascida em 1848, filha de Manoel Gregório do Nascimento e Thomázia Maria da Conceição. Ele faleceu em 19/08/1931, no Jenipapeiro, embora a pesquisa do Sr. Sebastião diga que ele se instalou no Córrego da Prata.

03 – Miguel José de Vasconcelos, nascido em 02/10/1856, casou-se 1º com *Cosma Brandão* e depois com *Maria José do Nascimento*, nascida em 1866, em Aranaú. As duas eram filhas de João Pereira Brandão e Maria Magdalena das Virgens..

04– Geraldo José de Vasconcelos, nascido em 05/12/1857, casou com *Maria da Conceição Costa*, nascida em 20/07/1864, filha de Manoel da Costa Paixão e Rita Francisca do Espírito Santo. Ambos faleceram no Jenipapeiro, ele em 09/02/1926 e ela em 19/08/1950. Nomes e filiação confirmados em Cartório, através do registro da filha Idalina (n.01/02/1890, Reg. nº 175, fl. 90/v°, Livro A-1, o mais antigo).

05 – Maria Anna de Vasconcelos, nascida em 25/05/1859, casou com *Antônio Manoel de Vasconcelos*, nascido em 1855, filho de Clemente José de Vasconcelos e Anna Barreto de Jesus. Ele faleceu em 28/10/1915 e, na mesma data, seu irmão Pompílio Procópio de Vasconcellos fez o registro de óbito, lavrado, sob n° 790, à fl. 172v°, do Livro n° 2, do já referido Cartório, onde podemos confirmar também, o nome dos seus pais.

06 - José Alexandre de Vasconcelos, casou-se em 17/09/1876 com *Francisca Romana de Maria*, natural de Aranaú, onde o casal teria vivido. Francisca era filha de João Pereira Brandão e Ignácia Maria da Purificação.

Certamente este número de filhos pode não ser exato, estamos trabalhando com uma memória muito antiga. Nossa base nesse caso – a pesquisa do Sr. Sebastião – foi complementada pela pesquisa do Wellington Muniz de Souza, nos microfilmes do Cartório e da Igreja.

Considerando que esta segunda família de **Alexandre José de Vasconcelos** é mais nova e conhecida, com vasta descendência na Lagoa Salgada, além da inter-relação entre as duas famílias, com diversos casamentos entre primos, entendo que os dados aqui apresentados, são suficientes para que seus descendentes possam levantar o histórico da sua própria família até o presente.

Já os filhos do primeiro casamento [Alexandre José e Maria Eugênia], são pouco conhecidos. Uma família antiga, que agregou novas famílias, muitas das quais se estabeleceram fora do então povoado de Cruz. Por essa razão direcionei o foco da minha pesquisa no Cartório para eles, buscando registros de nascimento de seus netos, ou casamento de filhos, visando comprovar até mesmo a existência deles, assim como a filiação. Foi necessário expandir mais a geração, para que seus descendentes se encontrem através dela.

Era Uma Vez na Cruz.indd 74 6/1/2009 10:50:09

FRANCISCO TEIXEIRA PINTO

Tronco de diversas Famílias menores

FRANCISCO TEIXEIRA PINTO, segundo a tradição oral era filho de Manuel Coelho de Albuquerque, um português que teria chegado ao Brasil no início do ano de 1776, fugindo da guerra e fixado residência na Serra de Uruburetama. Não se sabe o nome da esposa, mas dizem que o casal teve três filhos: 2 homens e uma mulher, sendo Francisco Teixeira Pinto o filho mais velho. Também não se sabe por que se separou da família vindo para nossa região. A realidade conhecida dele é a partir da sua união com os Vasconcelos pelo casamento, quando se estabeleceu no povoado de Cruz. Entretanto, a memória popular nos trouxe algumas histórias, sobre a vinda do mencionado Teixeira Pinto para essas bandas de cá. Apresento aqui duas delas:

1ª - a Rádio 6 de Abril veiculou um "Programa Conversando com o Cidadão", por volta de 2002, onde o senhor CHAGA SAMU (Francisco das Chagas da Silveira – n.21/02/1917, residente na Lagoa de Baixo) contou de memória, o que sabia sobre o passado da comunidade, incluindo, na 2ª parte do programa, a história do Teixeira Pinto e de seu filho Albano José da Silveira. Este último era bisavô do senhor Chaga Samu, pelo lado paterno. Nesta ocasião ele fala que Manuel Coelho de Albuquerque teria chegado a Uruburetama em 1770, e lá casado com *Maria do Socorro Pinto*, de cuja união teria nascido 5 filhos: Rita - 1772; Guilermina – 1774; Hermínia – 1776; Francisco Teixeira Pinto – 1777 e Angelina – 1779.

Nada se conhece desses irmãos do FranciscoTeixeira Pinto. Nem mesmo o nome da mãe (Maria do Socorro Pinto) era conhecido antes do programa acima mencionado.

Era Uma Vez na Cruz.indd 75 6/1/2009 10:50:09

Segundo essa mesma fonte, FRANCISCO TEIXEIRA PINTO teria vindo para Cruz antes de 1800, acompanhando um grupo de 20 famílias, aproximadamente – originárias de Uruburetama a Santana do Acaraú - que fugiam de uma grande seca que assolava o Ceará. Referidas famílias se estabeleceram no baixo Acaraú, distribuindo-se pelas praias do Acaraú ao Guriú. E seriam as famílias conhecidas como: CARLOS, MARQUES, BRANDÃO E FARIAS. O Manoel Carlos ficou na Cruz e a razão da vinda do Francisco Teixeira Pinto teria sido o amor pela filha de Manoel Carlos – "*Anna Maria de Jesus*", com quem se casou por volta de 1800.

Pelo menos no que se refere ao Manoel Carlos (Manoel Pereira de Vasconcelos) essa história não condiz com a realidade pesquisada, pois o mesmo casou-se em 19/10/1765, em Bela Cruz, e segundo seus descendentes, ele nasceu e faleceu no povoado de Cruz; e mais ainda, seus pais Joana Correia da Silva e Manoel Carlos de Vasconcelos casaram-se em 05/10/1735, no sítio Castelhano, assunto detalhado nos capítulos dedicados a Joana Correia e família Vasconcelos, respectivamente.

Mas existe ainda outra história sobre o motivo da vinda do Francisco Teixeira Pinto, que já não me lembro quem contou. Ele teria se desentendido seriamente com a segunda esposa de seu pai, por isso teria fugido de lá, em busca do porto, pensando em ir para Portugal, já que não acreditava que seu pai o perdoasse. Assim teria chegado ao povoado de Cruz e encontrado Manoel Carlos, que, quem sabe lhe arrumou trabalho e moradia... e acabou casando com a filha dele... tudo no campo da lenda...

FAMÍLIA DE TEIXEIRA PINTO

Francisco Teixeira Pinto teria nascido em 17/09/1777 e, em 1800, casado com *Anna Maria de Jesus*, filha de Manuel Pereira (Carlos) de Vasconcelos e Ana Maria da Conceição, com quem teve 11 filhos, sendo sete homens, que receberam diferentes sobrenomes: Menezes, Albuquerque, Cavalcante de Albuquerque, Nascimento, Silveira e Teixeira Pinto – sete filhos homem e seis sobrenomes – incluindo o seu, que ele deu ao penúltimo filho. Assim temos novas famílias, unidas aos Vasconcelos que, a rigor, seria a família "Vasconcelos Teixeira Pinto", ou no mínimo, uma variação desses três sobrenomes.

Era Uma Vez na Cruz.indd 76 6/1/2009 10:50:09

Relação dos onze filhos deste casal

01 – Theotônio Francisco de Menezes – nasceu em 1802 e casou duas vezes, a 1ª com *Geralda Maria da Conceição*, natural de Santana do Acaraú, nascida 13/10/1809 e falecida em 1848 ou 1850. Sua filiação não é conhecida. É possível, porém, que ela tenha alguma ligação como José Luiz de Farias, conhecido como Ten. José Luiz. O segundo casamento foi com a sobrinha *Zeferina Maria de Vasconcelos*, nascida em Cruz, em 1833, filha de sua irmã ANNA casada com Antônio Carlos de Vasconcelos.

Abro agora um pequeno parêntese para falar sobre o capitão Theotônio que, segundo Nicodemos Araújo, fez parte da 1ª Câmara Municipal de Acaraú, cujo pleito eleitoral realizou-se em 01/10/1850 e a correspondente apuração em 14 de novembro do mesmo ano, no Juizado de Sobral. Entre os 17 vereadores relacionados, com as respectivas quantidades de votos, Theotônio Francisco de Menezes foi o 9º colocado, com 1003 votos; sendo que o vereador mais votado teve 1012 votos e o menos votado teve 242 votos (Livros: Município de Acaraú – Notas para sua Historia – p.55 e O Município de Cruz – p.35).

02 – Anna Joaquina da Conceição – nasceu em 1803 e casou em 28/03/1828 com *Antônio Carlos de Vasconcelos*, nascido em out/1786, em Cruz, filho de Manoel Pereira de Vasconcelos e Ana Maria da Conceição. Anna faleceu em 1840 e seu esposo em 02/05/1870, em Cruz. Os filhos deste casal foram relacionados no capítulo dedicado a Família Vasconcelos.

03 – Bernardino Francisco de Albuquerque – nasceu em 1805 e casou em 1835 com *Antônia Rita de Araújo*, sobre a qual não temos outras informações.

04 – Maria da Conceição – nasceu em 1807, não casou.

05 – Rita Maria do Espírito Santo – nasceu em 1808 e casou em jan/1835 com *Manoel Antônio de Vasconcelos*, nascido em Cruz, em 01/01/1815, filho de Antônio Carlos de Vasconcelos de Maria Angélica Dutra. Os filhos de Rita e Manoel foram relacionados no capítulo dedicado a Família Vasconcelos.

Era Uma Vez na Cruz.indd 77 6/1/2009 10:50:09

06 – Quitéria Maria da Conceição – nasceu em 1810 e faleceu em 23/06/1890, solteira, conforme o registro de óbito nº 117, às fls. 53, do Livro C-1, do Cartório do 1º Ofício de Acaraú, onde consta também, que ela tinha 80 anos naquela data. O pai dela é que saiu com o nome errado (Bernardino Teixeira Pinto) neste documento, embora o declarante fosse seu sobrinho - Urbano José da Silveira.

07 – Miguel Cavalcante de Albuquerque – nasceu em 1812 e casou em 1835 com *Maria Thereza da Silveira*, nascida em 1818, em Bela Cruz, filha de José da Silveira Dutra e Francisca de Araújo Costa.

08 – Alexandre Bernardino de Albuquerque – nasceu em 1814 e casou em 1840 com *Maria da Penha da Exaltação*, filha de Antônio Carlos de Vasconcelos e Maria Angélica Dutra. Ele faleceu em 28/04/1884; sobre ela as informações eram divergentes e escassas, até mesmo seu nome só foi identificado quando localizamos o Registro de Casamento do seu filho (Valdevino) sob n° 211, às fls. 136/v°, do Livro 1-B, do Cartório já referido

09 – Manuel Gregório do Nascimento – nasceu em 25/12/1815 e casou em 1840 com *Thomazia Maria da Conceição*, nascida em 1817, filha de Manoel do Ó e Ana América. Thomazia faleceu em 17/08/1910, viúva, em Lagoa dos Gregórios, conforme registro de óbito nº 515, às fls. 39v, do livro C-2, juntado no ANEXO II. Este casal morava no lugar "extrema do Capim", segundo consta do registro de casamento de seu filho Francisco Gregório.

10 – Antônio Teixeira Pinto – nasceu em 1817 e casou duas vezes. A 1ª em 1840, com *Rufina Maria de Oliveira Magalhães*, em Santa Quitéria, onde ele teria servido como major da Guerra Nacional. O pai de Rufina seria Domingos Rodrigues Magalhães, segundo a tradição oral, o nome da mãe não consegui descobri. O 2º casamento de Antônio foi em 18/08/1885 com *Joana Maria da Conceição*, nascida em 1852. Este registro foi mais um achado das pesquisas do Wellington nos documentos da Igreja de Acaraú, microfilmados pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos dias. Ele observa que o Major Antônio Teixeira Pinto tinha 68 anos quando casou pela segunda vez, na Capela de Cruz, o que confirma seu nascimento em 1817. Não houve filhos dessa união, segundo informa o registro de óbito do major Antônio (Livro - 1, fls. 49/v, do já referido Cartório).

Era Uma Vez na Cruz.indd 78 6/1/2009 10:50:09

O verso 42 do Cordel (ANEXO III), diz que ele possuiu três esposas, embora só cite a Rufina e seus filhos. Não localizamos o registro deste outro casamento que, se houve mesmo, teria sido após o falecimento da Rufina e, neste caso, a referência ao "segundo casamento" no documento antes referido seria falsa.

11 – Albano José da Silveira – nasceu em 1820 e também casou duas vezes. A 1ª em 1844, com *Izabel Franklina do Carmo*, natural de Bela Cruz, nascida em 1822, filha de José da Silveira Dutra e Francisca de Araújo Costa. Ela faleceu em 1894 e ele casou novamente em 05/10/1895, aos 75 anos, com *Maria Rita da Rocha*, nascida em 1870, em Acaraú, mas domiciliada no povoado de São Francisco, filha de Antonino Ferreira da Rocha e Rita Maria da Purificação – certidão juntada no ANEXO II.

Aqui começamos a relação dos netos de Francisco Teixeira Pinto, na ordem de nascimento dos seus filhos, e tendo por base as informações do cordel do Zé Livino e Jaime Farias, combinado com as informações de várias pessoas idosas das respectivas famílias, complementadas com alguns documentos de cartório, uns vistos por mim, e outros por Wellington Muniz, através de microfilmes, do Cartório e da Igreja.

- THEOTÔNIO FRANCISCO DE MENEZES e *Geralda Maria da Conceição* – 1º casamento – 1830. Residiram no povoado de Cruz (lagoa dos Talos, atual bairro Brasília), onde nasceram seus filhos.

01 - Maria Theotônia de Menezes, nascida em 16/01/1833, casou em 30/07/1850 com *Antônio Francisco Teixeira de Vasconcelos*, nascido em 04/03/1829, em Cruz, filho de Antônio Carlos de Vasconcelos e Anna Joaquina da Conceição. O casal faleceu em Aningas, ela em 04/11/1904 e ele em 06/09/1906. Seus filhos foram relacionados no capítulo da família Vasconcelos.

02 – Úrsula de Menezes, nasceu em 1834 – e, segundo diz o verso 86 do citado cordel, casou com seu cunhado *Gabriel Antunes de Menezes* (F.18/11/1907). Úrsula não teve filhos, ela já casou com mais de 40 anos, considerando que Gabriel ficou viúvo em 1877.

Era Uma Vez na Cruz.indd 79 6/1/2009 10:50:09

03 – Antônia Anastácia de Araújo, nascida em 1835 (F. 1877), casou em 30/08/1855 com *Gabriel Antunes de Menezes,* o qual seria filho de Manoel Marques que morreu assassinado (ver detalhes nos versos 81 e 82 do cordel – ANEXO III).

04 – Gregório Francisco de Menezes, nascido em 1836, casou-se em 1864 com *Maria Franklina do Carmo*, nascida em 1848, em Cruz, filha de Albano José da Silveira e Izabel Franklina do Carmo. Ambos faleceram na Ilha Redonda, mas desconheço a data. Ela ficou conhecida, na memória popular, como *Maria do Carmo da Silveira*, entretanto, na Certidão de Casamento Civil de sua filha ANNA RITA c.c. Manuel Raymundo de Albuquerque (ANEXO II), consta *Maria Franklina do Carmo,* por isso estou considerando que este seja seu nome de solteira.

05 – Theotônio Francisco de Menezes (Filho), nascido em 1837, casou com *Francelina Maria da Conceição*, que segundo alguns de seus descendentes teria vindo do Sertão.

06 – Antônio Farias de Menezes, nascido em 27/02/1841, casou em 1872 com *Úrsula Maria da Purificação*, nascida em 31/01/1852, em Aningas, filha de Antônio Francisco Teixeira de Vasconcelos e Maria Theotônia de Menezes. Antônio e Úrsula faleceram na localidade de Porteiras, ela em 1905 e ele em jan/1918, sendo seus nomes confirmados através do registro de nascimento de seu neto José Francisco de Farias Menezes (filho de Sixto e Philomena), nascido em 19/09/1911 e registrado em 22/10/1916, sob n° 967, às fls. 123v°/124, do Livro n° A-3, do Cartório.

07 – Manoel Theotônio de Menezes, nascido em 1842, casou-se com *Josephina Maria de Jesus*, filha de Manoel Antônio de Freitas e Francisca Manoela do Nascimento.

08 – Inocência Maria da Conceição Araújo – nasceu em 30/05/1844 e casou com José Luiz Damasceno de Farias.

09 – João Evangelista de Menezes, nascido em 1847, casou duas vezes. A 1ª em 1872, com *Maria José de Menezes*, nascida em 10/06/1856, filha de Gabriel Antunes de Menezes e Antônia Anastácia de Araújo. A 2ª em 1878, com *Geralda Maria da Conceição*, filha de Thetônio Francisco Menezes Filho e Maria Francelina da Conceição.

Era Uma Vez na Cruz.indd 80 6/1/2009 10:50:09

As duas eram sobrinhas dele. João faleceu em mai/1890, na Ilha Redonda e Geralda em jun/1931, em Porteiras.

Capitão Theotônio ficou viúvo por volta de 1850, casando-se novamente em 1853 ou 55, (ou neste espaço de tempo), com a sobrinha *Zeferina Maria de Vasconcelos*, nascida em Cruz, em 1833, filha de sua irmã ANNA casada.com. Antônio Carlos de Vasconcelos. Dessa união nasceram mais 9 filhos, relacionados logo abaixo.

01 – Hygino Francisco de Menezes, nascido em 11/06/1855, casou com *Vitalina Francisca de Vasconcelos*, filha de Feliciano Francisco de Vasconcelos e Felismina Francisca de Jesus.
02 – Tibúrcio de Menezes, nascido em 09/04/1857, sem outras informações.
03 – Maria Pia de Menezes, nascida em 1859, casou em 29/09/1891, com *Francisco Gregório do Nascimento*, nascido em 1857, filho de Manoel Gregório do Nascimento e Tomázia Maria da Conceição, conforme registro nº 6, do Livro n° 01; e consta dele que o noivo tinha 34 anos e a noiva 32, na ocasião. Maria Pia faleceu 12/03/1913.
04 – Maria Magdalena de Menezes, nascida em 29/06/1860, faleceu em 09/12/1912. Sem outras informações, assim como os três últimos filhos desta seqüência.
05 – Maria Zeferina da Exaltação, nascida em 1863, casou em 24/05/1893 com *Luiz José da Silveira*, nascido em 1847, filho de Albano José da Silveira e Izabel Franklina do Carmo.
06 – Maria Lourença de Menezes, nascida em 09/01/1864, casou com *José Germano de Vasconcelos*, nascido em 28/05/1860, em Aningas, filho de Antônio Francisco Teixeira de Vasconcelos e Maria Theotônia de Menezes.
07 – Raymundo de Menezes – nasceu em 23/03/1869.
08 – Maria Petronília de Menezes – nasceu em 31/05/1870
09 – Aprígio de Menezes – nasceu em 03/01/1875.

- BERNARDINO FRANCISCO DE ALBUQUERQUE e *Antônia Rita de Araújo* – casaram em 1835. Residiram no povoado de Cruz, onde nasceram seus nove filhos.

Era Uma Vez na Cruz.indd 81 6/1/2009 10:50:09

01 – Francisco Teixeira Pinto (Neto), nascido em 1836, casou com *Anna Francisca de Paula*, nascida também em 1836, filha de Antônio Carlos de Vasconcelos e Anna Joaquina da Conceição.
02 – Maria Francisca de Jesus, nascida em 1839, casou com *José Luiz de Farias*, também conhecido como tenente Zé Luiz, sem filiação conhecida da nossa memória popular.
03 – Felismina Francisca de Jesus, nascida em 1841, casou-se duas vezes. A 1ª com *Feliciano Francisco de Vasconcelos* (não conheço a filiação), com quem teve duas filhas: Filomena e Vitalina. O segundo casamento foi com *Domingos José Rodrigues*, filho de José Muniz Rodrigues e Maria Antônia Rodrigues. Os filhos desta união estão relacionados no capítulo da família Muniz.
04 – ANNA – nasceu em 22/07/1843; sem informação.
05 – Izaías Francisco de Albuquerque, nascido em 1845, casou em 1874 com *Belarmina Francisca da Silveira*, nascida em 1854, filha de Albano José da Silveira e Izabel Franklina do Carmo.
06 – Bárbara Francisca de Albuquerque, nascida em 1847, casou em 07/09/1867, na Capela de Cruz, com *Vicente da Silveira Araújo*, nascido em 02/09/1843, em Bela Cruz, filho de Francisco Joaquim da Silveira e Beatriz Geracina de Araújo Costa.
07 – RITA, nascida em 1849, sem mais informação.
08 – Maria Madalena de Albuquerque, nascida em 03/10/1851, casou com *Luís Malachias do Nascimento*, nascido em 03/11/1844, em Cruz, filho de Manoel Gregório do Nascimento e Thomázia Maria da Conceição. Maria Madalena e Luís faleceram no Poço da Onça, mas a data não é conhecida.
09 – Felicíssimo Francisco de Albuquerque, nascido em 1854, casou em 09/10/1876 com *Geralda Maria da Conceição*, filha de Theotônio Francisco de Menezes (Filho) e Francelina Maria da Conceição. Esta é a mesma Geralda que casou em 1878 com seu tio João Evangelista de Menezes; ela faleceu em jun/1931 em Porteiras.

- MIGUEL CAVALCANTE DE ALBUQUERQUE e *Maria Thereza da Silveira* – casaram em 1840 e residiram em Bela Cruz, pois o registro de nascimento e casamento, de alguns dos seus oito filhos é de lá.

Era Uma Vez na Cruz.indd 82 6/1/2009 10:50:09

01 – JOÃO – nasceu em 1841; sem mais informação.
02 – Maria Thereza da Silveira, nascida em 1845 (F.1914), casou em 24/04/1867, em Bela Cruz, com *Joaquim Lopes de Araújo Costa*, nascido em 1840, em Bela Cruz, sendo filho de João de Araújo Costa e Maria José do Espírito Santo.
03 – JOSÉ – nasceu em 1847 – sem mais informação, assim como os filhos seguintes – os de nº 04 a 07.
04 – Maria Lourença – nasceu em 1851.
05 – Guilhermina – nasceu em 1853.
06 – Belarmina – nasceu em 1857.
07 – Francisca – nasceu em 1859.
08 – Manoel Teixeira da Silveira, nascido em 18/09/1862, casou em 18/09/1884 com *Maria José da Silveira*, filha de José Ferreira de Araújo e Antônia Maria de Jesus. Ele faleceu em Varjota, Bela Cruz, antes de 1920.

- – ALEXANDRE BERNARDINO DE ALBUQUERQUE e *Maria da Penha da Exaltação* – casaram em 1840 e residiram em Cruz, onde nasceram seus sete filhos.

01 – Manoel Teixeira de Albuquerque, nascido em 1840, casou com *Francelina Maria de Araújo*, não descobri sua filiação.
02 – Francisco Bernardino de Albuquerque, nascido em 20/06/1843, casou duas vezes. A 1ª vez em 19/07/1865, na Fazenda Cruz, com sua prima *Antônia Idalina Araújo*, nascida 1859 e falecida em 01/06/1882, era filha de Antônio Teixeira Pinto e Rufina Maria de Oliveira Magalhães. A morte de Antônia Idalina aconteceu poucos meses após o nascimento de Vicência Maria de Albuquerque (c.c. Joaquim Felipe de Vasconcelos em 07/02/1903), tendo sida a menina criada, segundo lembra meu pai, por sua tia, Antônia Waldivina, (c.c. Antonino Albano). Francisco Bernardino casou pela segunda vez com *Felina Rodrigues Magalhães*, nascida em 1862, filha de Francisco Rodrigues de Oliveira Magalhães e Maria Delfina de Magalhães Araújo. A partir de então ele deve ter se mudado para Gijoca, pois não encontramos no município de Cruz ninguém que

Era Uma Vez na Cruz.indd 83 6/1/2009 10:50:09

soubesse informar sobre seus filhos, ou com quem ele casou. Precisei ir à Gijoca, onde conheci alguns descendentes dele que me deram muitas informações, recentemente completadas, principalmente no que se refere aos seus dois casamentos, localizados por Wellington Muniz, nos microfilmes dos registros paroquiais da Igreja de Acaraú. Ele localizou e relacionou nove filhos de cada casamento, e pelas informações colhidas na Gijoca, lá é por assim dizer, o berço deles, donde se distribuíram para povoados e cidades vizinhas.

03 – Rita Francisca de Albuquerque, nascida em 1846, casou em 19/10/1875 com *Manoel Antônio de Vasconcelos*, filho de Joaquim Pereira de Vasconcelos e Teodora Maria de Jesus.
04 – Maria Luiza de Albuquerque, nascida em 09/08/1848, casou em 01/02/1868 com *João Rodrigues de Vasconcelos*, filho de Antônio Rodrigues de Vasconcelos e Maria Quitéria do Espírito Santo.
05 – Alexandre Bernardino Filho, nasceu em 1850.
06 – Antônia Waldivina de Albuquerque, nascida em 09/07/1852, casou em 1880 com *Antonino José da Silveira*, nascido em 21/04/1852, filho de Albano José da Silveira e Izabel Franklina do Carmo.
07 – Waldivino Francisco de Albuquerque, nascido em 15/04/1857, casou em 14/06/1902 com *Maria Ferreira de Araújo*, nascida em 1866, filha de Domingos Ferreira de Araújo e Maria Florinda (ou Florentina) da Fonseca.

- – MANOEL GREGÓRIO DO NASCIMENTO e *Thomázia maria da Conceição* – casaram em 1840 e tiveram 17 filhos.

01 – Anna Maria da Conceição, nascida em 1841, casou em 08/06/1861 com *Antônio José de Farias*, filho de Manoel Luiz Pereira Brandão e Maria Alves da Penha.
02 – Gabriel Teixeira do Nascimento, nascido em 1842, casou com *Maria Joaquina*, desconheço sua filiação.
03 – Gregório Francisco do Nascimento, nascido em 24/02/1843, casou com *Úrsula Maria da Conceição* (F.1942), filha de Vidal Ferreira Fonteles e Ana Joaquina da Conceição. Segundo informações de seu neto ODILON, Úrsula, veio do Estreito, Município de Santana do Acaraú.

Era Uma Vez na Cruz.indd 84 6/1/2009 10:50:09

04 – Luís Malachias do Nascimento, nascido em 03/11/1844, casou com *Maria Magdalena de Albuquerque*, nascida em 03/10/1851, filha de Bernardino Francisco de Albuquerque e Antônia Rita de Araújo.
05 – Izabel Francisca do Nascimento, nascida 1845 (F.30/06/1921), casou em 24/11/1862, com *Vicente Francisco da Silveira*, filho de Ignácio Manoel da Silveira e Rita Maria da Conceição.
06 – Maria Thomázia do Nascimento, nascida 1847, sem outras informações.
07 – Rita Maria do Nascimento, nascida em 1848, casou em 17/06/1874, com *João Pereira de Vasconcelos*, nascido em 1855 (F.19/08/1931), no Jenipapeiro, filho de Alexandre José de Vasconcelos e Maria Joaquina da Anunciação.
08 – Manoel Gregório do Nascimento – nasceu em 1850 e faleceu em 30/01/1929.
09 – Antônia Thomázia do Nascimento, nascida 1851, casou em 19/10/1876, com *João Luiz de Sousa*, filho de Luiz Joaquim de Sousa e Teodora Maria Carolina.
10 – João do Nascimento – nasceu 1852, sem outras informações.
11 – Antônio Gregório do Nascimento, nascido em 18/03/1854, casou em 04/10/1913, em Bela Cruz, com *Maria Cypriana da Conceição*, nascida em 1873, filha natural de Maria da Conceição.
12 – Augusto do Nascimento – nasceu 1855, sem outras informações.
13 – Francisco do Nascimento – nasceu 09/01/1856, sem outras informações.
14 – Francisco Gregório do Nascimento, nascido em 1857, casou em 29/09/1891, em Cruz, com *Maria Pia da Conceição*, nascida em 1859, filha de Theotônio Francisco de Menezes e Zeferina Maria de Vasconcelos.
15 – Balbina Maria da Conceição, nascida em 15/03/1857, casou em 19/10/1876, em Cruz, com *João Baptista Teixeira*, nascido em 1856, filho de Antônio Teixeira Pinto e Rufina Maria de Oliveira Magalhães.
16 – Clementino Gregório do Nascimento – nasceu em 1860, sem outras informações.

Era Uma Vez na Cruz.indd 85 6/1/2009 10:50:09

17 – José do Nascimento – nasceu em 1862, sem outras informações.

- – ANTONIO TEIXEIRA PINTO e *Rufina Maria de Oliveira Magalhães* – casaram-se em 1840 e residiram no povoado de Cruz, onde nasceram seus 5 filhos.

01 – Francisco Rodrigues de Oliveira Magalhães – nasceu em 15/04/1845 e casou-se quatro vezes. A 1ª vez com *Maria Delfina de Magalhães Araújo*, não temos outras informações sobre ela, nem a data deste casamento, mas o primeiro dos seus 8 filhos nasceu em 1862 e o último em 1882, conforme registro de óbito do esposo (12/09/1907, livro C-2, fls. 9v, reg. 458, do Cartório). A 2ª vez ele casou com *Porcina Rodrigues de Araújo*, que faleceu de parto em 31/01/1895, aos 34 anos, diz o registro de óbito (livro - 1, fl.156v), na localidade "Jurema" em Acaraú, e relaciona 4 filhos, o mais velho com 8 anos e a mais nova com três, o que nos leva a deduzir que no referido parto a criança também morreu, ou então esqueceram de relacioná-la. Também consta que seus pais: Domingos Henrique de Araújo e Delfina Henrique de Araújo (Delfina Maria da Anunciação, segundo Wellington, provável nome de solteira) moravam em Santana do Acaraú. O 3º casamento de Francisco Rodrigues de Oliveira Magalhães foi com *Maria Dorothéia de Albuquerque*, que teve 2 filhos: um em 1897 e outro em 06/05/1898. Foi através do registro de nascimento deste último filho – João Damasceno Magalhães (livro A-1, reg. 400, fl.199) que confirmamos a informação de que as duas últimas esposas eram irmãs, filhas de Raimundo Coelho de Albuquerque e Maria da Conceição de Albuquerque. O 4º casamento foi em 22/09/1901, em Acaraú (livro nº 1, reg. 201, fl. 128v) com *Francisca Manuella de Albuquerque*, com 33 anos na ocasião; ela também teve 2 filhos, um em 1904 e outro em 1907, ano em que viuvou. Esta última esposa é a avó do Monsenhor José Edson de Magalhães, o primeiro pároco de nossa cidade de Cruz.

Importa aqui abrir novo parêntese para registrar os feitos deste cidadão que, no dizer de Nicodemos de Araújo (Livro "O Município

Era Uma Vez na Cruz.indd 86 6/1/2009 10:50:09

de Cruz" - p. 59), foi o mais ilustre cidadão cruzense de todos os tempos. Era Tenente-Coronel e ocupou vários cargos públicos como: Intendente - 25/05/1893, Deputado Estadual – 1897 e Procurador de Justiça, nomeado em 30/09/1899 pelo Governador Antônio Pinto Nogueira Acioly. Embora nascido em Cruz, o registro de óbito diz que ele era domiciliado em Acaraú, certamente a sua ascensão política o levou para lá, que já era uma cidade próspera, enquanto Cruz era apenas um pequeno povoado.

02 – Manoel Antônio Teixeira – nasceu em 1847 e casou em 09/01/1868 com *Maria Jesuína da Conceição*, não descobri sua filiação.
03 – Antônia Idalina de Araújo – nasceu em 1850 e casou com *Francisco Bernardino de Albuquerque*, nascido em 1843, filho de Alexandre Bernardino de Albuquerque e Maria da Penha da Exaltação. Ela faleceu em 01/06/1882 e ele em 02/02/1898.
04 – Herculano Teixeira de Magalhães – nasceu em 1852 e casou com *Francisca Antônia do Nascimento*, também sem filiação.
05 – João Baptista Teixeira – nasceu em 1856 e casou em 19/10/1876 com *Balbina Maria da Conceição*, nascida em 15/03/1857, filha de Manoel Gregório do Nascimento e Thomázia Maria da Conceição.

- – ALBANO JOSÉ DA SILVEIRA e *Izabel Franklina do Carmo* – casaram-se em 1844 e residiram em Cruz, onde nasceram seus 15 filhos.

01 – Manoel Pinto da Silveira – nasceu em 05/05/1845 e casou duas vezes. A 1ª em 1868, com *Maria dos Anjos Fonteles*, falecida em 1878, filha de Miguel Fonteles da Silveira e Ana Joaquina de Jesus e a 2ª vez com *Maria do Carmo Fonteles*, irmã da primeira esposa. Ele faleceu em 22/01/1909.
02 – Luiz José da Silveira – nasceu em 1847 e também casou duas vezes. A 1ª vez em 1869, com *Maria Joaquina da Conceição*, nascida em 1847, filha de Pedro Marques da Rocha e Angelina Maria da Conceição. Ela faleceu em 19/10/1892 e o viúvo casou pela 2ª vez em 24/05/1893 com *Maria Zeferina da Exaltação*, nascida em 1863, filha de Theotônio Francisco de Menezes e Zeferina Mara da Conceição.

Era Uma Vez na Cruz.indd 87 6/1/2009 10:50:09

03 – Maria Franklina do Carmo – nasceu em 1848 e casou em 1864 com *Gregório Francisco de Menezes*, nascido em 1836, filho de Theotônio Francisco de Menezes e Geralda Maria da Conceição.
04 – Rita Franklina da Silveira – nasceu em 1850 e casou em 1868 com *José Graciano de Vasconcelos*, filho de Manoel Graciano de Vasconcelos e Maria Antônia da Conceição. Rita faleceu em 29/09/1929.
05 – Antonino José da Silveira – nasceu em 21/04/1852 e casou em 1880 com *Antônia Waldivina de Albuquerque*, nascida em 09/07/1852, filha de Alexandre Bernardino de Albuquerque e Maria da Penha da Exaltação.
06 – Belarmina Francisca da Silveira – nasceu em 1854 e casou em 1874 com *Izaías Francisco de Albuquerque*, nascido em 1845, filho de Bernardino Francisco de Albuquerque e Antônia Rita de Araújo. Ele faleceu em 26/07/1909.
07 – Francisca Maria da Silveira – nasceu em 05/11/1856 e casou com *Inácio Fonteles da Silveira*, nascido em 1853, filho de Miguel Fonteles da Silveira e Ana Joaquina de Jesus. Inácio faleceu em 1927, na Lagoa de Baixo.
08 – Guilhermina Maria da Silveira – nasceu em 1857 e casou em 1886 com *João Baptista Fontelles*, filho de Miguel Ferreira Fonteles e Ana Joaquina de Jesus.
09 – Anna Maria da Silveira – nasceu em 17/04/1859 e casou em 1890 com José *Raymundo Fonteles da Silveira,* filho de Manoel Fonteles da Silveira e Maria da Penha das Graças.
10 – João Batista da Silveira – nasceu em 1860 e casou em 1886 com *Francisca das Chagas Fontelles*, filha de Miguel Fonteles da Silveira e Ana Joaquina de Jesus. Ele faleceu em 30/10/1922.
11 – Urbano José da Silveira – nasceu em 1862 e casou em 30/12/1892, em Cruz, com sua sobrinha *Idalina Maria dos Anjos*, nascida em 1873, filha de Manoel Pinto da Silveira e Maria dos Anjos de Maria.
12 – Francisco José da Silveira – nasceu em 1863 e casou duas vezes. A 1ª em 1886, com *Maria Farias*, nascida em 1898. O 2º casamento foi em 1900, com Philomena Maria da Silveira, sua sobrinha, filha

Era Uma Vez na Cruz.indd 88 6/1/2009 10:50:10

de Manoel Pinto da Silveira e Maria do Carmo Fonteles.

13 – Livino José da Silveira – nasceu em 20/04/1868 e casou em 1892 com *Antônia Maria da Silveira*, também sobrinha, filha de Luiz José da Silveira e Maria Joaquina da Conceição. Ele faleceu em 27/09/1935.

14 – Maria Magdalena da Silveira – nasceu em 09/09/1869 e casou em 1894 com seu sobrinho *Antônio Graciano de Vasconcelos*, filho José Graciano de Vasconcelos e Rita Franklina da Silveira.

15 – Raymundo José da Silveira – nasceu em 07/07/1871 e casou em 21/05/1898 com *Leocádia Maria de Vasconcelos*, nascida em 09/12/1874, no Jenipapeiro, filha de João Pereira de Vasconcelos e Rita Maria do Nascimento. Ele faleceu em 18/11/1954.

- – ALBANO JOSÉ DA SILVEIRA casou (pela 2ª vez) com *Maria Rita da Rocha* em 05/10/1895, nascendo quatro filhos dessa união, mas apenas um deles chegou à idade adulta.

01 – Miguel Albano da Silveira – nasceu em 15/09/1901 e casou com *Maria Raimunda de Farias*, nascida em 19/10/1904, filha de Antônio José de Farias e Maria Cristina de Farias. Miguel e Raimunda faleceram em Cruz, ela em 07/08/1985 e ele em 21 de agosto do mesmo ano.

OBS.: *Maria Rita (da Silveira)* conforme certidão do Casamento Civil e Maria Filomena da Silveira, conforme Batistério de Miguel Albano. Os dois documentos foram juntados no ANEXO II deste livro. Parece que são duas pessoas diferentes, entretanto estamos falando da mesma pessoa. Basta comparar a data do casamento deles (Albano e Rita – 05/10/1895 – com a data de nascimento dos filhos: 1896, 1898, 1901, 1903). Infelizmente há muita divergência de dados entre os documentos da época. Algumas netas de Miguel Albano, que entrevistei, desconheciam o "Maria Rita", do casamento civil, garantindo-me que a mãe de Miguel Albano era conhecida como Filomena. Podemos imaginar duas razões para este caso, considerando o modo como as coisas ocorriam antigamente. Havia no povoado,

Era Uma Vez na Cruz.indd 89 6/1/2009 10:50:10

ou na região, a função do "Juiz de Paz", e a pessoa investida nesta função, celebrava os casamentos, às vezes na residência dos pais da noiva, e depois levava os documentos para o Juiz da Comarca de Acaraú, que os sancionava. Não sabemos se eles traziam o livro de assentos de casamento nessas ocasiões ou se faziam registros à parte para ser lavrado no livro de registros depois. Além disso, eu conheci o caso de uma senhora que me disse não gostar do nome e, quando foi se registrar, já adulta, pediu permissão a mãe para mudá-lo; e registrou uma variação do apelido pelo qual era conhecida. Só que, afora as pessoas de casa, ninguém ficou sabendo da alteração do seu nome. Dois sobrinhos dela, que me acompanhavam na visita, só tomaram conhecimento do fato por ocasião desta nossa conversa.

Era Uma Vez na Cruz.indd 90 6/1/2009 10:50:10

OS MUNIZ

A história dos nossos "MUNIZ" começa com o casal **José Muniz Rodrigues** e **Maria Antônia Rodrigues**. Pouco se conhece sobre eles; foram identificados, inicialmente, através da certidão de óbito do filho João Muniz Rodrigues (ANEXO II), depois foram localizados os registros paroquiais de outros filhos.

Da tradição oral restou apenas fragmentos de informação, segundo os quais "Zé Muniz" seria filho de um "Muniz Farrapo" e uma Maria Quitéria, ou "Maria de Santa Quitéria". E que, provavelmente, o "Farrapo" estaria ligado à profissão do pai (de mascate) que, ao falecer teria deixado a viúva e o filho pequeno na nossa região. Através dos microfilmes já citados anteriormente o Wellington localizou nos registros do cartório de Santa Quitéria os "Muniz Farrapo", que a partir da 3ª ou 4ª geração passaram a "Muniz Rodrigues". O fato de não conhecermos o nome dos pais do Zé Muniz impossibilitou-nos de fazer a ligação dele com os Muniz Farrapo de Santa Quitéria.

Descobri mais tarde que a origem dos farrapos é outra. O livro "Cronologia Sobralense, também já citado em outros capítulos, traz muitas informações sobre MANOEL DA COSTA FARRAPO (vol. II, p.17/21, 157, 279 e 305), inclusive que ele morreu em 29/04/1802, mordido de cobra. E identifica Manoel como natural da Ilha de São Miguel, filho de Bartolomeu de Sousa e Isabel Muniz, da mesma Ilha de São Miguel. Registra também que Manoel casou em 04/11/1773, na Fazenda Tucunduba, com Antônia Pereira dos Anjos, filha de Luís Inácio do Nascimento (português da Ilha da Madeira) e Maria Simplícia de Jesus, que segundo a mesma fonte era filha de Ângelo Dias Leitão e Rosa Maria Ferreira, uma família paraibana que morava no Cocó, região hoje integrante do Município de Fortaleza.

Era Uma Vez na Cruz.indd 91 6/1/2009 10:50:10

Estou reproduzindo aqui a lista dos filhos do casal por acreditar que esta seja a origem dos Muniz, embora não possa fazer a ligação, pelo mesmo motivo apontado no parágrafo anterior. Todavia, se algum descendente dos Muniz desejar ir a fundo na pesquisa, já tem por onde começar, e com boas probabilidades de êxito.

Manoel da Costa Farrapo **e** ***Antonia Pereira dos Anjos***, casados em 04/11/1773, na Fazenda Tucunduba (área atualmente pertencente ao Município de Marco) e seus nove filhos.

01 - Manoel da Costa Farrapo (Filho) casou.com. Maria Francisca de São Pedro, em 29/04/1808.
02 – Isabel da Costa c.c. João Rodrigues Medeiros.
03 – Quitéria Muniz casou.com Inácio Fernandes Azevedo em 10/05/1804.
04 – Maria Muniz da Paixão casou.com Manoel Mendes de Mesquita, em 18/04/1803, na Matriz de Sobral.
05 – Teresa Muniz – sem informação
06 – Jacinta Muniz casou.com João Pedro Nolasco, em 16/11/1807.
07 – Rosa Muniz do Espírito Santo casou.com José Madeira de Matos (Filho), em 26/02/1808.
08 – Bartolomeu de Sousa Farrapo casou.com Maria Teresa do Espírito Santo.
09 – João Muniz Farrapo casou.com Inácia Maria de Jesus.

Mas, vamos ao **Zé Muniz,** com registro conhecido entre nós como *José Muniz Rodrigues,* e seus filhos, com *Maria Antônia Rodrigues,* que também aparece em alguns registros como Maria Antônia da Conceição, provavelmente seja este o seu nome de solteira.

01 – Domingos José Rodrigues, casou duas vezes. A 1ª em 30/07/1866, com a *Felismina Francisca de Jesus*, nascida em 1841, filha de Bernardino Francisco de Albuquerque e Antônia Rita de Araújo. O segundo casamento foi em 13/11/1876, com *Francelina Idalina de Maria*, filha de Joaquim Ignácio de Maria e Angélica Maria de Jesus. Não houve filhos.

Era Uma Vez na Cruz.indd 92 6/1/2009 10:50:10

02 – João Muniz Rodrigues, nascido em 1827, também casou duas vezes. Primeiro, com *Luiza Manoela do Nascimento* em 18/11/1856, filha de Joaquim José de Freitas e Maria Manoela do Nascimento. Em 01/09/1868 casou com *Maria do Carmo da Conceição*, natural do Estreito, Município de Santana do Acaraú, filha de Vidal Ferreira Fonteles de Maria e Ana Joaquina da Soledade.
03 – Francisco Muniz Rodrigues casou com *Francisca Ribeiro do Espírito Santo*, teria deixado descendência em Itapagé-CE.
04 – Manoel Muniz Rodrigues - este, assim como seu irmão Sabino, foram para o Amazonas, trabalhar na extração da borracha, e não voltaram mais.
05 – Sabino Muniz Rodrigues
06 – Bernardino Muniz Rodrigues, casou em 05/04/1871, com *Ana Joaquina do Espírito Santo*, filha de Manoel Joaquim de Vasconcelos e Carolina Maria de Jesus.
07 – Joaquina Francisca do Espírito Santo, casou em 12/02/1867, com *Thomé Pereira de Vasconcelos*, filho de Manoel Ignácio Fontelles e Beatriz Lourença de Jesus.
08 – Estevão José Rodrigues, casou em 22/11/1864 com *Maria Antônia da Conceição* (N.23/11/1844 – F.10/08/1915), filha de Manoel Graciano de Vasconcelos e Maria Antônia da Conceição.
09 – Quitéria Maria de Jesus, casou em 11/08/1842, com *Francisco Serafim do Amaral*. Na certidão não constava sua filiação, mas dizia que ele era proveniente do Jaguaribe.
10 – Rita Francisca do Espírito Santo, casou em 13/05/1845, com *Manoel da Costa Paixão*, filho de José da Costa Paixão e Silvéria Maria do Carmo.

Recentemente descobrimos outra filha deste casal, ao pesquisar os pais de *Vidal Ferreira Fonteles de Maria*. Este VIDAL casou em segundas núpcias com **Maria Muniz da Conceição**, em 12/02/1867. O registro de casamento diz que ela era natural de Acaraú e filha de José Muniz Farrapo e Maria Antônia Rodrigues, sendo que o pai já era falecido. Maria nasceu em 1834 e faleceu em 20/11/1912, em Cruz. Seu registro de óbito listou três filhos, vivos em 1912, que

Era Uma Vez na Cruz.indd 93 6/1/2009 10:50:10

pelas datas de nascimento seriam: Francisco Vidal Fonteles, n.1873; Vicente Vidal, n.1876 e Raimunda Filismina Fontelles, n.1878.

São grandes as probabilidades de que o José Muniz Farrapo (cuja esposa tem o mesmo nome da esposa do Zé Muniz) e o José Muniz Rodrigues sejam a mesma pessoa, embora em nenhum outro registro – dos demais filhos deste último – apareça o sobrenome Farrapo.

Falecimento de José Muniz Rodrigues e Maria Antônia Rodrigues – diz Wellington que Maria Antônia já era falecida em 30/07/1866, data do 1º casamento do filho Domingos, conforme consta do registro, que não diz nada em relação ao pai. Mas no registro de casamento desta suposta filha (Maria Muniz da Conceição, em 12/02/1867) é dito que José Muniz era falecido. Assim podemos supor que seu falecimento ocorreu entre uma data e outra.

Aqui começamos a relação dos netos de José Muniz Rodrigues e Maria Antônia, observando a mesma seqüência dada aos filhos, infelizmente não conseguimos informações sobre todos e mesmo entre os identificados há muitos sem filiação ou datas de nascimento, casamento, etc.

➢ DOMINGOS JOSÉ RODRIGUES e *Felismina Francisca de Jesus* – casados em 30/07/1866, residiram no povoado de Cruz (Aningas), onde nasceram seus filhos. *FILISMINA* era viúva de Feliciano Francisco de Vasconcelos, trazendo para o novo casamento 2 filhas: Vitalina Francisca de Vasconcelos e Filomena Francisca de Vasconcelos, que, se somaram aos 4 filhos deste casal, relacionados a seguir.

01 – José Muniz Rodrigues (Neto), nascido em 10/11/1867, casou-se duas vezes: em 1890 com *Germana Maria do Carmo*, nascida em 16/07/1876, filha de José Luiz de Farias e Maria Francisca de Jesus, moradores da Lagoa dos Cabocos. E em 18/01/1906, em Acaraú, com *Maria Francisca de Albuquerque*, nascida em 05/04/1880, filha de Izaias Francisco de Albuquerque e Belarmina Francisca da Silveira. José Muniz e as duas esposas faleceram na Lagoa do Belém: Germana em 29/10/1905 (10 filhos), Francisca em 1935 (10 filhos) e ele em fev/1952.

Era Uma Vez na Cruz.indd 94 6/1/2009 10:50:10

02 – Manuel Raymundo de Albuquerque, nascido em 02/01/1869, casou-se em 21/06/1893, em Acaraú, com *Anna Rita de Menezes*, nascida em 1870, filha de Gregório Francisco de Menezes e Maria Franklina do Carmo. Anna faleceu em 1934, em Aningas e teve 11 filhos, entre eles meu avô – Francisco Menezes Albuquerque, conhecido como **Francisco Muniz**. Manoel Raymundo teria casado outra vez, aos 70 anos, aproximadamente, com *Josefa Saldanha*, do Cauassu - Acaraú/CE. Também ela era de idade avançada e não teve filhos. (Certidão do 1º casamento no ANEXO II).
03 – Antônio Muniz Rodrigues, nascido em 14/10/1871, casou-se em 22/06/1893, em Acaraú, com *Alexandrina Nunes de Araújo*, nascida em 16/10/1866, filha de Justino Nunes de Araújo e Mariana Francisca de Jesus. O casal viveu em Aningas e lá faleceu, ela em 1924 e ele em 24/10/1942. Alexandrina teve 6 filhos, entre eles Francisco de Araújo Muniz casado com Ignez da Silveira Araújo, da qual inseri um gráfico de linhagem (ANEXO I**)** a fim de demonstrar a origem dos "Silveira Araújo" de Bela Cruz, bem como apresentar uma trineta do cap. Diogo Lopes de Araújo Costa.
04 – Maria Filismina de Albuquerque, nascida em 1872, casou-se com *José Francisco de Menezes,* nascido em 18/03/1868, filho de Gregório Francisco de Menezes e Maria Franklina do Carmo. Só descobri dois filhos deste casal: Domingos e Francisco de Assis.

- JOÃO MUNIZ RODRIGUES e *Maria do Carmo da Conceição* – casados em 01/09/1868, residiram no povoado de Cruz (Tucuns), onde nasceram seus filhos.

01 – Manoel Muniz Rodrigues, nascido em 1875, casou com *Maria Silveira Araújo*, natural de Bela Cruz, filha de Vicente da Silveira Araújo e Bárbara Francisca de Albuquerque.
02 – Maria Antônia da Conceição, nascida em 1877.
03 – Raimunda Maria Muniz, nascida em 1878, teria casado duas vezes: com *João Tomé* e *José Francisco Rodrigues*; não consegui mais dados sobre eles.
04 – Ana Custódia do Nascimento, nascida em 02/10/1878, casou com *João Pio da Rocha*, da Lagoa Salgada.
05 – Jose Rodrigues Muniz, nascido em 22/04/1880, casou com *Rita Muniz da Costa*.

Era Uma Vez na Cruz.indd 95 6/1/2009 10:50:10

06 – Francisca Maria Muniz, nascida em 1882, casou com *José Francisco da Silveira,* natural de Bela Cruz, filho de Vicente da Silveira Araújo e Bárbara Francisca de Albuquerque.
07 – João Muniz Rodrigues (Filho), nascido em 1885, casou com SINHÁ, cujo nome não consegui descobrir, nem dos seus pais. Não consta que tenha havido filhos deste casamento. João Muniz viveu com Francisca Querubina Fonteles, nascida em 1905, filha de João Vidal Fonteles e Maria dos Anjos, com quem teve filhos. Querubina era casada com Theotônio Xavier de Sousa.
08 – Bernardino Muniz Sobrinho, nascido em 13/08/1886, casou com *Francisca Felina Mendes*, filha de José Mendes Ferreira e Francisca Telles Mendes. Ambos faleceram na localidade de Tucuns, onde viveram. Ela em 26/12/1970 e ele em 13/05/1975.
09 – Antônio Rodrigues Muniz, nascido em 26/10/1888, casou em 09/02/1909, com *Maria de Sousa Brandão* nascida em 29/06/1887 em Aranaú e filha de Thomaz Francisco de Souza e Constância Maria Brandão. Ambos faleceram em Cruz, ele em 06/07/1977 e ela em 21/06/1982.
10 – Ana Cristina Muniz casou com Zuza Pinto da Rocha, não consta da certidão de óbito de João Muniz. Entretanto Wellington encontrou um registro de batismo de outra ANNA (além da Ana Custódia) nascida em 20/12/1871, que teve como padrinhos Estevão José Rodrigues e Maria Antônia da Conceição. Estamos considerando que seja esta.

- ESTEVÃO JOSÉ RODRIGUES e *Maria Antônia da Conceição* – casados em 22/11/1864, residiram na localidade de Jacoca.

01 – José Estevão de Vasconcelos, nascido em 10/02/1867, casou em 27/10/1891, com *Maria Salomé de Farias*, nascida em 1869 em Cruz, filha de José Luiz Farias e Maria Francisca de Jesus. Consta do registro deste casamento (n° 2, 1º Livro de casamento do Cartório do de Acaraú), que a celebração foi realizada na casa dos pais da noiva, que residiam no povoado de São Francisco, e que o pai do noivo era falecido e a viúva residia na Juritianha.
02 – Maria Muniz Rodrigues – nascida em 1865.

Era Uma Vez na Cruz.indd 96 6/1/2009 10:50:10

- RITA FRANCISCA DO ESPIRITO SANTO e *Manoel da Costa Paixão* – casados em 13/05/1865.

01 – Maria Antônia da Conceição, nascida em 1848, casou em 04/07/1865, com *Ignácio Francisco de Vasconcelos* e fixaram residência na localidade de Retiro, Acaraú/CE.
02 – Pedro da Costa Paixão, nascido em 1854, casou em 31/07/1883 com *Antônia Maria de Jesus*, nascida em 03/05/1869, filha de Clemente José de Vasconcelos e Anna Barreto de Jesus.
03 – Miguel da Costa Paixão, nascido em 1856, casou com *Francisca Altina da Costa*.
04 – Francisco da Costa Paixão, nascido em 1858, casou 2 vezes: em 29/07/1890 com sua sobrinha *Victalina Torquata da Conceição*, nascida em 1868 em Retiro-Acaraú, filha de Ignácio Francisco de Vasconcelos e Maria Antônia da Conceição; a 2ª vez casou com *Maria Mendes da Conceição*, que seria irmã do João Mendes da Gijoca, segundo informações do senhor Sebastião.
05 – Maria da Conceição Costa, nascida em 20/07/1864, casou em 06/11/1883 com *Geraldo José de Vasconcelos*, nascido em 05/12/1857 no Jenipapeiro, filho de Alexandre José de Vasconcelos e Maria Joaquina da Anunciação. Residiram no Jenipapeiro onde faleceram, ele em 09/02/1926 e ela em 19/08/1950.
06 – Thereza Maria de Jesus, nascida em 17/07/1868 casou com *Zeferino Vasconcelos*, nascido em 14/10/1863 no Jenipapeiro, filho de Clemente José de Vasconcelos e Anna Barreto de Jesus.
07 – Raimunda Francisca do Espírito Santo, nascida em 1871, casou em 19/11/1896 com *Antônio Marques de Vasconcelos*, nascido em 1874 no Jenipapeiro, filho de Antônio Pereira de Vasconcelos e Serafina Francisca de Maria.
08 – Silvéria Maria do Carmo (ou Maria do Carmo como consta do reg. Casam. da filha Petronília em 30/07/1910 – livro B-3, fl.5) casou com *Manoel Soares de Vasconcelos*, filho de Manoel Ignácio de Vasconcelos e Beatriz. O casal viveu no Poço da Onça, onde nasceu Manoel em 1840 e faleceu em 18/10/1908.

Era Uma Vez na Cruz.indd 97 6/1/2009 10:50:10

09 – José da Costa Paixão casou com *Raymunda Maria da Natividade*, nascida em 08/05/1859. Este casal residia em Cauassu-Acaraú, conforme registro de casamento da filha Maria da Costa (ANEXO II).
10 – Antônio da Costa Paixão casou com *Maria Antônia da Conceição*, em 14/06/1876.
11 – Izabel Maria do Carmo casou em 17/07/1883 com *Francisco Antônio de Vasconcelos*, natural do Jenipapeiro, filho de Clemente José de Vasconcelos e Anna Barreto de Jesus.

Atualmente a maior descendência dos "Muniz" na Cruz, provém do Domingos José Rodrigues (meu trisavô) que se estabeleceu em Aningas e do João Muniz Rodrigues que residiu nos Tucuns. São famílias numerosas e conhecidas, já com registros regulares. Entendo que a relação aqui fornecida, dos filhos e netos de José Muniz Rodrigues (ou Farrapo) e Maria Antônia Rodrigues (ou da Conceição) é uma boa base, que poderá ser melhorada no futuro, se alguém resolver continuar a pesquisa. É importante salientar, ainda, que aqui são considerados apenas os filhos que chegaram a fase adulta.

Era Uma Vez na Cruz.indd 98 6/1/2009 10:50:10

OUTRAS FAMILIAS

Diversas famílias residentes em povoados do vale do Acaraú vieram agregar-se à nossa genealogia através do casamento de seus filhos e netos. Como é o caso da família "Araújo Costa" que tem uma descendente que casou com Albano José da Silveira, filho do Teixeira Pinto, e da família "Silveira Dutra" já consorciada com a primeira, que também teve uma descendente casada com outro filho do Teixeira Pinto – Miguel Cavalcante de Albuquerque. Visando trazer esta mistura para o presente, inseri aqui, no ANEXO I, o gráfico de linhagem de dona **Ignez da Silveira Araújo**, nossa contemporânea, que é um bom exemplo para situar o leitor dentro desta genealogia.

Na seqüência haverá um histórico, alguns breves, dependendo das informações que conseguimos levantar sobre as seguintes famílias: Brandão, Araújo Costa, Fonteles e Vidal.

No caso das famílias: Araújo Costa e Fonteles, há uma base histórica, fruto da pesquisa do Padre Francisco Sadoc de Araújo para o seu livro "Raízes Portuguesa do Vale do Acaraú". Uma obra com edição esgotada, infelizmente. Para pesquisa dispomos de um exemplar deste livro, na Biblioteca Municipal de Cruz, do qual me utilizei, e de onde estou transportando informações sobre as referidas famílias.

Era Uma Vez na Cruz.indd 99 6/1/2009 10:50:10

Era Uma Vez na Cruz.indd 100 6/1/2009 10:50:10

FAMÍLIA BRANDÃO

ROSA DE SOUSA BRANDÃO, minha avó paterna foi o elo ligando os "Brandão" de Aranaú e os "Souza" da Lagoa Salgada aos Muniz da Cruz. ROSA era filha de Thomaz Francisco de Souza e Constância Maria Brandão. Seus avós paternos foram Francisco Manoel de Souza e Domiciana Maria Sant'Ana e os avós maternos João Pereira Brandão e Maria Madalena das Virgens.

Rosa nasceu em 31/08/1898, em Aranaú ou Caiçara. O casamento Religioso foi celebrado em 21/01/1919 (e o Civil em 18/02/1937), com *Francisco Menezes de Albuquerque*, que nasceu em Aningas, a 22/06/1894 (onde também faleceu - 23/07/1966), filho de Manoel Raimundo de Albuquerque e Anna Rita de Menezes. Francisco Muniz, como ficou conhecido, era bisneto do Zé Muniz. Foram seus avós paternos: Domingos José Rodrigues e Felismina Francisca de Jesus; e maternos: Gregório Francisco de Menezes e Maria Franklina do Carmo. Rosa e Francisco fixaram residência em Aningas, na casa do alto, na beira do Rio Acaraú, ainda hoje conservada pelos herdeiros. Lá nasceram seus filhos, com exceção do mais velho, que já teria uns três anos, aproximadamente, quando se mudaram para a dita casa, em que criaram 10 filhos, dos quais a maioria ainda vive entre nós. Rosa faleceu em Cruz, a 30/03/1989.

Voltemos a JOÃO PEREIRA BRANDÃO e sua origem. Segundo a tradição oral, ele seria filho de mãe solteira - na época, deixado na porta de um senhor por nome "ATANÁZIO", único morador da Lagoa dos Tanques, próximo a Aranaú.

Examinei uma pesquisa de sua descendência, cedida por Sebastião Luiz de Vasconcelos, seu bisneto, onde consta que a família da moça seria de Acaraú (omitimos o nome de família por razões óbvias) e o

Era Uma Vez na Cruz.indd 101 6/1/2009 10:50:10

pai um português que fugiu da responsabilidade; sendo João Pereira Brandão criado, como filho pelo Senhor supra referido, cuja esposa não se conhece o nome. Não há comprovação dessa história, nem de que o sobrenome "Brandão" venha do senhor que o adotou. Esta é mais uma lenda como tantas outras – legado da tradição oral. Ainda segundo esta mesma fonte, João Pereira Brandão teria sido o construtor da primeira Capela de Timbaúba, hoje Aranaú, onde viveu, e faleceu em 1888. Grande parte das informações sobre a descendência de João Pereira é desta pesquisa, umas eu confirmei no cartório, outras o Wellington confirmou nos microfilmes da Igreja e do Cartório; todavia essa confirmação documental é uma amostra, apenas.

Também encontramos o sobrenome "Pereira Bandão", na história da "família Fonteles", quando o português de Olinda, Francisco Pereira Brandão, por volta de 1725 escreve a Manoel Ferreira Fonteles avisando-o dos preparativos de sua viagem ao Ceará, trazendo a filha (Maria Pereira) para a realização do casamento. (p. 67 e 196 - livro Raízes Portuguesa do Vale do Acaraú).

João Pereira Brandão casou duas vezes. Primeiro com *Ignácia Maria da Purificação*; ela seria irmã do Francisco Manoel de Sousa, da Lagoa Salgada, conforme a pesquisa do Sr. Sebastião. O segundo casamento foi com *Maria Madalena das Virgens*, que seria natural do Rio Grande do Norte, e viúva com três filhos: Theotônio, ainda criança, registrado como filho pelo J.P.Brandão; Alexandre Marques e Maria Benvinda. MARIA MADALENA teria também, dois irmãos, que se casaram com filhos do primeiro casamento de seu marido, quais sejam: Francisca Dionizia de Maria e Bernardino Pereira Muniz.

Confirmei os dois casamentos em 2004, quando pesquisei os livros antigos do Cartório de Acaraú. O 1º, através do registro de nascimento de uma neta do casal: Salustiana Pereira de Vasconcellos (n.08/06/1890, filha de Eugênia e Bernardino, registrada em 14/08/1916, sob n° 903, no Livro A-3, fls. 93v e 94). Consta como avós maternos: João Pereira Brandão e Inácia Maria da Purificação e paternos: Alexandre Pereira Muniz e Joaquina Maria da Conceição. Valendo a informação de que Bernardino Pereira Muniz era irmão de

Era Uma Vez na Cruz.indd 102 6/1/2009 10:50:10

Maria Magdalena das Virgens, teríamos aqui os pais dela – os sogros de João Pereira Brandão, pelo segundo casamento; este também confirmado através do registro de nascimento da neta Marianinha Maria do Nascimento nascida em 25/07/1889 (filha de Maria José do Nascimento, registrada sob n° 124, às fls. 62 do livro A-01, o mais antigo), trazendo como avós maternos: João Pereira Brandão e Maria Magdalena das Virgens e avós paternos: Alexandre José de Vasconcelos e Maria Joaquina da Anunciação.

Filhos do 1º casamento [João Pereira Brandão e Ignácia]

01 – Canuto Ayres Brandão, nascido em 19/01/1842, casou em 1862, com *Francisca Dionizia de Maria*, nascida em 18/02/1842, também chamada "Donina", dita irmã da 2ª esposa de seu pai, viveram nas imediações de Aranaú.
02 – Francisca Romana de Maria casou em 17/09/1876, com *José Alexandre de Vasconcelos*, nascido em 1859, no Jenipapeiro, filho de Alexandre José de Vasconcelos e Maria Joaquina da Anunciação.
03 – Eugênia Maria da Conceição, nascida em 08/06/1846, casou em 18/10/1865, com *Bernardino Pereira Muniz*, nascido em 10/09/1843, filho de Alexandre Pereira Muniz (já falecido em 1850) e Joaquina Maria da Conceição, outro suposto irmão de Maria Madalena, 2ª esposa de seu pai. Nos registros localizados relativo a este casal e seus filhos não há referência ao nascimento de Bernardino no Rio Grande do Norte.
04 – Virgínia Maria da Purificação casou com *Manoel Francisco de Medeiros*, não consta filiação, mas teria deixado descendência na Prata.
05 – Ignácia Brandão casou com *Manoel Francisco de Medeiros*, viúvo de sua irmã.
06 – Maria Inácia Brandão casou com *José Antônio de Araújo.*
07 – Antônio Pereira Brandão casou com *Raquel,* filha de Donato, da Gijoca, e residiram em Caiçara. Antônio, seguindo os passos do pai, liderou a construção da Capela de Caiçara, inaugurada em 1880 (Livro "O Município de Cruz", p.65).

Era Uma Vez na Cruz.indd 103 6/1/2009 10:50:10

08 – André Pereira Brandão, segundo a pesquisa do Sr. Sebastião, já referida, casou duas vezes e residiu na Lagoa Velha, mas não descobriu o nome das esposas, nem mesmo a família.

Filhos do 2º casamento [João Pereira Brandão e Maria Magdalena**]**

01 – Raimundo Pereira Brandão casou com *Ana Maria de Jesus*, da Lagoa Salgada, sem identificação de família.
02 – Theotônio Pereira Brandão, nasceu em 1859 e casou duas vezes. A 1ª, com *Irene Marques de Sousa*, filha de Otaviano Marques de Sousa e Anna Francisca de Jesus. Irene faleceu em 21/02/1883. Theotônio casou pela 2ª vez em 01/12/1883, com *Rita Maria de Sousa*, nascida em 1864, na L. Salgada, filha de Geraldo José de Souza e Joanna Maria de Jesus.
03 – Raphael Pereira Brandão, nasceu em 1860 e casou três vezes. A 1ª vez, com *Rosa Marques*, do Jenipapeiro, filha de Manoel Marques da Costa Filho e Rosa Maria de Jesus; a 2ª vez, com *Liduína Francisca da Rocha*, filha de Raymundo da Rocha França e Jesuína Francisca de Sousa; e 3ª com sua sobrinha – *Damiana Vasconcelos*, filha de Cosma Brandão e Miguel José Vasconcelos.
04 – Constância Maria Brandão, nasceu em 1861 e casou com *Thomaz Francisco de Souza*, nascido em 1860, na L. Salgada, filho de Francisco Manoel de Souza e Domiciana Maria Sant'Anna. Constância faleceu em 03/05/1901, deixando 10 filhos, entre eles **minha avó paterna [Rosa de Sousa Brandão].** Thomaz casou novamente em 11/08/1906, com *Maria da Costa e Souza*, nascida em 1878, em Cauassu – Acaraú, filha de José da Costa Paixão e Raymunda Maria da Natividade (Anexo II). Houve quatro filhos deste último matrimônio. Thomaz faleceu em 08/12/1914, em Aranaú. Ele era neto paterno de Cypriano José de Souza e Rita Maria de Jesus.
05 – Maria José do Nascimento, nasceu em 1866 e casou com *Miguel José e Vasconcelos*, nascido em 02/10/1856, no Jenipapeiro, filho de Alexandre José de Vasconcelos e Maria Joaquina da Anunciação. Miguel José faleceu em 06/06/1920 em Aranaú e era viúva de Cosma, irmã de Maria José.
06 - Cosma Brandão casou com Miguel José de Vasconcelos.
07 - Damiana Brandão casou com *Bernardo Marques*, de Massapé.

Era Uma Vez na Cruz.indd 104 6/1/2009 10:50:10

FAMÍLIA ARAÚJO COSTA

A Família "Araújo Costa", da Ribeira do Acaraú, e, posteriormente, Araújo ou Costa, com os sobrenomes separados, descende, de três irmãos portugueses: JOSÉ DE ARAÚJO COSTA, PEDRO DE ARAÚJO COSTA E MANUEL DE ARAÚJO SÁ.

Quem nos dá detalhes da história dessa família é o Padre F. Sadoc de Araújo, no seu livro "Raízes Portuguesa do Vale do Acaraú" (p.143/159), já mencionado aqui, de onde extraí as informações que seguem, com a finalidade de identificar cada um dos irmãos acima citados e sua vida por estas bandas desde que aqui chegaram.

Estes irmãos são naturais de Portugal e filhos de Pedro de Araújo e Maria da Costa de Sá, cujo casamento realizou-se em 02/01/1714 na Matriz dedicada à padroeira do Lugar – Nossa Senhora da Apresentação (Livro Misto nº 3, fl. 81). O casal fixou residência em Estrufe, onde nasceram os nove filhos, dos quais o Pe. Sadoc diz ter localizado os registros de batismo, no "Livro Misto nº 4", exceto os de Pedro e Manuel. Estes livros, diz ele, assim como os demais livros de assentos religiosos da freguesia de Santa Lucrecia de Louro, encontram-se guardados no Arquivo Distrital de Braga, instalado na Biblioteca Pública local, onde o referido autor registrou sua passagem em 24/07/1986, com o objetivo de colher informações sobre seus ancestrais portugueses. São avós paternos dos irmãos em foco: Domingos de Araújo e Maria da Costa, originários da freguesia de Nossa Senhora da Apresentação de Viatodos – concelho de Barcelos. E avós maternos: Domingos da Costa e Ângela de Sá, naturais da freguesia de Santa Lucrecia de Louro, Vila Nova Famalicão. As duas freguesias são vizinhas.

Era Uma Vez na Cruz.indd 105 6/1/2009 10:50:10

Os três irmãos, segundo o Padre F. Sadoc de Araújo, teriam desembarcado na Ribeira do Acaraú, ainda solteiros, no início da década de 1740, na faixa dos 20 anos de idade. Em outro trecho ele diz: "após atingir a maioridade os três irmãos embarcaram no porto vizinho de Vila do Conde em um dos patachos que freqüentemente dali zarpavam rumo a Pernambuco, em longa e tormentosa viagem. Do porto de Recife ao Acaraú e vice-versa, não faltavam sumacas, especialmente nessa época de início do efervescente comércio das charqueadas. Foi em um destes paquetes que eles chegaram às praias acarauenses. O restante da viagem, até a Fazenda Boa Vista do tio, Cel. José da Costa de Sá, foi a cavalo".

Verificamos, pela transcrição do registro de batismo de José de Araújo Costa (os registros de Pedro e Manuel não foram localizados) que ele nasceu em 30/06/1724, portanto, tinha 16 anos em 1740. Já o Pedro de Araújo Costa que, segundo a mesma fonte, faleceu em 19/06/1797, aos 70 anos, conclui-se que nasceu em 1727, teria então 13 anos. Do terceiro irmão não consta maiores informações. O certo é que a chegado dos "irmãos Araújo Costa" é anterior a 1945, pois eles já se encontravam por aqui quando faleceu o tio acima citado, cujos dados seguem abaixo.

O Cel. JOSÉ DA COSTA DE SÁ, um tio materno dos rapazes, também natural de Santa Lucrecia de Louro, já se encontrava nesta região. Ele foi o primeiro proprietário da Fazenda Morrinhos, no atual Município de Morrinhos. Deduz, o Pe. F. Sadoc de Araújo, que os 3 irmãos tenham vindo para nossa região a convite do tio, ou atraídos pelas notícias de suas boas condições econômicas, evidenciadas em seu inventário feito em 25/09/1746, no sítio Boa Vista, ribeira do Acaraú, onde residia a viúva, sendo inventariante o sobrinho – JOSÉ DE ARAÚJO COSTA.

Esse tio casou-se em Pernambuco com Josefa Maria de Jesus e faleceu em 1745, quando viajava para lá. Depois da morte do tio os três irmãos passaram a viver por conta própria e vamos a partir de agora fazer um pequeno resumo do que consta da história de cada um deles (no livro Raízes Portuguesa do Vale do Acaraú), nesta ribeira.

Era Uma Vez na Cruz.indd 106 6/1/2009 10:50:11

1 – JOSÉ DE ARAÚJO COSTA

Dos três irmãos este foi o que deixou maior descendência e também maior fortuna. Nasceu em 30/06/1724 e faleceu em 03/08/1791, aos 67 anos. Adquiriu a Fazenda Lagoa Grande, perto de Bela Cruz, medindo uma légua, às margens do rio Acaraú, até confrontar ao poente com as terras da capela de Santa Cruz. Lá mesmo realizou-se, em 31/07/1747, seu casamento com BRITTES DE VASCONCELOS, conforme assento no livro original do Curato do Acaraú (Liv.1741–1769, fl.104v), guardado no arquivo da Diocese de Sobral e transcrito para o livro Raízes Portuguesa do Vale do Acaraú, de onde tomei todas estas informações. Brites de Vasconcelos, nasceu em 1724, em Igaraçu - PE e faleceu em 10/02/1814, na Serra da Meruoca, onde passou a viver depois da morte do marido. Ela era filha de Manuel Vaz Carrasco e Maria Madalena de Sá. Na transcrição do casamento religioso consta que a cerimônia ocorreu no Sítio Lagoa Seca; não me foi possível apurar se este sítio tinha dois nomes, ou se era aquele onde residia a noiva, já que eles eram vizinhos.

Do matrimônio José de Araújo Costa e Brites de Vasconcelos nasceram 11 filhos, sendo 8 mulheres, conforme relaciono a seguir:

- **Anselmo de Araújo Costa**, Alferes - casou em 30/05/1769, com *Francisca dos Santos Xavier*, natural de Recife – PE, filha de Manoel Gomes Diniz e Josefa Maria dos Santos. Anselmo faleceu em 13/09/1795;
- **Maria Madalena de Sá** – casou em 17/04/1774, com *Inácio Bezerra de Menezes*, filho de Gonçalo João Coimbra e Cosma de Melo Moura. Inácio faleceu em 21/01/1781;
- **Francisca de Araújo Costa** – casou em 24/11/1777, com o Capitão-mor *Inácio Gomes Parente*, português, natural de São Martinho de Mouros, Lamego; filho de Manoel Gomes e Catarina Lopes. Francisca faleceu em 08/04/1826 e Inácio casou-se, pela segunda vez, em 19/08/1830, com *Maria Joaquina da Silva,* e faleceu em 13/04/1838, com 96 anos.
- **Ana Maria de Jesus** – casou em 15/08/1771, com o alferes

Era Uma Vez na Cruz.indd 107 6/1/2009 10:50:11

João de Sousa Uchoa, filho de Luís de Sousa Xerez e Ana Teresa de Albuquerque, de Olinda – PE. Ana Maria faleceu em 05/08/1792. O viúvo casou-se, então, com *Ana Sebastiana de Almeida*, filha de Inácio Leite Meireles e Inácia de Almeida;

- **Anastácia de Sá Araújo** – casou em 03/02/1789, com o português *João Francisco Perfeito*, filho de Manoel Francisco Perfeito e Ana Luisa dos Santos. João Francisco faleceu em 12/09/1806, com 36 anos de idade;
- **Antônia Maria da Purificação** – casou em 14/02/1778, com *Paulo Joaquim de Medeiros*, filho de Domingos Álvares Magalhães e Clara da Silva Medeiros. Ele faleceu em 31/07/1794, deixando a viúva com 5 filhos menores;
- **Maria da Encarnação**, nasceu em 30/01/1760 e casou-se em 14/11/1777, com *Bernardo Pereira de Carvalho*, filho de Tomás da Silva Porto e Nicácia Alves Pereira;
- **Diogo Lopes de Araújo Costa**, capitão - nasceu em 08/03/1761 e faleceu 18/09/1838. Viveu maritalmente com três mulheres sucessivas: *Antônia Maria do Rosário, Maria Rodrigues de Sousa e Maria Egipciaca da Fonseca*, conhecida por Siciaca. Com esta última, diz o Padre Sadoc, parece que realizou matrimônio de consciência, após ficar cego, pois ela consta do inventário dele como herdeira meeira, o que não seria possível sem a cerimônia oficial, embora religiosa. O mesmo inventário legitimou 16 filhos, nascidos das 3 mulheres antes referidas. Sobre a vida desse lendário e aventureiro capitão, pode-se ler o livro *"Capitão Diogo Lopes", de autoria de Nicodemos de Araújo,* publicado em 1978 pela Imprensa Universitária da UFC;
- **Rita Teresa de Jesus**, nasceu em 21/01/1764 e casou em 08/07/1781, com *José Álvares Linhares*, filho de Antônio Álvares Linhares e Inês Madeira de Vasconcelos. Residiam no Mumbaba – Massapé. José Álvares faleceu em 16/10/1800 e Rita em 19/06/1828;
- **Maria Quitéria de Araújo**, nasceu em 1765 e casou em 25/01/1796, com Narcísio Lopes de Aguiar, filho de Nicácio Aguiar Silva e Micaela da Silva Medeiros. Narcísio faleceu em 18/02/1840;

Era Uma Vez na Cruz.indd 108 6/1/2009 10:50:11

- **Francisco Xavier Sales Araújo**, nasceu em 13/12/1768 e casou com *Francisca Alves Feitosa*, filha de Luís Vieira de Sousa e Ana Alves Feitosa, na freguesia de São Gonçalo da Serra dos Cocos.

Voltemos nossa atenção agora para a esposa de José de Araújo Costa – BRITES DE VASCONCELOS – sua mãe chamava-se Maria Madalena de Sá e seu pai Manuel Vaz Carrasco, e vieram de Ipojuca-PE, ficando – Manuel Vaz Carrasco – conhecido como o pai das chamadas "sete irmãs", que na verdade eram oito. Talvez tenha a ver com o falecimento de uma delas em 1792. De onde vem o Vasconcelos da filha? É difícil saber. Vimos, ao longo de nossa pesquisa, que o sobrenome antigamente não seguia a mesma linha de família que hoje. Temos, aqui mesmo na nossa cidade, o caso dos filhos do FRANCISCO TEIXEIRA PINTO, que receberam sobrenomes diversos, dando origem a várias famílias da nossa atualidade.

De volta ao nosso ponto de partida – a **"Família Araújo Costa"** que iniciou este capítulo – para falar dos outros dois irmãos portugueses, Pedro e Manoel.

2 - PEDRO DE ARAÚJO COSTA

Nasceu em 1727 e faleceu em 19/06/1797, aos 70 anos. Fixou residência na Fazenda Morrinhos, no atual Município de Morrinhos, antiga propriedade de seu tio – o coronel José da Costa e Sá. PEDRO casou-se em 1780, com *Maria José de Jesus*, filha de Quintiliano Dias Leitão e Bibiana Ferreira. Sua sogra, Bibiana, era filha de Manoel Ferreira Fonteles, que foi classificado pelo Pe. Sadoc como "o Adão do Vale Acaraú". Deste matrimônio [de Pedro e Maria José] nasceram 5 filhos:

- **Joaquim de Araújo Costa** – casou em 20/09/1805, com *Joana Maria do Nascimento*, filha de Antônio Soares Bulcão e Teodora Inácia de Menezes. O casal passou a residir na Fazenda Tabuba e Joaquim faleceu em 06/08/1863;
- **Francisco de Araújo Costa** – casou em 06/08/1811, com *Rita Madeira de Vasconcelos*, filha de Joaquim Reis Gomes

Era Uma Vez na Cruz.indd 109 6/1/2009 10:50:11

e de Antônia Maria do Espírito Santo. Consta que, Rita tendo viuvado, casou-se pela 2ª vez em 20/11/1820, com Antônio Januário Linhares, filho de Francisco Antônio Linhares e Maria Manuela da Conceição;

- **Emerência de Araújo** – casou em 31/01/1808, na Capela de Almofala, com o português *Domingos Dias Silva,* filho de Cosme Gomes e de Maria do Rosário;
- **Francisca de Araújo Costa** – casou em 20/11/1814, na Matriz de Sobral, com *José da Silveira Dutra*, filho de João da Silveira Dutra e sua 2ª esposa: Maria da Conceição Araújo;
- **Maria**, falecida criança, a 20/11/1785.

Registramos a descendência do mencionado casal - Pedro de Araújo Costa e Maria José de Jesus – se entrelaçando com a descendência de *Francisco Teixeira Pinto* através do casamento de seus filhos: Albano José da Silveira com Izabel Franklina do Carmo e Miguel Teixeira Cavalcante com Maria Thereza da Silveira, ambas filhas de José da Silveira Dutra e Francisca de Araújo Costa, de Bela Cruz. Aliás, a 2ª esposa do Albano é da mesma descendência, uma vez que ela era sobrinha da 1ª esposa. Sua mãe – Rita Maria da Purificação – era irmã de Izabel Franklina do Carmo.

3 - MANOEL DE ARAÚJO E SÁ

O terceiro dos "três irmãos Araújo Costa" residia na Fazenda Boa Vista, onde casou-se em 06/05/1753 com *Ana Maria*, filha de Jerônimo Fernandes Jorge e Mariana Barbosa Álvares. Não consta ter deixado descendência na região.

Encerrando o capítulo sobre a família "Araújo Costa" da ribeira do Acaraú, o Padre Sadoc nos chama atenção para não confundir esta, com a família dos Araújo Costa, descendente do Tenente-coronel Custódio da Costa Araújo; português natural da freguesia de São João de Rei, do concelho de Povoa de Lanhoso, onde nasceu em 1699. Custódio emigrou para o Brasil e se fixou em Olinda-PE, onde casou com Teresa de Jesus Maria. Este casal teve um filho que recebeu o mesmo nome do pai, ficando conhecido como Cap. da Costa Araújo, que emigrou de Pernambuco para a ribeira do Acaraú,

Era Uma Vez na Cruz.indd 110 6/1/2009 10:50:11

casando-se na Matriz de Caiçara (Sobral), em 06/11/1760 com Cosma Damiana do Espírito Santo, filha de Manuel Carneiro Rios e Maria do Livramento. Outro Custódio nasceu dessa união, que para diferençar do pai e do avô, homônimos, chamou-se Custódio de Araújo Costa, com os sobrenomes trocados. Este casou-se com Bárbara Maria da Soledade, filha de Domingos Rodrigues Lima e Maria da Soledade Araújo, tratado na "Cronologia Sobralense", vol.2, pág.41.

Entendendo oportuno, transcrever aqui, algumas informações do Pe. F. Sadoc de Araújo (Livro Raízes Portuguesas do Vale do Acaraú p.148 §§ 4 e 5), pois elas podem complementam ou esclarecer a história dos outros "Costas" que temos aqui na nossa região, cuja origem é focalizada numa lenda que segue ao final desta matéria.

(...)

"É importante observar que dentre os primeiros sesmeiros que obtiveram terras no Vale do Baixo Acaraú, muitos tiveram sobrenome dessas famílias, cujos nomes completos passo a relacionar em ordem cronológica da doação de sesmarias: Leonardo de Sá (1706), Maria de Sá, mulher de Félix da Cunha Linhares (1707, Paulo Lopes da Costa (1708), Antônio Marques da Costa (1717), Custódio da Costa Araújo (1717), Domingos da Costa Araújo (1721), Francisco Peixoto de Araújo (1721)".

"Por outro lado, entre os mais remotos possuidores de terra, não sesmeiros, constam os mesmos sobrenomes: Ventura de Araújo Costa, José da Costa de Sá e Luís de Sá Costa. De todos os que encontrei, com descendência registrada em documentos locais, fiz referência no 1º volume da Cronologia Sobralense, com atenção especial para José da Costa e Sá (pág.156), natural também de Santa Lucrecia de Louro, cuja filha Luísa da Costa casou-se com o Cap. Manuel da Cunha Linhares...".

E mais, o Padre Sadoc identifica Joaquim de Araújo Costa (filho de Pedro e Maria José de Jesus) como seu trisavô paterno, o que torna Pedro de Araújo Costa seu Tetravô. Também afirma, no mesmo livro tantas vezes citado, que o Cap. José de Araújo Costa é seu hexavô, pela parte materna.

Era Uma Vez na Cruz.indd 111 6/1/2009 10:50:11

A LENDA DOS COSTA, DA JURITIANHA

O Sr. Valci (José Valci da Costa), contou-me uma história sobre os "COSTAS", dos quais descende, que eu já havia escutado de outras pessoas. Então resolvi anotá-la para averiguar depois. Após reler os dois parágrafos da página 148, transcritos anteriormente, resolvi contá-la aqui para que cada um tire suas conclusões.

Em 1712 apareceu na costa de Cauassu um homem desconhecido, que fugia a qualquer tentativa de aproximação dos habitantes locais. Alguns homens daquele povoado reuniram-se e o pegaram; mas não entendiam nada do que ele falava. Um desses homens deu-lhe moradia. Ele era muito arisco, mas com o tempo acostumou-se, e passou a fazer parte da comunidade. Ficou então conhecido como o homem que veio da costa, resumido depois para "o homem da costa".

Quando o tal "homem da costa" casou-se, e constituiu família, esta também recebeu o sobrenome Costa, que, segundo o Senhor VALCI COSTA, tem descendência principalmente na Juritianha.

Esta história ainda tem outro lance interessante. O Sr. Valci conta que, em 1715 – 3 anos após o aparecimento do homem da costa – um senhor que morava em Santana do Acaraú, desesperado com a gravidez de uma filha solteira, levou-a para a casa de um amigo na praia de Cauassu, onde ela ficaria até o nascimento da criança que ele (o amigo) criaria. Para os amigos e vizinhos da moça foi dito que ela iria passar um ano fora, lecionando. A tal moça de Santana, teria sobrenome Vasconcelos. Assim, o menino que nasceu recebeu o nome de MANOEL INÁCIO DE VASCONCELOS, que, mais tarde, teria se casado com uma filha do homem da costa. Seria esta, então, a origem das famílias: COSTA, INÁCIO e VASCONCELOS, da Juritianha.

Era Uma Vez na Cruz.indd 112 6/1/2009 10:50:11

FAMÍLIA FONTELES

MANOEL FERREIRA FONTELES, nasceu em 07/03/1687, no *lugar de nome Fontelo*, freguesia de Meixomil, em Portugal. E faleceu em 30/04/1761, no Ceará, fazenda Tucunduba, sendo sepultado na Capela de Santana. Era filho de Domingos Velho e Maria Ferreira. O 3º filho de uma família de oito irmãos, dos quais o Pe. Sadoc informa que localizou os registros de batismo no Livro Misto nº 2 da Matriz de Meixomil, compreendendo o período de 1652 a 1707. *Nenhum dos seus irmãos tem o "sobrenome Fonteles"*, pelo motivo exposto mais adiante.

O Padre F Sadoc de Araújo em seu livro "Raízes Portuguesa do Vale do Acaraú", dedicou um capítulo a este cidadão e sua família (p. 57/72). Também o livro "Cronologia Sobralense", vol.1 (p. 40/42), do mesmo autor, traz informações sobre ele, seus filhos e um irmão que também teria vindo com ele para o Ceará.

O português Manoel Ferreira Fonteles, no dizer do Pe. Sadoc é o ADÃO do Vale do Acaraú, por ter dado origem a uma enorme descendência. E ele ainda vai mais além, diz que este Manoel foi o maior povoador do Vale do Acaraú, que: "qualquer pessoa branca natural do baixo e médio Acaraú salvo raras exceções seria descendente dele".

Naturalmente isso não se dá pela quantidade de filhos – seis filhos do 1º casamento, mais uma filha com uma índia – entretanto, como sua chegada por aqui já vai para uns 300 anos, foi no início da povoação, podemos imaginar que seus filhos então espalharam sua descendência entre diferentes famílias e lugares. Trouxemos para cá a relação dos filhos de Manoel, e respectivos cônjuges, a fim de que possamos entender melhor essa história de ADÃO do Vale do

Era Uma Vez na Cruz.indd 113 6/1/2009 10:50:11

Acaraú. Intercalamos também, alguns pontos da interessante história deste povoador de nossas plagas.

Ainda conforme a mesma fonte, Manoel esteve primeiro em Pernambuco, onde desembarcou. "Em Olinda conheceu um seu patrício, de nome Francisco Pereira Brandão, com quem mantinha fortes laços de amizade. Este tinha uma filha de menor idade, chamada Maria Pereira. Tendo que viajar para o Ceará o jovem Manoel combinou com seu amigo que casaria com sua filha, logo que esta alcançasse a idade. No tempo oportuno combinariam a data do casamento, quando então, se encontrariam na vila de Aquirás, para realizar a cerimônia do matrimônio religioso. Estando tudo assim acertado, MANOEL embarcou para o Ceará em busca de terras e trabalho". A data exata de sua chegada aqui não se sabe, mas não teria ocorrido antes de 1715.

"Enquanto residia em Aquirás, Manoel Ferreira Fonteles conheceu uma índia tapuia, de nome Maria Fernandes, com quem passou a viver maritalmente. Desta relação amorosa nasceu uma menina que foi batizada em 1718, tomando o nome de LUISA".

"Por volta de 1725, Manoel Ferreira Fonteles recebeu carta do patrício residente em Pernambuco, na qual comunicava que estava a preparar a viagem ao Ceará, em companhia da filha Maria, com o fim de realizar o casamento. Conhecedora dos acontecimentos, a índia (tapuia) revoltou-se contra o amante que lhe havia prometido fidelidade... Dizendo-se ameaçado de morte pela amante, Manoel Ferreira Fonteles conseguiu que a índia fosse presa na cadeia de Aquirás, não devendo ser solta senão depois da realização do casamento. A filha ficaria sobre seus cuidados de pai".

"Na busca de sair-se bem da situação vexatória, Manoel procurou enfrentar imediatamente os problemas, a fim de que, quando chegasse de Pernambuco o futuro sogro, tudo estivesse resolvido. A primeira providência a tomar foi adquirir uma propriedade rural onde se fixar, longe dos problemas surgidos em Aquirás. Foi aí que comprou parte da sesmaria de Nicolau da Costa Peixoto, no lugar Tucunduba, onde pretendia se estabelecer e residir após a realização do matrimônio, com a mulher e a filha. Uma vez casados, Manoel Ferreira Fonteles

Era Uma Vez na Cruz.indd 114 6/1/2009 10:50:11

e Maria Pereira vieram para a Ribeira do Acaraú. A Fazenda, cujo nome lembra a abundância de tucum ou palmeiras, media "meia légua de terra, de comprido, por meia légua de largo, tudo de uma só banda do Rio Acaraú", à margem esquerda, e confinava ao norte com as Fazendas Salgado e, ao sul, com as fazendas Raiz e Várzea Redonda".

Do casamento de Manoel Ferreira Fonteles e Maria Pereira, nasceram seis filhos:

1. **Maria Ferreira Fonteles**, nasceu em 1729, casou em 19/09/1743, na Fazenda Tucundaba, com o português Cap. *Mateus Mendes de Vasconcelos*, filho de Mateus Mendes e Ana Carvalho, naturais de Travanca, concelho de Amarante. Ela faleceu em 02/07/1795 e seu marido em 07/01/1793. Residiram na Fazenda Curralinho onde nasceram os sete filhos (p.144/145 – Cron.Sobralense), Tronco das numerosas famílias Mendes e Vasconcelos.
2. **Ana Ferreira do Espírito Santo** nasceu em maio de 1732 e casou-se em 22/07/1753 com o português *Francisco de Farias Almeida*, filho de Francisco de Farias Almeida (homônimos) e Emerência de Jesus Magalhães. Tronco das famílias Santos, Farias e junção c/a família Sousa; moravam na Fazenda Morro Gadelhudo. Francisco faleceu em 10/07/1795.

Os outros quatro filhos casaram-se com filhos do cap. Ângelo Dias Leitão e Rosa Maria Ferreira, paraibanos e moradores no Cocó, arrabalde de Fortaleza, a saber;

3. **Manoel Ferreira Fonteles Filho**, nasceu em maio de 1740 e casou com *Ana Maria da Conceição*, filha do citado Ângelo, a 12/11/1755, na Capela de Santa Cruz. Manoel faleceu em 18/07/1795 e sua mulher em 19/02/1818. É o tronco mais prolífero da família.
4. **Bibiana Ferreira**, batizada em 16/12/1742, casou com *Qintiliano Dias Leitão*, filho do mesmo Ângelo, a 20/08/1756. Ele faleceu em 23/02/1815 e Bibiana em 09/08/1805.
5. **Tomé Ferreira Fonteles**, gêmeo, nascido a 28/12/1747, de cujo parto faleceu a mãe. Casou-se com *Maria José de Verçosa*, filha de Ângelo e Rosa Maria, a 27/11/1764. Maria José faleceu em 01/05/1785.

Era Uma Vez na Cruz.indd 115 6/1/2009 10:50:11

6. Francisco Ferreira Fonteles (RIOS), gêmeo com o precedente, nasceu e casou no mesmo dia que o irmão TOMÉ. O 1º matrimônio foi com *Inácia Ferreira de Verçosa*, filha do já citado Ângelo. O 2º casamento foi com *Ana Quitéria de Jesus*, filha de João da Fonseca Álvares e Maria Teresa de Jesus, a 04/08/1796. Faleceu em 18/07/1815. Tronco da família RIOS.

07. Luiza Ferreira Fonteles, a filha natural, com a índia tapuia [Maria Fernandes], batizada em 1718, casou-se, em 26/11/1733, na Fazenda Tucunduba, com o português *Caetano Soares Monteiro*, filho de Simão Marques Leitão e Catarina Soares Monteiro, naturais de Sobral da Lagoa, Óbidos, Portugal. Caetano foi vereador da Câmara Municipal de Fortaleza, eleito em 28/07/1747, com posse em 04/01/1748. Luisa Ferreira faleceu em 16/11/1794. Deste matrimônio nasceram 8 filhos, a saber:

✓ **Maria Soares**, casou-se em 2411/1746, na Fazenda Tucunduba, com *João da Silveira Dutra*, filho de Manoel Dutra e Josefa da Silveira, naturais da Ilha da Madeira - Portugal. Ela faleceu em 29/06/1765; e seu marido João da Silveira Dutra casou com *Maria da Conceição Araújo*, filha do Cap. Gabriel Cristóvão de Meneses e Bernarda Correia de Araújo, a 18/set/1766, na Matriz de Amontada (p.101/102 e 237/38, Cron. Sobralense)

✓ **Gabriel Soares Monteiro**, casou-se em 26/11/1778, com *Quitéria Coelho de Albuquerque*, filha do Cap. Antônio Coelho de Albuquerque e Joana Teixeira de Morais, na Fazenda Pau Caído.

✓ **Josefa Maria da Conceição**, casou-se em 10/09/1769, na Capela de Santana**,** com *Francisco Rodrigues Magalhães*, filho de João Rodrigues Magalhães e Grácia Ribeiro de Sousa. Ela faleceu em 15/09/1776. *Seria a origem dos Magalhães da nossa região?*

✓ **Maria Madalena**, casou-se em 21/11/1777, na Fazenda Olho d'Água do Chora, com *Miguel dos Santos Silva*, filho de Manoel dos Santos Silva e Maria da Conceição.

✓ **Manoel Soares Monteiro**, casou-se em 22/05/1799, na Matriz de Sobral, com *Custódia Lourença Justiniana*, filha de João Pereira da Silva e Quitéria Maria de Sousa.

✓ **Ana Ferreira do Espírito Santo**, casou-se em 18/11/1790, na

Era Uma Vez na Cruz.indd 116 6/1/2009 10:50:11

Fazenda Olho d'Água do Chora, com *João Rodrigues da Silva*, filho de Francisco Dias da Silveira e Ana Cardoso;

✓ **Francisca do Espírito Santo**, casou-se em 28/10/1771, na Fazenda Olho d'Água do Chora, com *Mariano Rodrigues Moreira*, filho do Cap. Manoel Moreira Soares e Ana da Costa Teixeira.

✓ **Vicente**, batizado em 01/05/1760. Sem outras informações.

Todos os grifos e destaques na relação dos filhos (e netos) de MANOEL FERREIRA FONTELES são meus. Uma forma de chamar a sua atenção – leitor, para os detalhes.

Maria Pereira faleceu de parto dos gêmeos, na Fazenda Tucunduba, a 28/12/1747 (p. 162 – Cron.Sobr); e Manoel casou pela 2ª vez, em 28/05/1752 com *Rosaura Maria de Mendonça*, viúva de Bento de Barros, falecido em 07/01/1752. Deste matrimônio não houve filhos.

Mas, voltemos ao **"sobrenome Fonteles"**, de onde vem?

Após a transcrição do assento de batismo de Manoel, consta que o Pe. Luiz Ferreira que o batizou, assim como sua madrinha Catharina, eram tios maternos da criança, irmãos de sua mãe – Maria Ferreira, e *todos agregados da Casa do Fontelo,* onde residiam.

A Casa do Fontelo, diz Pe. Sadoc (p.58), está situada a 2 km da Matriz de Meixomil, tendo origem esse nome em um "pequeno ribeiro, com tal nome...". Lá também viveram os avós paternos e os pais de Manoel. É daí – do lugar Fontelo – que vem o *apelido Fonteles,* que Manoel adotou por sobrenome, no Brasil, e o transmitiu à sua família. Seu nome, que deveria ser Manoel Ferreira Velho, foi modificado para Manoel Ferreira Fonteles.

O capítulo do livro Raízes Portuguesa do Vale do Acaraú, referido logo no início, destaca ainda a influência deste cidadão: um dos pioneiros nas atividades agropecuárias, nos primórdios da nossa colonização; o que havia aprendido na Casa do Fontelo procurou aplicar no Vale do Acaraú. Também fundou uma escola na fazenda Tucunduba, a primeira a funcionar nos sertões do Vale do Acaraú, diz Padre Sadoc. Além de outros feitos, como por exemplo: o de participar da construção da Capela de Santana do Acaraú, cuja bênção se realizou em 09/08/1739; e de exercer o cargo de Juiz Ordinário da Ribeira do Acaraú, com posse em 22/04/1746.

Era Uma Vez na Cruz.indd 117 6/1/2009 10:50:11

Era Uma Vez na Cruz.indd 118 6/1/2009 10:50:11

FAMÍLIA VIDAL

Esta foi uma família bem difícil de identificar. Minha pesquisa não evoluía linearmente, pois todos os que eu entrevistava eram primos. Localizei muitos descendentes da família Vidal, mas em cada grupo familiar começava tudo de novo, porque a raiz da família tinha ficado nas imediações de Santana – povoados de Estreito e Chora, basicamente; chamados por seus descendentes, simplesmente "Sertão".

A distância e a dificuldade de transporte da época, fizeram com que esses "VIDAL", que se estabeleceram aqui, não visitassem seus pais, ou levassem seus filhos para conhecerem os avós; daí a escassez de informação sobre suas origens.

Apostando no ditado "quem procura acha" continuei procurando. Pergunto de cá, pergunto de lá, encontro um descendente, que manda pra outro..., finalmente cheguei à casa do senhor DEUSDEDIT (Deusdedit Vidal Fonteles - n.15/10/1919), já com a saúde debilitada, mas totalmente lúcido. Teve muita boa vontade, e o pouco que sabia me passou. Mostrou-me a certidão de batismo. Seu pai era Francisco Vidal Fontelles n. 1873, casado com Emília Maria do Nascimento, sua sobrinha; segundo o senhor DEUSDEDIT, ela era filha de Úrsula, uma irmã de seu pai. Significa dizer, que Emília era filha de Úrsula Maria da Conceição e Gregório Francisco de Menezes. Essa foi uma descoberta importante, mas, teve outra ainda melhor. Ele me disse – que ouviu de seu pai – que o nome VIDAL foi resultado de uma promessa com Frei Vidal da Penha. Seu avô [bisavô de Deusdedit], por ocasião do nascimento de um filho, num momento de agonia, prometera que, se o parto fosse bem-sucedido, sendo homem se chamaria Vidal, e se mulher, seria Penha. Nasceu homem, deu tudo certo, então foi batizado com o nome de Vidal, e a partir de então começou a família, pois foi adotado como sobrenome.

Era Uma Vez na Cruz.indd 119 6/1/2009 10:50:11

O senhor **Desudedit seria, então, neto do 1º Vidal**, pelo lado paterno, mas não lembrava do nome do avô; sabia que seu pai havia lhe falado, mas a memória já não o ajudava.

De posse destas informações fui em busca de um neto paterno da Úrsula, morador dos Tucuns – ODILON Francisco do Nascimento (filho de José Francisco do Nascimento n.1888 e Raimunda Augusta da Rocha). Este confirmou que sua avó veio do Estreito e que vários outros irmãos, teriam vindo depois, e casado com pessoas do povoado de Cruz, constituído família na região.

Seriam os seguintes, esses membros da família Vidal, cujos cônjuges fui descobrindo ao longo da pesquisa – quase todos.

01 – Úrsula Maria da Conceição, casada com *Gregório Francisco do Nascimento*, nascido em 24/02/1843, em Cruz.
02 – Maria do Carmo da Conceição, casou em 01/09/1868, com *João Muniz Rodrigues*, viúvo de Luiza Manoel do Nascimento.
03 - Miguel Vidal Fontelles casou com *Maria da Purificação de Vasconcelos*.
04 – Manoel Vidal Ferreira casou com Guilhermina Carneiro do Espírito Santo, também do Estreito.
05 – João Pedro Vidal casou com *Maria Júlia Vidal*.
06 – Vicente Vidal - este era cego e não se casou.
07 – Francisco Vidal Fontelles casou com *Emília Maria do Nascimento.*

Todos esses dados enviei a Wellington, para que checasse com seu trabalho de pesquisa nos microfilmes dos registros civis e religiosos. O resultado, no que se refere ao nome do 1º VIDAL [que, seria o pai das sete pessoas acima listadas, pelas informações colhidas], foi o seguinte:
Úrsula – foi identificada, através do registro de batizado, como filha de Vidal Ferreira Fontelles e Ana Joaquina da Conceição.
Maria do Carmo – seu registro de casamento diz que ela era filha de Vidal Ferreira Fontelles [de Maria] e Ana Joaquina da [Soledade]. O mesmo nome foi novamente confirmado por ele, no 2º casamento de **Vidal Ferreira Fontelles de Maria**, com *Maria Muniz da Conceição* (filha de José Muniz Farrapo e Maria Antônia Rodrigues),

Era Uma Vez na Cruz.indd 120 6/1/2009 10:50:11

em 12/02/1867. Este registro diz que ela era natural do Acaraú e ele do Município de Santana. Ela nasceu em 1834 e faleceu em 29/11/1912, em Cruz. Seu registro de óbito informa que o casal tinha três filhos vivos, em 1912, que seriam: Francisco Vidal Fonteles – n.1873; Vicente Vidal – n.1876; Raimunda Filismina Vidal – n.1878. Esta última não constava da minha lista. Os demais, suponho, sejam filhos do primeiro casamento.

Como a variação de nomes nos registros da época é grande, e temos uma boa diferença de tempo – entre o registro de batizado da Úrsula e o registro de casamento da Maria do Carmo – é mais do que provável que as duas sejam realmente irmãs, e filhas do primeiro casamento de **Vidal Ferreira Fontelles [de Maria].** O "de Maria" pode bem ser o complemento da promessa; num parto difícil, quem sabe, promessa da mãe...

Na seqüência a relação dos filhos de Miguel, Manoel e Francisco, que continuaram o sobrenome Vidal. Do João Pedro, não descobri nada. Maria do Carmo e Úrsula, conforme a cultura de então, assumiram o sobrenome do marido, assim como seus filhos.

FRANCISCO VIDAL FONTELLES e *Emília* criaram 8 filhos:

01 - DEUSDEDIT VIDAL FONTELES - n.15/10/1919 casou com *Albertina do Nascimento Lopes*, filha de Raimundo Nonato Lopes e Maria Júlia do Nascimento.
02 – MODESTO VIDAL FONTELES casou com *Maria Eulina Mendes*, fillha de João Mendes Ferreira e Maria Mendes da Silveira.
03 – MARIA VIDAL FONTELES, a mais velha, teria falecido em 2003 aos 83 anos. Casou com *Pedro Pinto*, filho de Maria Filomena de Vasconcelos e Miguel Pereira Pinto.
04 – RAIMUNDA VIDAL FONTELES casou com *Rafael da Rocha Sousa*, filho de João Geraldo de Sousa e Filomena Julia do Nascimento.
05 – GERALDO VIDAL FONTELES, n.15/02/1924 casou com *Maria Nazaré Mendes*, n. 06/02/1926, filha de Francisco das Chagas Mendes e Maria José de Jesus.
06 – FRANCISCO VIDAL FONTELES (Filho) casou com *IZILMA*, filha de Manoel Rodrigues da Lagoa Salgada.

Era Uma Vez na Cruz.indd 121 6/1/2009 10:50:11

07 – ANTÔNIO VIDAL FONTELES, também conhecido como Valci, segundo seu irmão Geraldo, era casado com *RAIMUNDA*, filha de um Santo Davi, do Sertão.
08 – JOSÉ VIDAL FONTELES casou com *Sebastiana Braga*, da Lagoa Salgada.

MANOEL VIDAL FERREIRA e *Guilhermina* criaram 5 filhos:

01 – ANTÔNIO VIDAL DA SILVA - n. 31/12/1891, no Chora (Santana). Casou com *Maria dos Anjos do Espírito Santo*, da mesma localidade. Ambos faleceram em Juazeiro, onde moravam (Cruz); ela em 1960, ele 18/02/1973. Maria dos Anjos era filha de José Lourenço da Cunha e Maria Amarante do Espírito Santo. Este casal teve 10 filhos, entre eles o senhor Geraldo Vidal da Silva - n.13/02/1936, em Cruz e casado com *Margarida Maria Muniz* em 20/07/1957. Ela, filha de Rita de Cássia Muniz e Manoel Araújo Muniz. Foi o senhor Geraldo Vidal (e sua filha, Aparecida) que me forneceram todas as informações sobre Manoel Vidal Ferreira, seus filhos e, especialmente, a descendência de Antônio Vidal da Silva.

OBS.: na certidão de batismo, de Antônio Vidal da Silva (sob a guarda de seu filho – Geraldo Vidal), consta que seus pais eram Manoel Ferreira Fonteles e Guilhermina Maria de Jesus.

Observem que, o primeiro que relacionamos tinha o sobrenome *"Vidal Fonteles"*, enquanto este outro, é *"Vidal Ferreira",* e tem um filho com o sobrenome *"Vidal da Silva"*. Tentei descobrir a razão e o Sr. Geraldo Vidal contou-me o seguinte. Seu pai só se registrou por ocasião do casamento Civil, e, como não gostava do sobrenome "FERREIRA", que identificava [aquele que trabalha com ferro], nem do sobrenome da sua mãe "CARNEIRO" - que lembrava [um animal], escolheu um sobrenome do seu agrado - o "SILVA". Vale lembrar que este não era um fato incomum, naquela época, outras pessoas me relataram casos semelhantes.

Mas, voltemos aos filhos de Manoel Vidal Ferreira, ou Manoel Ferreira Fontelles casado com Guilhermina Carneiro do Espírito Santo, ou Guilhermina Maria de Jesus.

Era Uma Vez na Cruz.indd 122 6/1/2009 10:50:11

02 – JOAQUIM CARNEIRO DA SILVA casou com *Tereza Pastora de Jesus*, também do chora. Falecida em 1960, em Cruz (Tucuns). Ela, filha de Miguel Vidal Fonteles e Maria da Purificação de Vasconcelos.
03 – MENANE VIDAL FERREIRA**,** sem informações.
04 – JOSÉ VIDAL FERREIRA casou com *Francisca*, também filha de José Lourenço da Cunha e de Maria Amarante do Espírito Santo.
05 – FRANCISCA VIDAL DA SILVA casou com *Manoel do Nascimento Teles,* também do Estreito. Santa, como era conhecida, era a mãe do Sr. Generino, residente em Cruz, onde deixou descendência.

MIGUEL VIDAL FONTELES e *Maria da Purificação:* 5 filhos

01 – TEREZA PASTORA DE JESUS casou com *Joaquim Carneiro da Silva*, filho de Miguel Vidal e Guilhermina, identificados no item anterior.
02 – JOAQUIM ÂNGELO FONTELLES casou com *Cristina Maria de Farias*, filha de Antônio José de Farias e Maria Cristina, também conhecida como Maria Gregório. Ângelo e Cristina são os pais de Maria Ângela Farias, esposa de Raimundo Raphael de Vasconcelos, ambos já falecidos.
03 – JOSÉ THOMÉ FONTELES, n.1882 casou com *Ana Lourdes Fonteles da Silveira*, n. 08/04/1891, filha de Inácio Fonteles da Silveira e Francisca Maria da Silveira. No registro de Casamento Civil deste filho (localizado por Wellington), seu pai aparece como Miguel Ferreira Fontelles.
04 – MIRINO VIDAL (ou algo parecido – sem informações).
05 – MANOEL VIDAL - idem.

O que o sobrenome "Fonteles", tão constante na família Vidal, tem a ver com o português Manoel Ferreira Fonteles, o ADÃO do Vale do Acaraú, no dizer do Pe. Sadoc? Vou ficar devendo essa.

Era Uma Vez na Cruz.indd 123 6/1/2009 10:50:12

Era Uma Vez na Cruz.indd 124 6/1/2009 10:50:12

PRIMEIROS PROFESSORES

A ficha completa dos primeiros professores é algo impossível de se conseguir. Aliás, como toda informação histórica sobre os nossos antepassados. O que nos chegou até hoje é fruto da tradição oral, que, como sabemos, ao passar de uma geração para outra [muita coisa] vai se perdendo.

Para não dizer que não há nada escrito sobre eles vamos reproduzir aqui um pequeno comentário de Nicodemos Araújo, livro "Município de Acaraú – Notas para sua História" (p.325), dentro do capítulo referente ao distrito de Cruz – item "Instrução e Cultura".

"O mestre Antônio Rafael de Vasconcelos foi o pioneiro do magistério na hoje vila de Cruz. Isto aí pelo ano de 1890. Continuaram-lhe a nobre missão, os seguintes mestres: - Francisco Ferreira do Nascimento, em 1895; João Pereira, subvencionado pela Prefeitura, em 1908; Antônio Severo, em 1910; Professoras: Filomena Martins dos Santos, em 1919; Ana Ferreira Cruz Nascimento, em 1950; Geralda Miranda dos Santos, em 1952, as quais já se aposentaram, bem como, as professoras municipais Maria Lindaura Araújo, Maria Miraci de Farias Muniz e outras."

Cabe acrescentar, que parte destes dados, também foi colhida da lembrança popular, pois não se tem notícia que houvesse contrato com o Município, ou com o Estado para remuneração desses professores, pelo menos antes de 1900; embora a instalação do Município de Acaraú tenha ocorrido em 05/02/1851. O que apurei, nas entrevistas com pessoas que estudaram – ou que conheceram alguém que estudou com eles – é que os pais dos alunos compartilhavam entre si o custo da alfabetização dos filhos.

Era Uma Vez na Cruz.indd 125 6/1/2009 10:50:12

A carência de professores na época era grande. Assim, quem tinha condições para assumir o "ofício" na sua casa, atuava junto a sua comunidade. Mas, na maioria das vezes, o professor (quase sempre uma professora) vinha de outro povoado e ficava na casa de alguém que pudesse abrigá-lo, por uns tempos. Nossos pioneiros foram uns heróis. Tanto os professores como os pais, e também os alunos, pela imensa boa vontade e o esforço conjunto para implantar os alicerces da educação.

Os homens estudavam muito pouco, pois geralmente, só iam à escola no período da entressafra – entre o final do inverno e o preparo dos roçados, e outras atividades do campo – uns três meses por ano; era o tempo que eles tinham para aprender a ler e escrever, pois nem todos podiam voltar à Escola na próxima temporada. Já a mulher não tinha esse problema, a dificuldade delas era outra; muitos pais entendiam que mulher não precisava estudar, uma vez que sua função era casar, ter filhos e cuidar deles, do marido e da casa. Tempos difíceis Aqueles! Eles nem sonhavam com essas facilidades que a escola de hoje oferece, a começar pela luz elétrica.

O livro "O Município de Cruz", do mesmo autor (p. 89), traz informações do gênero, e outras complementares, como a inauguração da 1ª Escola na então Vila de Cruz, em 02/02/1951, pelo Prefeito interino de Acaraú – Joaquim Rodrigues de Oliveira Magalhães, um bisneto de Francisco Teixeira Pinto.

Em virtude de não se conhecer o período exato em que cada uma dessas pessoas exerceu o magistério, nem a data de nascimento de todas elas, estou relacionando-as em ordem alfabética. Não quero dizer que estes sejam os únicos professores, foram os que consegui identificar, relativamente à fase mais antiga, com atuação na jurisdição atual do nosso Município.

1º - ANTÔNIO RAPHAEL DE VASCONCELOS (N.24/10/1840 – F.10/06/1911)

Este foi o primeiro professor da Vila de Cruz.
Era filho de Manoel Antônio de Vasconcellos e Rita Francisca de Jesus. Estudou em Pernambuco, no Seminário. Seus pais o queriam padre, ele porém, preferiu a vida com dona Antônia Cândida da Conceição.

Era Uma Vez na Cruz.indd 126 6/1/2009 10:50:12

Período: 1890 ...

Depois, quando se mudou para o Capim, em data que não descobri, continuou dando aulas lá, ou no Angico, que era próximo.

2° - ANA FRANCISCA CRUZ NASCIMENTO (N.02/04/1916 – F.04/03/2007)

D. Naninha, como ficou conhecida, era filha de João Batista da Cruz e Vicença Ferreira Lima. Morava em Acaraú, quando foi contratada como Professora, e exerceu seu ofício em várias localidades: Lagoa Salgada, Lagoa Velha, Jenipapeiro e Cruz. Casou-se em 30/06/1940 com um cidadão cruzense – Geraldo Vasconcelos do Nascimento, mais conhecido como Geraldo Malaquia. A partir de 1951 (segundo seu esposo), passou a lecionar na própria casa, que ficava em frente à porta principal da Igreja. Ela foi minha segunda professora.

Período: 1935 até aposentar-se

3° - FILOMENA MARTINS DOS SANTOS

Dona "Filó" (Camirino), assim era tratada. Era natural de Acaraú. Também ensinava na sua residência e, de acordo com vários de seus ex-alunos, ela morou em diversas casas, no chamado "Quadro", atualmente mais identificado como Praça da Matriz. Também teria ensinado nos Tucuns, na década de 40, sendo substituída em 1946, aproximadamente, por Maria Lindaura de Araújo (filha do senhor Celso Araújo) segundo me informou o senhor José Nemézio.

Período: 1919 até o final da década de 40, talvez...

E*ntre os habitantes de Cruz, maiores de 70 anos* – muitos lembram de ter estudado com ela. Entre eles, meu pai, que foi seu aluno por volta de 1933. E dona Rita Ferreira de Freitas - em 1925, aproximadamente, no dizer de seu filho, Alônsio Marques de Freitas. Não descobri nenhum aluno anterior a 1925. Entretanto, como 1919 foi a data de sua nomeação (conforme

Era Uma Vez na Cruz.indd 127 6/1/2009 10:50:12

comentário de Nicodemos de Araújo, reproduzido no inicio), sendo ela natural de Acaraú é provável que tenha lecionado por lá, nos primeiros anos de seu contrato, e só posteriormente transferida para a Vila de Cruz.

4º - GERALDA MIRANDA DOS SANTOS (N.30/07/1919 - F.23/04/2000)

Dona Geralda também era de Acaraú, filha de Francisco Felício dos Santos e Raimunda Miranda dos Santos. Casou-se em Aranaú, em 1943, com Antônio Medeiros de Sousa, conhecido entre nós como "Antônio Petronilia". Ela foi nomeada em 08/fev/1939 e lecionou em várias localidades: Acaraú, Pitombeiras, Lagoa da Volta e Cruz, para onde veio transferida em 12/05/1951, e ensinou até se aposentar, morando no próprio prédio do Estado.

Período: 1939 até aposentar-se.

Essa foi minha primeira professora, aliás, nem foi ela, pois a mesma estava de licença maternidade e quem a substituiu foi seu esposo, que acabou sendo meu primeiro professor.

5° - GRACIANO CARDOSO

Este foi professor durante um ano, apenas, na Ilha do Juá. Era alguém de fora que passou uns tempos no povoado. Meu pai (Zeca Muniz) estudou com ele neste período, assim como alguns contemporâneos dele.

Período: 1940, aproximadamente

6º - JOÃO PEREIRA DUTRA (N.1847)

O Professor João Pereira era filho de Antônio Pereira Pinto e Floriana Maria da Conceição. Casou 2 vezes: 1º com Maria Cleofas de Jesus e depois com Joanna Maria de Sousa, e morava na Lagoa Salgada, onde foi professor. Infelizmente não localizei nenhum dos seus ex-alunos.

Período: 1908, em diante.

Era Uma Vez na Cruz.indd 128 6/1/2009 10:50:12

Em maio de 2008 descobri um caderno de anotações de João Evangelista de Vasconcelos (João Lúcio) onde consta que, em 1916 o senhor Antônio Raimundo convidou uns amigos e contratou um professor da Lagoa Salgada para ensinar no Tabuleirinho. João Pereira Dutra, a quem ele se refere como um bom mestre, e que teria levado duas moças que também ensinavam. O tio João Lúcio completa dizendo que seu estudo resumiu-se em três verões, exatamente os de 1916, 1917 e 1918, pois no inverno o caminho do Capim para o Tabuleirinho ficava muito ruim e seu pai o tirava da escola. E que 1919 foi ano de seca, e ele foi tratar do gado e esqueceu da escola; mas não diz se o professor João Pereira continuou ensinando lá ou não.

7º - JOSÉ FABIÃO PEREIRA (N.20/01/1872 – F.19/06/1953)

Conhecido como *"Professor Fabião",* casado com Anna Maria de Sousa*,* era filho de João Pereira Dutra e Maria Cleofas de Jesus. Também morava na Lagoa Salgada, onde deu continuidade ao trabalho de seu pai.

Período: 1935 , em diante.

O período foi informado pelo senhor José Nemézio, que estudou com ele em 1942, mas lembrava que em 1935 José Fabião já era professor.

8° - MACÁRIO JOSÉ DE FARIAS (N. 01/04/1879 – F.06/02/1961)

Macário, casado com Rufina de Oliveira Magalhães, era filho de João Evangelista de Menezes e Geralda Maria da Conceição. Morava nas Porteiras, onde começou seu ofício, ensinando em sua casa de 1924 a 1925. Depois teria lecionado na Lagoa dos Patos na casa do senhor Lucas Pinto no período de 1926 a 1933, e por fim, numa Colônia de Pescadores, em Pajusé de 1934 a 1937.

Período: 1924 a 1937

Era Uma Vez na Cruz.indd 129 6/1/2009 10:50:12

Informações aproximadas, fornecidas por Maria Alice de Menezes Araújo, também residente em Porteiras (hoje é falecida).

9º - MANOEL PEREIRA PINTO (ou Vicente, segundo Wellington).

Este era o pai de Miguel Pereira Pinto, casado com Filó Pereira, moradores da Lagoa Salgada, onde ele, segundo sua bisneta (Rosalina de Menezes) foi um dos professores, embora desconheça o período. E não localizei ninguém que soubesse informar se foi antes, ou concomitante com o João Pereira Dutra. Aliás, o pai deste último é Antônio Pereira Pinto. Quem sabe se ele não era irmão do Manoel Pereira Pinto?

10 - MARIA ALICE DE MENEZES (N.05/05/1925, falecida em 2008)

Citada no item referente ao Macário José de Farias. Era casada com Geraldo Muniz de Araújo, e filha de Sixto Romão de Farias e Filomena Apolônio de Menezes. Morava na localidade de Porteiras e lecionou lá, em sua casa de 1938 a 1939 e em Aningas, de abril a outubro de 1948, na casa de Luiz João de Farias casado com Rita Muniz de Albuquerque.

Período: 1938, 1939 e 1948

11 - RAIMUNDA ELVIRA BRANDÃO (N.21/01/1891 – F.27/02/1979)

"Raimundinha do Ludugero", como ficou conhecida, era filha de Teotônio Pereira Brandão e Rita Maria de Sousa. Casada com Ludugero Marques de Souza morava na Lagoa Salgada, onde exerceu o magistério.

Período: a partir de 1948, segundo seu filho, José Nemézio.

14 - MARIA DE FÁTIMA RODRIGUES BRANDÃO

Período: 1958 a 1965

Dona Fátima, como era tratada por seus alunos, também era natural de Acaraú, e não temos sua biografia. Eu até agendei um encontro com ela no final do 1º semestre de 2008 para tratar

Era Uma Vez na Cruz.indd 130 6/1/2009 10:50:12

desse assunto, infelizmente houve um imprevisto e ficamos de acertar uma nova data, o que acabou não acontecendo. Sua vinda para o nosso povoado está ligada à criação da paróquia e conseqüente nomeação do nosso 1º vigário – Pe. José Edson Magalhães, cuja posse ocorreu em 06/abr/1958.

Detalhe: nosso primeiro vigário também é descendente das primeiras famílias de Cruz, sendo *trineto do Francisco Teixeira Pinto* e Anna Maria de Jesus, pelo lado paterno.

O Pe. Edson (hoje Monsenhor Edson) deu um novo impulso à educação em Cruz, fundando em 04/mar/1959 o Instituto São Francisco, que passou a funcionar na Casa Paroquial. E para dirigir esta nova Escola convidou a professora Maria de Fátima Rodrigues Brandão, diplomada no Colégio de Acaraú - CE, portanto, dispondo de muitos recursos didáticos que os professores anteriores nem conheciam. Foi a partir desta data que se deu a implantação do ensino básico em nossa cidade, organizado de forma regular (à época, Curso Primário). Com o passar do tempo não dava mais para acomodar na Casa Paroquial a quantidade de alunos e o Padre Edson, num esforço conjunto com as famílias locais providenciou a construção do Prédio Paroquial que recebeu o nome de Instituto Fundamental São Francisco, onde nossa Escola passou a funcionar de maneira mais adequada.

Dona Fátima exercia o magistério em tempo integral, dividindo o tempo de forma a deixar espaço para os ensaios relacionados às atividades artísticas. Ensaios estes que aconteciam na casa da minha avó – dona Geralda – onde ela morava nos primeiros tempos.

Este foi um período rico em movimentos culturais. E eu falo com conhecimento dos fatos, pois tive a felicidade de viver esta época. Realizavam-se constantes saraus, onde os dons artísticos dos educandos desenvolviam-se, através de apresentação de peças de teatro, poesia, canto e dança. A integração entre os jovens de então despertava lideranças que organizava o lazer com jogos, piqueniques, tertúlias. Isso apesar das dificuldades e restrições da época.

Era Uma Vez na Cruz.indd 131 6/1/2009 10:50:12

Hoje, passados tantos anos, e aprendido um pouco mais, entendo porque os "educadores escritores" defendem tanto a Arte como veículo importante no trabalho de desenvolvimento da capacidade criativa do indivíduo. "... ela proporciona a harmonia da alma, desperta a sensibilidade e promove estados de espírito adequados à aprendizagem intelectual e à prática moral".

Naturalmente que houve a colaboração dos pais nesse processo. O educador sozinho, sem o compromisso da família não consegue milagres. Havia um consenso entre os pais, a professora e o padre, que era o "Comandante in Chefe", da cidade.

Este ciclo encerrou-se com a morte do Monsenhor Sabino de Lima Feijão, que levou o Padre Edson para o Acaraú em 05/set/1965, quando assumiu aquela paróquia; e dona Fátima permaneceu em Cruz até o final do ano letivo de 1965.

O novo pároco – Padre Manoel Valdery da Rocha, natural de Morrinhos, tomou posse em 12/09/1965 e continua conosco até hoje, mesmo residindo parte do tempo em Sobral. Ele deu continuidade ao processo educativo, expandindo-o e trazendo ao nível que conhecemos hoje. Construiu, também junto com a comunidade, outro prédio onde a partir de 1972 passou a funcionar a Escola Fundamental São Francisco, com 1º e 2º graus, hoje um grande Centro Educacional, dirigido pelas as Irmãs Missionárias do Coração de Jesus, cuja casa é integrada à dita Escola, mais conhecida como o "Colégio das Irmãs".

Era Uma Vez na Cruz.indd 132 6/1/2009 10:50:12

HISTÓRIAS INTERESSANTES

Era Uma Vez na Cruz.indd 133 6/1/2009 10:50:12

Era Uma Vez na Cruz.indd 134 6/1/2009 10:50:12

A PEDRA QUASE MILAGROSA

A famosa "Pedra do Capim" é conhecida de todos desta cidade de Cruz. Quem ainda não experimentou a sua eficiência tem algum parente ou conhecido que dela já se beneficiou. Em janeiro de 2008, quando resolvi inserir neste livro a história da mencionada pedra, procurei sua atual guardiã, para poder contá-la o mais fielmente possível. Gentilmente a dona Rita me passou os dados gerais, do seu conhecimento, e para outros detalhes que solicitei, ela me aconselhou a procurar o Quincas (filho do tio João Lúcio) que podia saber mais alguma coisa, pois havia guardado as anotações de seu pai.

Abro aqui um parêntese para contar que, hoje, quando estive entrevistando a Rita pra escrever esta matéria - já com meus "60 janeiros" pude matar minha curiosidade. Vi a famosa pedra, que na verdade nem parece uma pedra. A mim pareceu aqueles ímãs de geladeira, menos de 5 cm de cumprimento por l cm de largura, aproximadamente. A espessura então, nem se fala, poucos milímetros. E sempre foi daquele tamanho, garante a Rita, não houve desgaste pelo uso ou ação do tempo.

Conforme sugerido fui ao Jenipapeiro, onde tive a oportunidade de ler a história desta maravilhosa pedra, diretamente no caderno de anotações do tio João Lúcio (graças à boa vontade de Quincas e Lili). Vale lembrar que João Lúcio já tinha 20 anos quando sua mãe fez essa importante aquisição, e ele participou dela, portanto, os detalhes anotados por ele são dignos de crédito. Em linhas gerais é essa a história que ora registro, para conhecimento de todos.

A pedra supra referida teria sido adquirida em 1927, de um farmacêutico comboieiro, por 50 mil réis. Esse homem, que se chamava Alfredo, era também metido a médico, e costumava se arranchar no Capim, segundo as mencionadas informações.

Era Uma Vez na Cruz.indd 135 6/1/2009 10:50:12

Era costume da época dar pousada aos viajantes cansados. E dona Raimundinha do Capim era muito generosa com os viajantes que passavam por lá. Conta João Lúcio (1907/1997) que numa dessas viagens em que o farmacêutico se arranchou em sua casa, teria dito à sua mãe: "tenho um segredo pra lhe vender" e, chamando-a em particular foram conversar no alpendre. Ele, porém os acompanhou dizendo que também queria saber do que se tratava. Ali o farmacêutico tirou de dentro de uma caixinha, a dita pedra, que mostrou como um poderoso objeto para extrair veneno de quem fosse picado por bicho ou inseto venenoso. "Esta pedra é ideal para a senhora, que mora num local distante de médico e cercada de muitos perigos", teria dito o hábil vendedor. E passou a explicar os procedimentos para uso da pedra: "quando alguém for mordido por uma cobra, ou algum inseto venenoso, passe um algodão com álcool sobre o local e também na pedra, e coloque-a sobre a marca da picada; se a pedra não grudar é porque não há veneno, mas, se ela grudar deverá ficar no local até que se solte sozinha, pois é quando todo o veneno já foi extraído". Recomendou ainda, que a pedra fosse guardada com muito cuidado. E mais, que ela não fosse tocada e nem vista por mulher alguma com menos de 60 anos, só depois da menor-pausa.

Mostradas todas as vantagens da pedra milagrosa ele disse o preço – 50 mil réis. Percebe-se que não foi sem motivo que seu Alfredo quis falar em particular; dona Raimundinha achou muito caro, segundo as informações de João Lúcio, essa quantia era equivalente ao preço de duas arroubas de cera de carnaúba. Mas, o vendedor teria dito: "a senhora me conhece, lhe dou garantia, se não for como estou lhe dizendo, na próxima viagem lhe devolvo o dinheiro e recebo a pedra de volta". Dona Raimunda e seu filho consideraram que, se a pedra funcionasse mesmo valia o dinheiro. Então venderam a cera e compraram a pedra.

Algum tempo depois, ANA, filha de dona Raimunda, foi picada no calcanhar por uma jararaca. Já era noite e, em meio à agonia geral, João Lúcio lembrou da pedra. Pediu a sua mãe e ele mesmo tomou as providências conforme recomendadas pelo farmacêutico. Foi o grande teste de validade da pedrinha, que para sorte de Ana,

Era Uma Vez na Cruz.indd 136 6/1/2009 10:50:12

funcionou, salvando-lhe a vida naquele dia, abaixo de Deus. E de lá para cá, continuou limpando veneno do sangue de muita gente.

Raymunda Nonata de Vasconcelos nasceu em 27/05/1868, lá mesmo na localidade "Capim", e já era viúva nessa ocasião. Seu marido, Lúcio Teixeira de Vasconcelos faleceu em 1923. E segundo contam os descendentes de dona Raimunda (e seu Lúcio do Capim) eram duas as pedrinhas vendidas naquela época. A outra teria ficado com uma família da Santa Rita, que não tomou os cuidados necessários e acabou perdendo-a. Mas, a pedra do Capim foi cuidada como uma jóia rara. Primeiro pela sua proprietária - D. Raimunda; depois ficou com sua filha Úrsula até seu falecimento, quando passou para o Manoel Jacinto, sobrinho e filho adotivo desta. Por último está com a Rita de Cássia Moura, viúva do Manoel Jacinto e também neta de dona Raimunda.

Contar alguma história das tantas pessoas que chegaram ao Capim, quase mortas, carregadas em redes (a melhor forma de transportar alguém doente naqueles tempos) e saiam andando é desnecessário; pois desde os mais idosos ainda vivos em nosso meio, até os da minha geração, todos conhecem a importância desta pedra na saúde do nosso povo, assim como da generosidade de seus proprietários e herdeiros, que sempre receberam e acomodaram os doentes em sua casa em qualquer hora que por lá apareciam, prestando o socorro ao seu alcance, sem cobrar nada por isso. O soro antiofídico, naquele tempo, era algo tão distante da realidade das pessoas que não se podia contar com ele a tempo de salvá-las da morte. Significa dizer que, ser picado por determinado tipo de cobra venenosa e não chegar a tempo pra colocar a pedra era morte na certa.

Mas, para não encerrar esta história sem contar nem um "causo", escolhi este que conheci durante minha conversa com a Rita. Em 2002 ou 2003, uma freira da Serra de Pirituba - Sobral, que já tinha passado por muitas cirurgias e enxertos por causa da picada de um inseto, que a deixou numa cadeira de rodas, usando fraldas e sem possibilidades de cuidar de si mesma, ficou sabendo da pedra pelo Padre Valderi, e não teve dúvidas, veio à Cruz, sendo levada até a Macajuba pelo Bureta, juntamente com a enfermeira que a acompanhava. Lá ela até

Era Uma Vez na Cruz.indd 137 6/1/2009 10:50:12

dormiu, pois a pedra ficou colada no local por umas quatro horas. E, depois disso, diante dos olhares ansiosos de todos, ela levantou sozinha e pediu pra ir ao banheiro, dispensando a enfermeira que tentou ajudá-la. Quando saiu de lá estava felicíssima, já tinha jogado seu fraldão no cesto e caminhava normalmente, agradecendo a Deus e dizendo coisas lindas da pedrinha que lhe devolveu os movimentos, contou-me dona Rita.

E se tem alguém pensando que a pedrinha já não faz mais sucesso, pelo fato da cidade já contar com médicos e um sistema de saúde organizado, enganou-se. O tal soro antiofídico, ainda não é tão disponível, nem tão conhecido, na nossa cidade. E, até chegar a Fortaleza ou a outra cidade que disponha deste antídoto e ser atendido... se o bicho for dos brabos...nem é bom pensar. Deve ser por isso que, até mesmo os médicos que conhecem o efeito da tal pedrinha, recorrem a este recurso encaminhando pacientes, de vez em quando.

Era Uma Vez na Cruz.indd 138 6/1/2009 10:50:12

PRIMEIRO ACIDENTE DE AUTOMÓVEL

VÍTIMA: José Milton Nascimento (Zé Milton, hoje residente em Goiânia), filho de Raimunda Muniz do Nascimento e José Raimundo Nascimento, mais conhecido como *Zeca Malaquia*.

AGENTE: Padre Sabino de Lima Feijão, pároco de Acaraú

Foi logo nos primeiros dias da festa de São Francisco da Cruz, por volta de 1954 – segundo ou terceiro dia, lembra o Zé Milton – no espaço em frente à rua conhecida como "a Rua dos Silveira", onde foi montado o Parque de Diversões, naquela época de propriedade de Inácio Costa, genro do tio Mundin.

Depois da novena, à noitinha, ainda sem luz elétrica, de repente aparece o Padre Sabino brincando no seu Jeep novo. E brincar era algo que ele adorava, quem o conhecia não descuidava perto dele. Pois é, a praça cheia de gente, e, não mais que de repente, ele aparece e dá uma buzinada. O povo, sem muita intimidade com aquelas máquinas, corre assustado, em todas as direções.

Não se sabe que dança dançou o Zé...que o pneu do carro passou por cima do seu pé. Coitado do Zé! Acabou a festa pra ele, mesmo hospedado em frente à Igreja.

Dona Naninha, casada com seu tio Geraldo foi quem cuidou da fratura: com reza, clara de ovo e mastruz, conta ele. O pé ficou torto, para dentro. E ainda podia ser pior, se a rua não fosse de areia, observa seu irmão que também estava no Parque e presenciou o acidente. Zé Milton disse que, quando finalmente teve condições para consultar um ortopedista achou que não valia mais a pena quebrar o pé pra consertá-lo.

Perguntei-lhe se o Padre não tinha ficado com remorso depois, se teria oferecido o Jeep para levá-lo ao médico ou algo do gênero. Ele riu e disse que não. Que o Padre ia lá saber como ele estava, mas era só de curioso.

Era Uma Vez na Cruz.indd 139 6/1/2009 10:50:12

Aqui pra nós, eu acho que o "Zé Milton" ficou ressentido. Também não era pra menos, perder a festa da Cruz - a melhor época do ano para os jovens arranjar namorada...!

Era Uma Vez na Cruz.indd 140 6/1/2009 10:50:12

LAGOA DOS MONTEIROS

Essa lagoa teria sido descoberta, por *Manoel Monteiro*, que morava nos seus arredores. Em razão disso ela passou a ser chamada "a lagoa dos Monteiros". O nome ganhou o tempo e acabou ficando, incorporando-se ao lugar, sendo esta a origem do nome da localidade "Monteiros".

Esta informação me foi dada por um bisneto de *Manoel José Monteiro*, bem conhecido entre nós, o senhor ALONSIO MARQUES DE FREITAS, neto pelo lado paterno de José Marques de Freitas e Maria Madalena Monteiro. Esta, conforme registro de casamento de um de seus filhos (Manoel Antônio - Livro B-3, fl.7v, Cartório de Acaraú) chamava-se Maria Madalena do Espírito Santo.

MARIA MADALENA, segundo seu neto Alonsio, era filha do já referido Manoel José Monteiro que era casado com Tereza Maria de Jesus. O casal teria vindo do Trairi e, morado em alguns outros lugares antes de se fixar nas imediações da lagoa que acabou dando nome ao povoado de Monteiros.

Era Uma Vez na Cruz.indd 141 6/1/2009 10:50:12

Era Uma Vez na Cruz.indd 142 6/1/2009 10:50:12

ÁRVORE GENEALÓGICA

Durante o paciente de trabalho de pesquisa para montagem deste livro, levantei e organizei uma árvore genealógica de 3.500 pessoas, aproximadamente.

Não pretendo guardar dados tão importantes e de interesse geral, apenas para minha apreciação. A idéia é disponibilizá-la na internet para quantos desejem pesquisá-la.

E para tanto, logo após o lançamento deste livro estarei buscando uma forma de fazer isso, inclusive fazendo contato com o Wellington para ver se ele pode participar deste projeto, uma vez que, com as suas pesquisas nos microfilmes dos registros civis e religiosos mais antigos ele montou uma árvore genealógica muito maior que a minha. Temos inclusive trabalhado na conferência de várias famílias para os ajustes necessários, mas isso leva tempo, e ele trabalha e estuda, além de morar em São Paulo. Mas, no que depender da nossa boa vontade ela estará disponível, no menor tempo possível.

Era Uma Vez na Cruz.indd 143 6/1/2009 10:50:12

Era Uma Vez na Cruz.indd 144 6/1/2009 10:50:13

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Padre Francisco Sadoc de. - Raízes Portuguesa do Vale do Acaraú – Editado em Sobral em 1991; e Cronologia Sobralense – Ed. Cearense, Fortaleza, 1974.

ARAÚJO, Nicodemos. – O Município de Acaraú – Notas para sua História – editado em 1971, pelo Departamento de Imprensa Oficial do Ceará; Capitão Diogo Lopes – Notas Biográficas – editado em 1978, pela imprensa universitária - UFC; e O Município de Cruz – Editora R. Esteves Tiprogresso Ltda, Fortaleza, 1989.

SUDEC /1933 – Datas de Sesmaria (14 vol + 1 índice)
Historiadores: Antônio Bezerra e Eusébio de Sousa.

SUDEC/1979 – Sesmarias Cearenses – Distribuição Geográfica
Autor: Thomaz Pompeo Sobrinho

LINKS DA IGREJA de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

ACARAÚ - PAROQUIAIS
http://www.familysearch.org/Eng/Library/fhlcatalog/supermainframeset.asp?display=titledetails&titleno=1041089&disp=Registros+paroquiais%20%20&columns=*,0,0

ACARAÚ - CÍVIL
http://www.familysearch.org/eng/library/fhlcatalog/supermainframeset.asp?display=titledetails&titleno=468663&disp=Registros+civis%20%20&columns=*,0,0

Acaraú - civil notas
http://www.familysearch.org/eng/library/fhlcatalog/supermainframeset.asp?display=titlefilmnotes&columns=*%2C0%2C0&titleno=468663&disp=Registros+civis

BELA CRUZ - PAROQUIAL
http://www.familysearch.org/eng/library/fhlcatalog/supermainframeset.asp?display=titledetails&titleno=1041078&disp=Registros+paroquiais%20%20&columns=*,0,0

bela cruz - paroquial notas
http://www.familysearch.org/eng/library/fhlcatalog/supermainframeset.asp?display=titlefilmnotes&columns=*%2C0%2C0&titleno=1041078&disp=Registros+paroquiais

bela cruz - civil

Era Uma Vez na Cruz.indd 145 6/1/2009 10:50:13

http://www.familysearch.org/eng/library/fhlcatalog/supermainframeset.asp?display=titledetails&titleno=468669&disp=Registros+civis%20%20&columns=*,0,0

bela cruz - civil notas

http://www.familysearch.org/eng/library/fhlcatalog/supermainframeset.asp?display=titlefilmnotes&columns=*%2C0%2C0&titleno=468669&disp=Registros+civis

CRUZ - CIVIL

http://www.familysearch.org/eng/library/fhlcatalog/supermainframeset.asp?display=titledetails&titleno=972974&disp=Registros+civis%20%20&columns=*,0,0

cruz - civil notas

http://www.familysearch.org/eng/library/fhlcatalog/supermainframeset.asp?display=titlefilmnotes&columns=*%2C0%2C0&titleno=972974&disp=Registros+civis

JIJOCA DE JERICOACOARA - CIVIL

http://www.familysearch.org/eng/library/fhlcatalog/supermainframeset.asp?display=titledetails&titleno=972975&disp=Registros+civis%20%20&columns=*,0,0

jijoca de jericoacoara - notas

http://www.familysearch.org/eng/library/fhlcatalog/supermainframeset.asp?display=titlefilmnotes&columns=*%2C0%2C0&titleno=972975&disp=Registros+civis

SANTANA DO ACARAÚ - PAROQUIAL

http://www.familysearch.org/eng/library/fhlcatalog/supermainframeset.asp?display=titledetails&titleno=1045579&disp=Registros+paroquiais%20%20&columns=*,0,0

santana do acaraú - paroquial notas

http://www.familysearch.org/eng/library/fhlcatalog/supermainframeset.asp?display=titlefilmnotes&columns=*%2C0%2C0&titleno=1045579&disp=Registros+paroquiais

SANTANA DO ACARAÚ - CIVIL

http://www.familysearch.org/eng/library/fhlcatalog/supermainframeset.asp?display=titledetails&titleno=468677&disp=Registros+civis%20%20&columns=*,0,0

santana do acaraú - civil notas

http://www.familysearch.org/eng/library/fhlcatalog/supermainframeset.asp?display=titlefilmnotes&columns=*%2C0%2C0&titleno=468677&disp=Registros+civis

Era Uma Vez na Cruz.indd 146 6/1/2009 10:50:13

ANEXOS

ANEXO I

Gráficos

ANEXO II

Certidões

ANEXO III

Cordel

Era Uma Vez na Cruz.indd 147 6/1/2009 10:50:13

Era Uma Vez na Cruz.indd 148 6/1/2009 10:50:13

ANEXO I

GRÁFICOS DE FAMILIA

Relacionamos aqui o nome das pessoas que encabeçam cada gráfico, objetivando dar aos descendentes das diversas famílias que se ligaram pelo casamento, um parente conhecido, como ponto de ligação, entre o presente e o passado. O critério de escolha dessas pessoas, além da proximidade, comigo facilitando o levantamento de dados, foi o maior número de gerações identificadas, possibilitando através delas, o agrupamento de muitas das antigas famílias.

01 – Ignez Silveira Araújo

02 – Jaime Pereira de Farias

03 – João Bosco Nascimento

04 – Maria Alice do Nascimento

05 – José Livino de Menezes

06 – José Valci da Costa

07 – Maria de Fátima Vasconcelos

08 – Maria Marluce Menezes

09 – Marina Maria de Farias

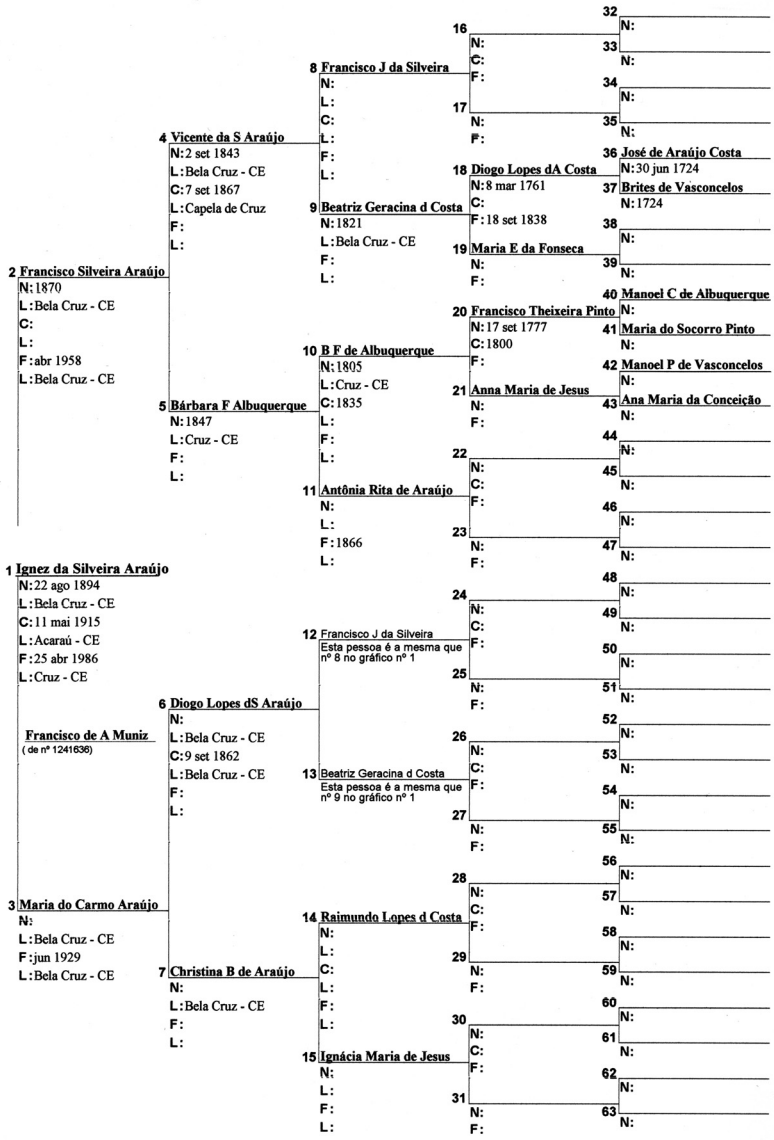
10 – Raimundo Horácio de Freitas (Raimundo Gabriel)

11 – Sebastião Luiz de Vasconcelos

12 – Wellington Muniz de Souza

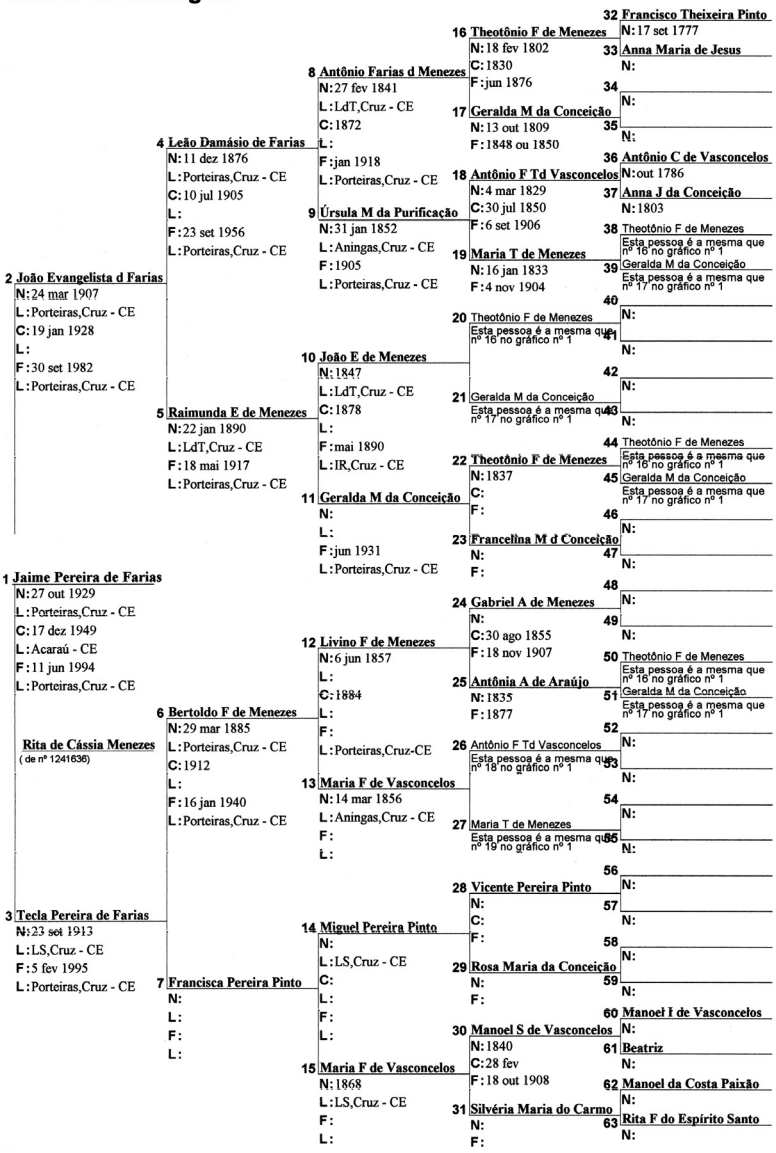
Era Uma Vez na Cruz.indd 149 6/1/2009 10:50:13

Gráfico de Linhagem



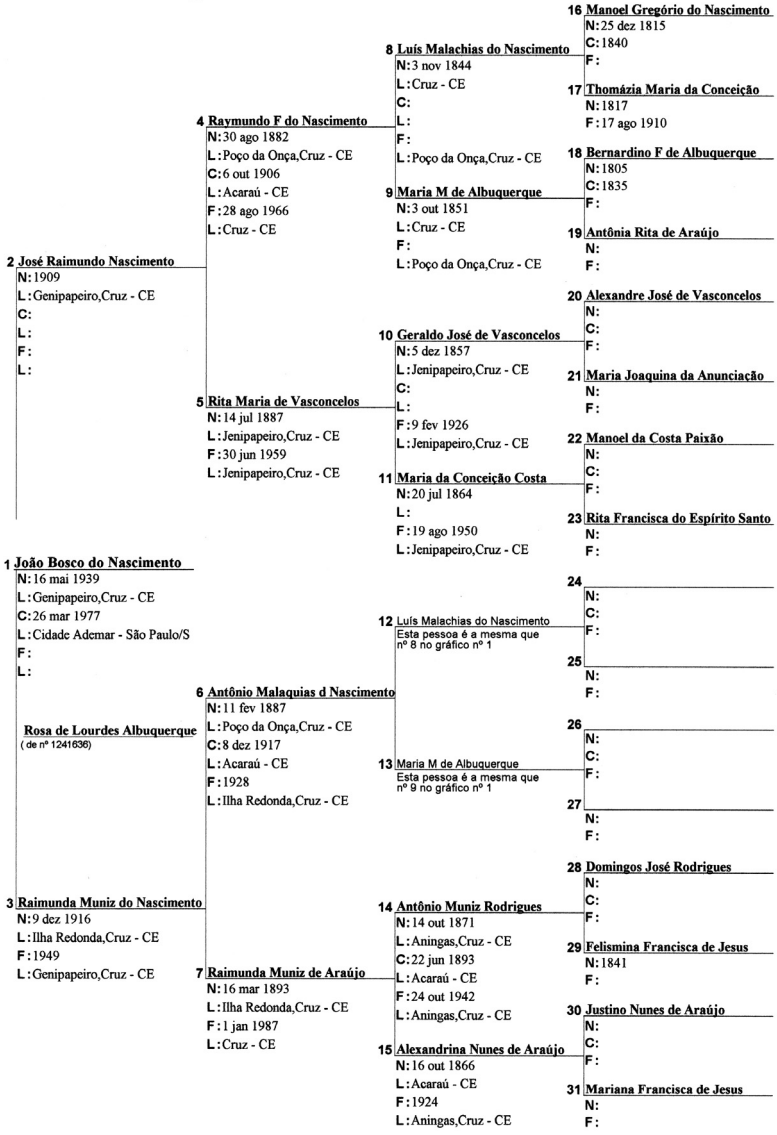
Era Uma Vez na Cruz.indd 150 6/1/2009 10:50:13

Gráfico de Linhagem

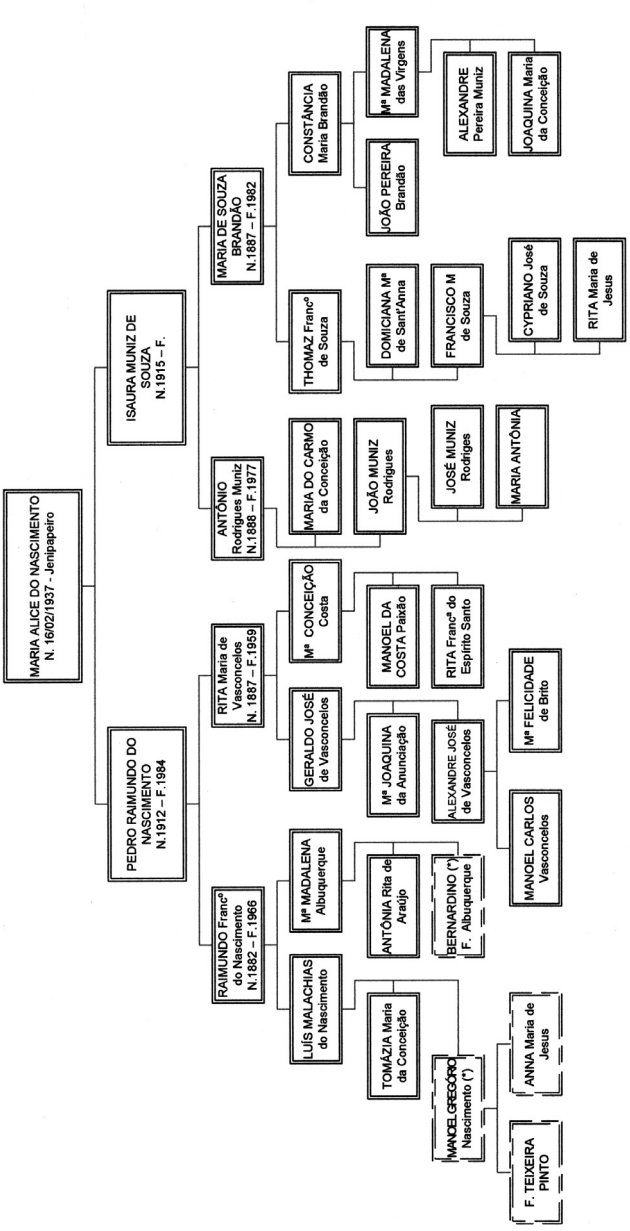


Era Uma Vez na Cruz.indd 151 6/1/2009 10:50:14

Gráfico de Linhagem

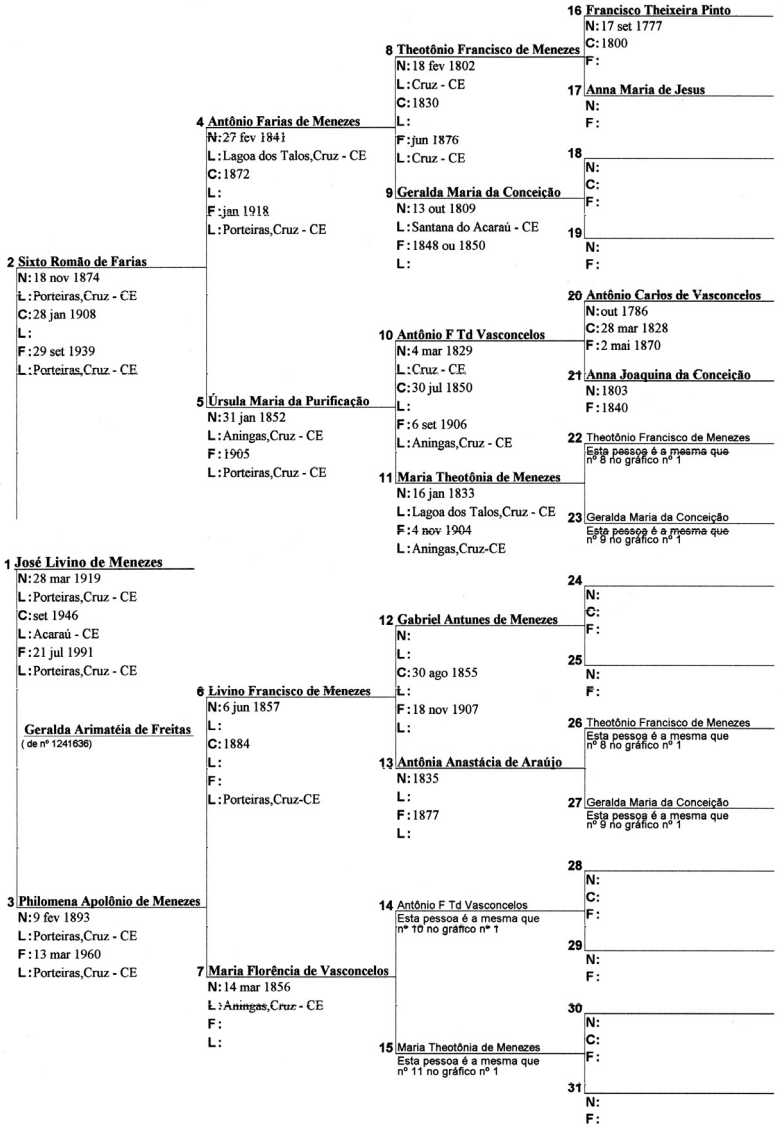


Era Uma Vez na Cruz.indd 152 6/1/2009 10:50:15



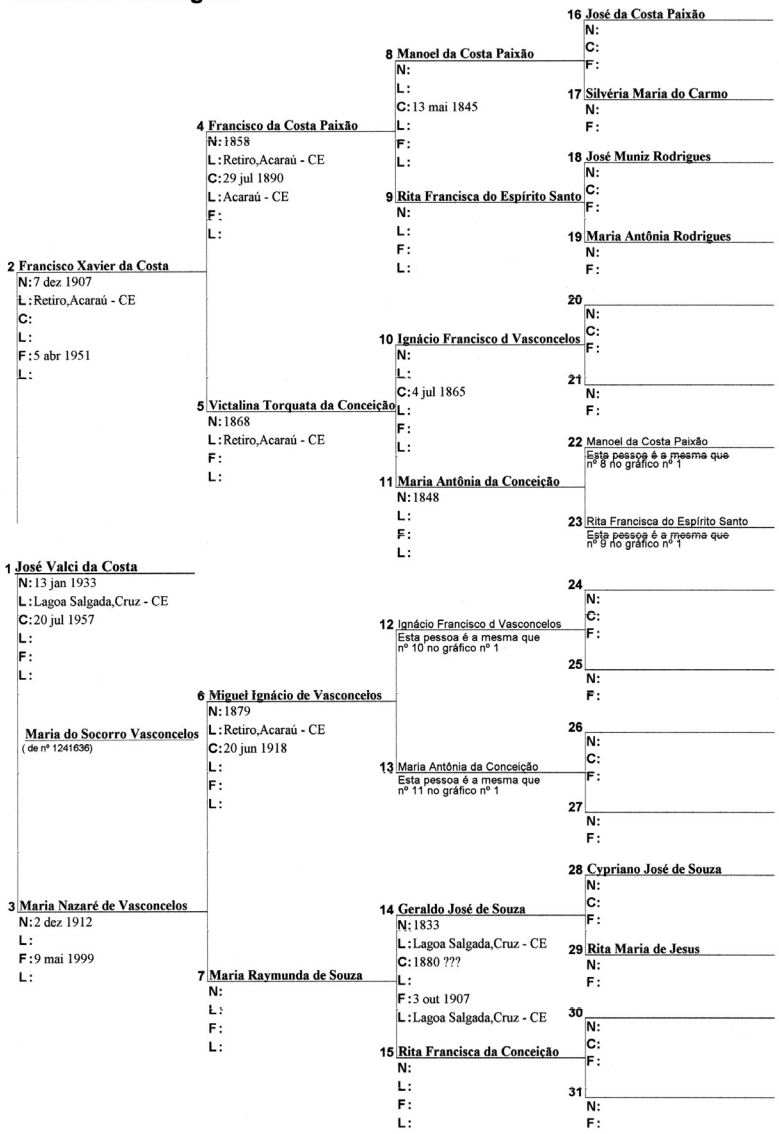
Era Uma Vez na Cruz.indd 153 6/1/2009 10:50:15

Gráfico de Linhagem



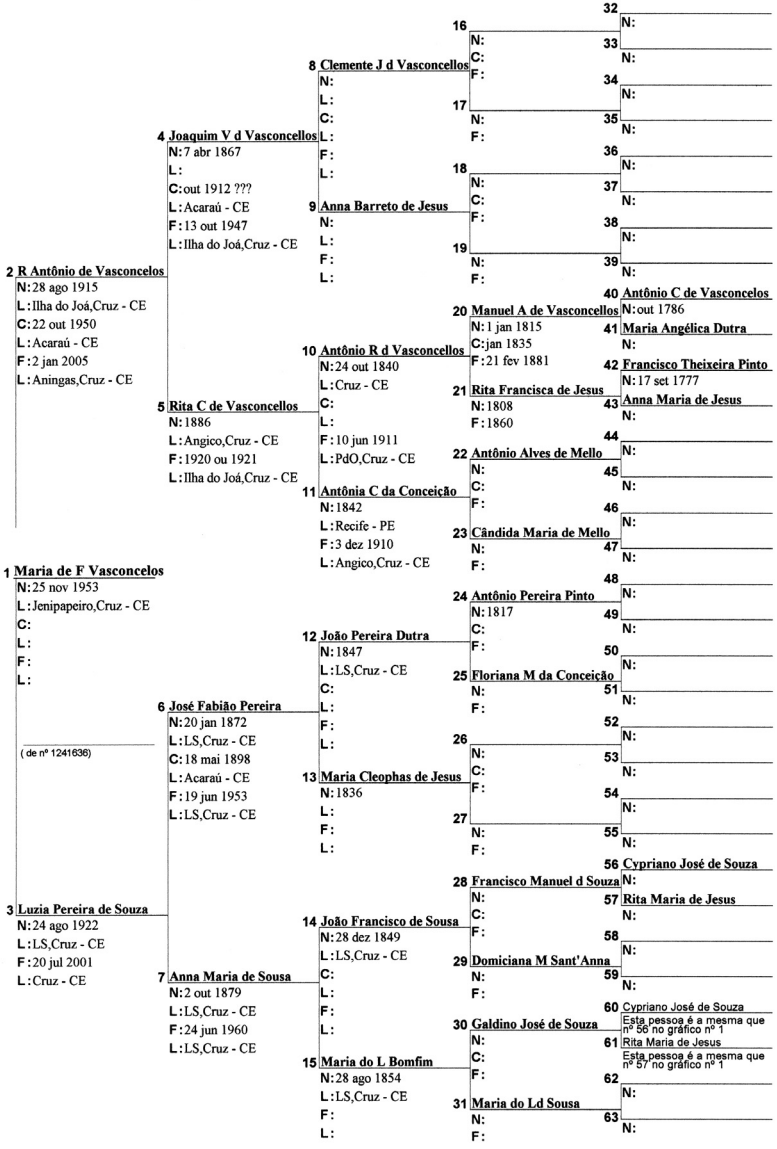
Era Uma Vez na Cruz.indd 154 6/1/2009 10:50:16

Gráfico de Linhagem



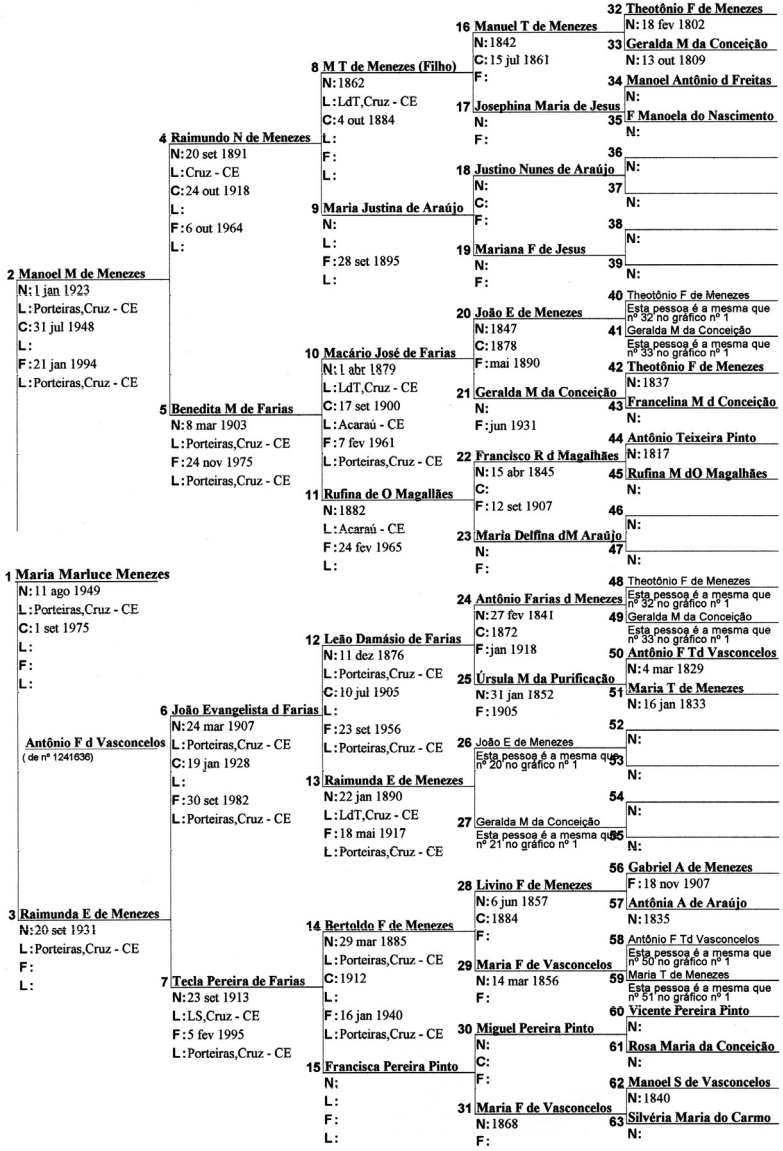
Era Uma Vez na Cruz.indd 155 6/1/2009 10:50:16

Gráfico de Linhagem



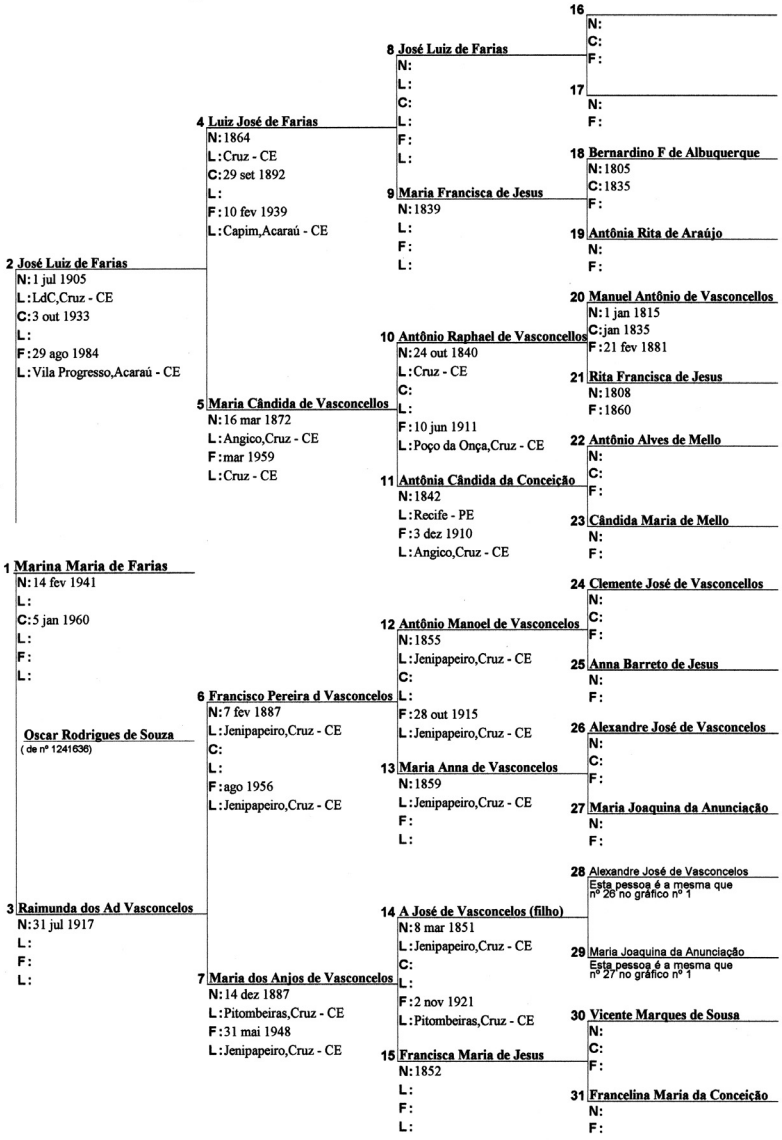
Era Uma Vez na Cruz.indd 156 6/1/2009 10:50:17

Gráfico de Linhagem



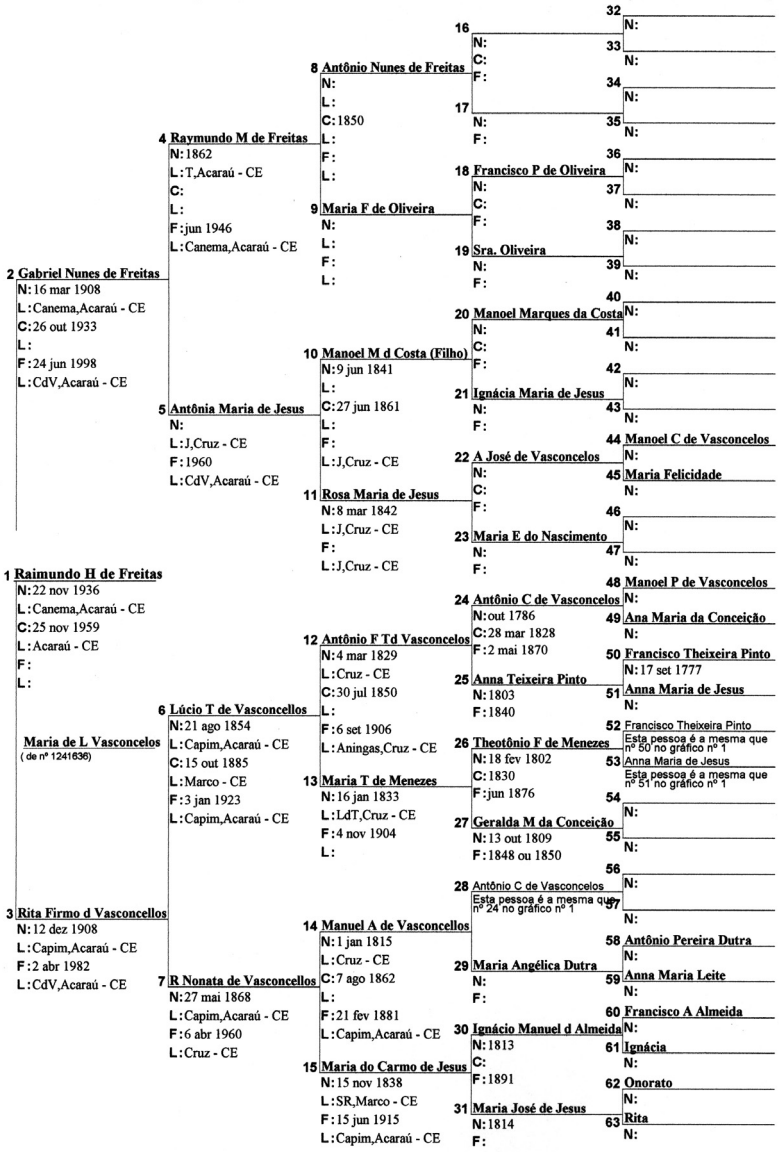
Era Uma Vez na Cruz.indd 157 6/1/2009 10:50:17

Gráfico de Linhagem



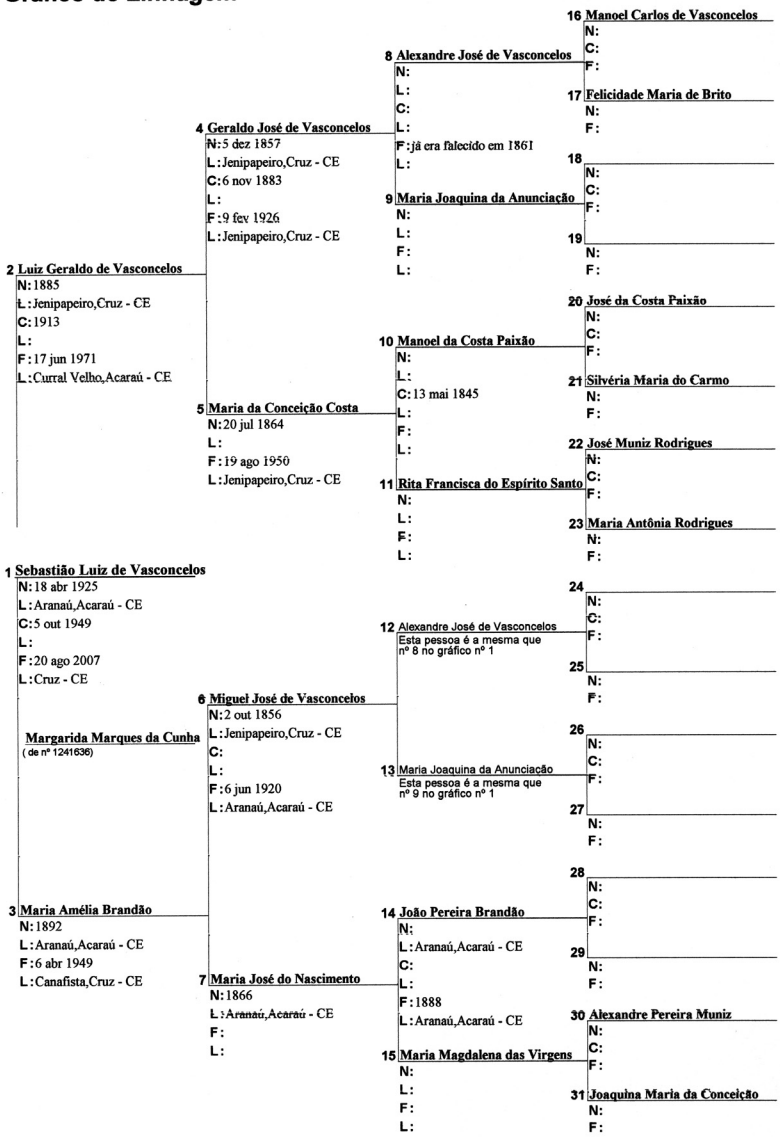
Era Uma Vez na Cruz.indd 158 6/1/2009 10:50:18

Gráfico de Linhagem



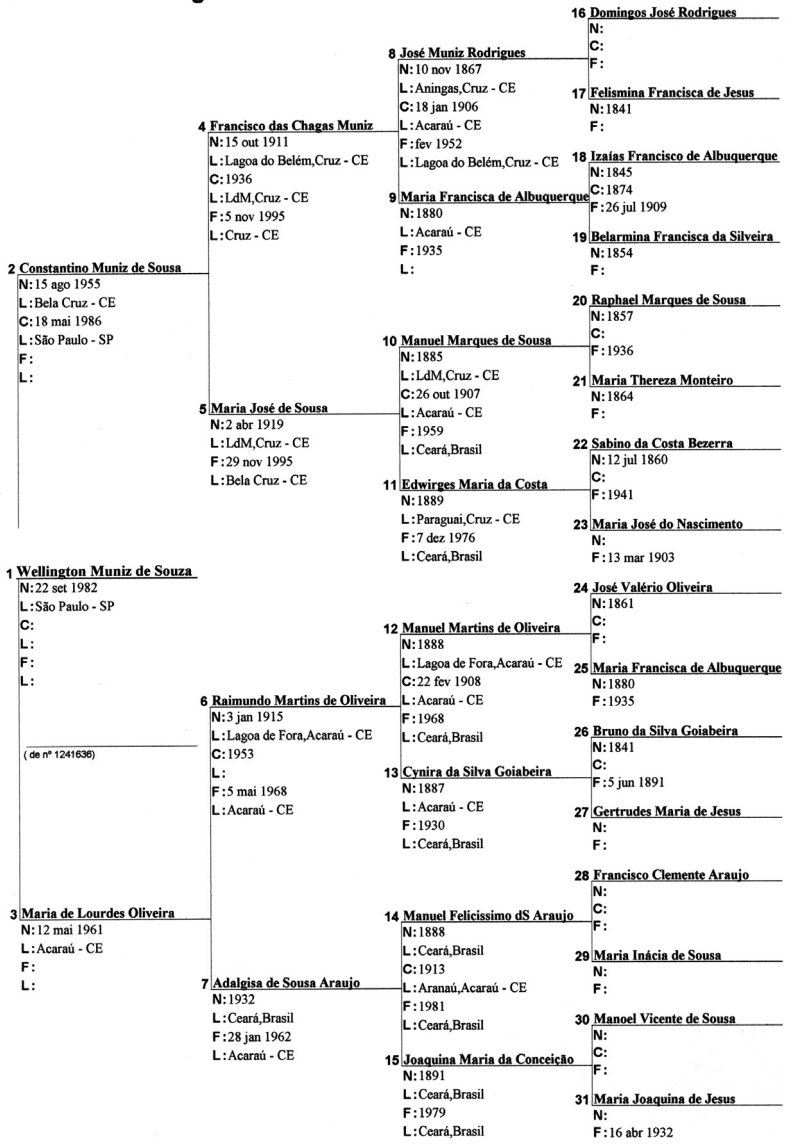
Era Uma Vez na Cruz.indd 159 6/1/2009 10:50:18

Gráfico de Linhagem



Era Uma Vez na Cruz.indd 160 6/1/2009 10:50:18

Gráfico de Linhagem



Era Uma Vez na Cruz.indd 161 6/1/2009 10:50:19

Era Uma Vez na Cruz.indd 162 6/1/2009 10:50:19

ANEXO II

TÍTULO DE ELEITOR, CERTIDÕES E BATISTÉRIO

Através dos pais e avós das pessoas, objeto dessas certidões, os leitores poderão descobrir seus bisavós e até tataravós, dependendo da faixa etária de quem faz a consulta.

01 – Antônio Muniz Rodrigues - Titulo de Eleitor

02 – João Muniz Rodrigues – Certidão de Óbito

03 – Thomazia Maria da Conceição – Certidão de Óbito

04 – Cândida Rita de Vasconcelos – Certidão de Nascimento

05 – Cristina Maria de Menezes – Certidão de Nascimento

06 – Raimundo Antônio de Vasconcelos – Certidão de Nascimento

07 – Albano José da Silveira – Certidão de Casamento

08 – José Fabião Pereira – Certidão de Casamento

09 – Manoel Raimundo de Albuquerque – Certidão de Casamento

10 – Thomaz Francisco de Souza – Certidão de Casamento

11 – Miguel Albano da Silveira - Batistério

Era Uma Vez na Cruz.indd 163 6/1/2009 10:50:19

N. 316
(Dado no Tribunal Regional)

TITULO DE ELEITOR

ESTADO DO CEARÁ

25ª zona Camocim
(Município)

Domicilio eleitoral Acaraú

Número de ordem da inscrição 316

Data da inscrição no cartorio 18 de Março de 1933.

NOME E SOBRENOME DO ELEITOR (por extenso)

Antonio Muniz Rodrigues.

Qualificativos

Filiação Domingos José Rodrigues

Naturalidade Brasileiro nato

Idade 61 anos — Data do nascimento 14 de Outubro de 1871.

Estado civil Viuvo

Profissão Agricultor

Antonio Muniz Rodrigues
ASSINATURA DO ELEITOR

Fabricio Leitão Jnr.
Juiz Eleitoral

O presente titulo é expedido de acôrdo com o Codigo Eleitoral da República e em cumprimento ao despacho do Presidente do Tribunal Regional de Justiça Eleitoral do Estado do Ceará e recebeu o número ——— aos ——— dias do mes de ——— do ano de mil novecentos e trinta e ———

Diretor da Secretaria

CARIMBO

Formula dactiloscopica

Polegar direito

Era Uma Vez na Cruz.indd 164 6/1/2009 10:50:19

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

CARTÓRIO DO 1º OFÍCIO
Registro Civil – Tabelionato – Protestos
TITULAR: MARIA HONORATA CARMO
Av. João Jaime Ferreira Gomes, 69 – Centro
Fone: (0**88) 661-1327 – CEP. 62580-000
ACARAÚ - CEARÁ

ÓBITO Nº (...778.....)

MARIA HONORATA CARMO, Oficiala do Registro Civil da Sede da Comarca de Acaraú, do Estado do Ceará, pôr delegação Legal, etc.

CERTIFICO, que as fls. 166 do Livro nº C-2 do Registro de óbtos foi encontrado o assento de JOÃO MUNIZ RODRIGUES falecido(a) 30 de Julho de 1915 às 19:0 horas, em Cruz, deste Município - do sexo masculino, de cor branca natural de -, residente e domiciliado em Cruz, deste termo - -, com 88 anos de idade, estado civil casado -, nascido(a) no dia - - -, filho de José Muniz Rodrigues e Dª Maria Antonia Rodrigues, ja falecidos, - - - -
Foi declarante João Pereira Dutra - -
Atestado de óbito firmado por duas testemunhas -
Que deu como causa de morte vitima de congestão cerebral -
O sepultamento do cadáver foi feito no Cemitério de desta cidade -
- - - Óbito registrado no dia 31/07/1915

OBSERVAÇÕES: Era casado em segundas nupcias com Maria do Carmo da Conceiçao, deixando os seguintes filhos: Manoel Muniz Rodrigues, Maria Antonia da Conceiçao, Raymunda Maria do Nascimento, José Rodrigues Muniz, Anna Custodia da Rocha, Bernardino Muniz Sobrinho, Francisca Maria da Silveira, João Muniz Rodrigues, Antonio Rodrigues Muniz.

O referido é verdade e dou fé.

ACARAÚ - CEARÁ, 09 de JULHO de 2.002

Maria Honorata Carmo

O Oficial do Registro Civil

CARTÓRIO DO 1º OFÍCIO
TITULAR
Maria Honorata Carmo
Válido Somente com Selo de Autenticidade

Selo de Autenticidade
CERTIDÃO Segunda Via Segundo Traslado
FERC AA 271740

Cartório de Registro Civil e Anexos
Titular: Maria Honorata Carmo
Acaraú Ceará

Era Uma Vez na Cruz.indd 165 6/1/2009 10:50:20

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

CARTÓRIO DO 1º OFÍCIO
Registro Civil – Tabelionato – Protestos
TITULAR: MARIA HONORATA CARMO
Av. João Jaime Ferreira Gomes, 69 – Centro
Fone: (0**88) 661-1327 – CEP. 62580-000
ACARAÚ - CEARÁ

ÓBITO Nº (.....515.....)

MARIA HONORATA CARMO, Oficiala do Registro Civil da Sede da Comarca de Acaraú, do Estado do Ceará, pôr delegação Legal, etc.

CERTIFICO, que as fls.....39v.....do Livro nº .....C-2..... do Registro de óbtos foi.....encontrado.....o assento de .....THOMASIA MARIA DA CONCEIÇÃO..... falecido(a).....17..... de.....Agosto.....de.....1910..... às.....12:0..... horas, em .....Lagoa dos Gregorios, deste Municipio.....do sexo.....feminino....., de cor.....branca..... natural de .....deste Municipio....., residente e domiciliado em.....Lagoa dos Gregorios, deste Municipio....., com .....93 anos..... de idade, estado civil.....viuva....., nascido(a) no dia.....-.....-.....-....., filho de.....(não consta no termo de óbito o nome dos genitores da falecida) - - - -.....

Foi declarante .....Manoel Gregório do Nascimento.....-.....

Atestado de óbito firmado por .....duas testemunhas.....-.....-.....

Que deu como causa de morte .....natural.....-.....-.....-.....

O sepultamento do cadáver foi feito no Cemitério de .....desta cidade.....

.....-.....-..... Óbito registrado no dia.....17/08/1910.....

OBSERVAÇÕES: Viuva por falecimento de Manoel Gregorio do Nascimento, deixando onze filhos seguintes: Anna Maria da Conceição, Gregorio Francisco do Nascimento, Luis Malachias do Nascimento, Izabel Francisca da Silveira, Maria Thomazia do Nascimento, Rita Maria da Conceiçao, Manoel Gregorio do Nascimento, Antonio Gregorio do Nascimento, Francisco Gregorio do Nascimento, Antonia Thomazia do Nascimento e Clementina Gregorio do Nascimento.

O referido é verdade e dou fé.

ACARAÚ – CEARÁ, ... 09 ..... de ..... JULHO ..... de ..... 2.002 .....

Selo de Autenticidade 04 CERTIDÃO Segunda Via Segunda Traslado 271723

CARTÓRIO DO 1º OFÍCIO
TITULAR
Maria Honorata Carmo
Válido Somente com Selo de Autenticidade

Maria Honorata Carmo

O Oficial do Registro Civil
Cartorio de Registro Civil e Anexos
Titular: Maria Honorata Carmo
Acaraú Ceará

Era Uma Vez na Cruz.indd 166 6/1/2009 10:50:21

REPUBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

ESTADO DO CEARÁ **COMARCA DE ACARAÚ**

CARTÓRIO DO 1.º OFÍCIO

Registro Civil – Títulos e Documentos - Tabelionato - Protestos
Av. João Jaime Ferreira Gomes, 69 - centro, Fone 661.17.77
CNPJ: 06.595.615/0001-94
Maria Honorata Carmo – TITULAR

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

Maria Honorata Carmo, *Oficiala do Registro Civil do 1° Oficio do município de Acaraú, Estado do Ceará, por nomeação legal, etc.*

CERTIFICO, que no Livro de Registro de Nascimento n° A-01, *Folhas* 42v *Termo N°* 85, *consta o assento de Nascimento* de CÂNDIDA RITA DE VASCONCELLOS, *de cor* branca nascida *aos* Vinte e um (21) *de* Novembro de Mil Oitocentos Oitenta e Oito (1.888), *às* 4:00 *horas* em Angico, desta Comarca -, *do sexo* Feminino *filha* de Antonio Raphael de Vasconcellos e de Dª Antonia Cândida da Conceição, ele natural desta comarca ela natural de Recife-PE., -

Sendo avós Paternos Manoel Antonio de Vasconcellos -
e dona Rita Francisca de Jesus -
e Avós Maternos Antonio Alves de Melo -
e dona Cândida Maria de Melo -
Tendo sido Declarante Antonio Raphael de Vasconcellos -
e testemunhas José Dias Ferreira e Porfirio José de Freitas

O assento foi feito em 23 *de* Fevereiro *de* 1.893.
Observações: Nenhuma -

O referido é verdade e dou fé.
Acaraú-Ceará, 05 *de* Agosto *de* 2.004.

Maria Honorata Carmo
Maria Honorata Carmo
Notaria Pública

Titular: Maria Honorata Carmo

Era Uma Vez na Cruz.indd 167 6/1/2009 10:50:21

REPUBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

ESTADO DO CEARÁ **COMARCA DE ACARAÚ**

CARTÓRIO DO 1.º OFÍCIO

Registro Civil – Títulos e Documentos - Tabelionato - Protestos
Av. João Jaime Ferreira Gomes, 69 - centro, Fone 661.17.77
CNPJ: 06.595.615/0001-94
Maria Honorata Carmo – TITULAR

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

Maria Honorata Carmo, *Oficiala do Registro Civil do 1° Oficio do município de Acaraú, Estado do Ceará, por nomeação legal, etc.*

CERTIFICO, que no Livro de Registro de Nascimento n° A-3, *Folhas* 73v *Termo N°* 869, *consta o assento de Nascimento* de CHRISTINA MARIA DE MENEZES, *de cor* branca *nascid* a aos Doze (12) *de* Novembro *de* Mil Oitocentos Oitenta e Nove (1.889), *às* 20:00 *horas em* Cruz, desta Comarca - - , *do sexo* Feminino *filh*a de Manoel Raymundo de Vasconcellos e de Dª Marianna Antunes de Menezes, naturais de Acaraú-Ceará, - - - - - - - - - - - - *Sendo avós Paternos* Antonio Francisco Teixeira de Vasconcellos *e dona* Maria Theotonia de Menezes - - *e Avós Maternos* Gabriel Antunes de Menezes - - *e dona* Antônia Anastacia de Menezes - - *Tendo sido Declarante* Livino Francisco de Menezes - *e testemunhas* Antonio Prisco Ribeiro e Antonio Ignácio de Vasconcellos - - - *O assento foi feito em* 13 *de* Novembro *de* 1.916. *Observações:* Nenhuma - - - - - - - - - - - -

REPUBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

ESTADO DO CEARÁ **COMARCA DE ACARAÚ**

CARTÓRIO DO 1.º OFÍCIO

Registro Civil – Titulos e Documentos - Tabelionato - Protestos
Av. João Jaime Ferreira Gomes, 69 - centro, Fone 661.17.77
CNPJ: 06.595.615/0001-94
Maria Honorata Carmo – TITULAR

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

Maria Honorata Carmo, *Oficiala do Registro Civil do 1° Oficio do município de Acaraú, Estado do Ceará, por nomeação legal, etc.*

CERTIFICO, que no Livro de Registro de Nascimento n° A-3, *Folhas* 88v *Termo N°* 894, *consta o assento de Nascimento* de RAYMUNDO ANTONIO DE VASCONCELLOS, *de cor* branca *nascid* o *a* os Vinte (20) *de* Agosto *de* Mil Novecentos e Quinze (1.915), *às* 17:00 *horas em* Ilha do Juá, desta Comarca - -, *do sexo* Masculino *filho* de Joaquim Virgilio de Vasconcellos e de Dª Rita Cândida de Vasconcellos, naturais de Acaraú-Ceará, - - -

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

CARTÓRIO DO 1º OFÍCIO
Registro Civil – Tabelionato – Protestos
TITULAR: MARIA HONORATA CARMO
Av. João Jaime Ferreira Gomes, 69 – Centro / Fone: (0**88) 661-1327
CEP 62.580-000 – Acaraú - Ceará

CERTIDÃO DE CASAMENTO

CERTIFICO que, sob o N.º 89 *à fls.* 56 *do livro n.º* B-I *de Registro de Casamentos, verifiquei constar que no dia* 05 *de* Outubro *de* 1895 *foi feito o casamento, de* ALBANO JOZÉ DA SILVEIRA E MARIA RITA DA SILVEIRA – – –

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

CARTÓRIO DO 1º OFÍCIO

Registro Civil - Tabelionato – Protestos
TITULAR - ***Maria Honorata Carmo***
Av. João Jaime Ferreira Gomes, 69 - Centro - Fone: (88) 9955.1896 / 661.1777
CEP 62.580-000 – Acaraú - Ceará

CERTIDÃO DE CASAMENTO

CERTIFICO, *que sob o Nº* 158 *, ás fls.* 101 *, do livro nº* B-1 *, de registro de Casamentos, verifiquei constar que no dia* 18 *de* Maio *de* 1898 *, foi feito o casamento, de* JOSÉ FABIÃO PEREIRA e ANNA MARIA DE SOUSA *contraído perante o Juiz* o primeiro suplente do Juiz Substituto em exercício Sr. Vicente Pongitori *e as testemunhas* Manoel Alexandre Pinto e Manuel Francisco de Sousa

Ele, nascido em Nesta Freguesia, com 25 anos de idade *aos* - *de* - *de* - *profissão* lavrador *, domiciliado e residente em* Lagoa Salgada, deste termo *filho de* João Pereira Dutra e de Dª Maria Cleophas de Jesus,

Ela, nascida em Nesta Freguesia, com 21 anos de idade *aos* - *de* - *de* - *profissão* costureira *, domiciliada e residente em* Lagoa Salgada, deste termo *filha de* João Francisco de Sousa e de Dª Maria do Livramento Bomfim,

O contraente passou a assinar-se: -

e a contraente: (Não consta no termo de casamento)

Foram apresentados os documentos a que se refere o art. 1.525 do Código Civil Brasileiro.

Observações: O casamento foi realizado em data de 18 de Maio de 1898

O referido é verdade e dou fé.

Acaraú - Ceará 06 *de* Agosto *de* 2.004.

Maria Honorata Carmo
Oficial(a)

Era Uma Vez na Cruz.indd 171 6/1/2009 10:50:24

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

CARTÓRIO DO 1º OFÍCIO

Registro Civil – Tabelionato – Protestos

TITULAR: MARIA HONORATA CARMO

João Jaime Ferreira Gomes, 69 – Centro / Fone: (0**88) 661-1327

CEP 62.580-000 – Acaraú - Ceará

CERTIDÃO DE CASAMENTO

CERTIFICO que, sob o N.º 61 *, à fls.* 38v *, do livro n.º* B-1 *de Registro de Casamentos, verifiquei constar que no dia* 21 *de* Junho *de* 1893 *, foi feito o casamento, de* MANOEL RAYMUNDO DE ALBUQUERQUE E ANNA RITA DE MENESES – – –

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

CARTÓRIO DO 1º OFÍCIO

Registro Civil – Tabelionato – Protestos

TITULAR: MARIA HONORATA CARMO

Av. João Jaime Ferreira Gomes, 69 – Centro / Fone: (0**88) 661-1327

CEP 62.580-000 – Acaraú - Ceará

CERTIDÃO DE CASAMENTO

CERTIFICO que, sob o N.º 310 *, à fls.* 23v *, do livro n.º* B-2 *de Registro de Casamentos, verifiquei constar que no dia* 11 *de* Agosto *de* 1906 *, foi feito o casamento, de* THOMÁZ FRANCISCO DE SOUZA E MARIA DA COSTA E SOUZA – – –

CERTIDÃO

DIOCESE DE SOBRAL
Sobral — Ceará — Brasil

DE Batismo

PARÓQUIA
DE Paróquia N. Sra. da Conceição (Titular)
EM Acaraú – CE (Local)

CERTIFICO que revendo os **Livros** de têrmos de Batizados
Realizados nesta paróquia, foi encontrado o do teor seguinte, no
Livro 19 Fls 154 V No 02 do Ano de 1901

Aos doiz dias do mês de Outubro do ano de mil novecentos e um na capela do Acaraú digo na capela de São Francisco da cruz desta freguesia do Acaraú batizei solenemente o parvulo Miguel nascido aos quinze de Setembro do mesmo ano, filho legítimo de Alvaro José da Silveira e Maria Filomena da Silveira. Foram padrinhos: Inácio Bentes da Silveira e Rita Bentes da Silveira. E para constar mandei lavrar este assento que assino. O Vigário Padre Antônio Thomás.

Observações

Nada mais se continha no dito têrmo a que me reporte, o qual foi fielmente copiado do original

ITA IN FIDE PAROCHI

Acaraú-CE, 28 de Maio de 2004

Paróquia de N. S. da Conceição
DIOCESE DE SOBRAL
62.580-000 - ACARAÚ - CE

Pároco

Tip. Lux Sobral

Era Uma Vez na Cruz.indd 174 6/1/2009 10:50:25

ANEXO III

TRANSCRIÇÃO DE UM ROMANCE

tipo *"literatura de cordel"*, cuja 1ª cópia consegui em 1998, como sendo de autor desconhecido; e que hoje, após muitas pesquisas já identifiquei seus autores – JOSÉ LIVINO DE MENEZES E JAIME PEREIRA DE FARIAS, ambos sendo, respectivamente, bisneto e trineto do Capitão Theotônio Francisco de Menezes. O 3º autor também trineto do Cap. Theotônio, pelo lado materno – RAIMUNDO HORÁCIO DE FREITAS (conhecido como Raimundo Gabriel) - fez os versos de nº 64 a 69 correspondente à descendência de seu avô Lúcio Teixeira de Vasconcelos conhecido como Lúcio do Capim (meu bisavô).

Como isso é uma transcrição, nada está sendo alterado, a não ser alguns erros de ortografia e pontuação. Somente a formatação é minha (isso inclui a numeração dos versos e símbolos diferentes para o casamento de cada geração), pois quis chamar a atenção para as datas e nomes, além de destacar bem a descendência de cada filho do Francisco Teixeira Pinto.

É importante registrar que este romance é a soma de três cópias, quatro com esta transcrição. A primeira, referida no início, vai até o verso 69; a 2ª pertencia ao senhor Miguel Albano e me foi emprestada

Era Uma Vez na Cruz.indd 175 6/1/2009 10:50:26

por seu neto José Benedito, vai até o verso 76; a terceira era um caderno da professora Maria Marluce Menezes (vai até o verso 188), trineta de Antônio Farias de Menezes, avô de José Livino e bisavô do Jaime - os autores deste romance. Significa dizer que, cada vez que alguém fazia uma cópia [não confundir com xérox] alguns nomes ou datas saiam diferentes (Francisco em vez de Francisca, Antônio por Antônia, etc.) talvez pela dificuldade de entender a letra manuscrita, ou o cansaço pela quantidade de versos a copiar, o certo é que, os nomes que não conseguimos checar, na pesquisa de cartório ou dos documentos paroquiais considerei como correto os da primeira versão.

Na primeira conversa que tive com Maria Alice, irmã do poeta conhecido com "Zé Livino" eu quis saber do original do romance, e o porquê da diferença entre as cópias que não consideravam todos os filhos da Maria Theotônia e seus netos. Ela me garantiu que seus irmãos (além do Zé Livino, outros ajudaram com os dados e datas) tinham trabalhado somente com a sua descendência, cuja árvore genealógica trouxeram até eles próprios. Os versos correspondentes ao 2º filho da Maria Theotônia, no caso meu bisavô "Lúcio do Capim", não era de autoria eles. Com suas informações e a ajuda da Livramento e do José Jaime, ambos filhos do Jaime Pereira Farias, co-autor do romance em foco, consegui chegar até a Marluce, única parente dos poetas com uma cópia completa do romance. Ela me emprestou seu caderno e eu copiei o restante do romance e entreguei uma cópia à família do Jaime Pereira Farias.

A partir do verso 159 os autores deste cordel – José Livino de Menezes e Jaime Pereira de Farias – relacionam seus irmãos e filhos, os quais já pertencem a uma fase da história atual, devidamente documentada, que não é objeto deste trabalho.

SÍMBOLOS, utilizados no cordel.

- ▪ Casamento dos filhos do Teixeira Pinto
- → 2º casamento do Capitão Theotônio e demais irmãos
- ● Casamento dos netos do Teixeira Pinto
- ✓ Casamento dos bisnetos do Teixeira Pinto
- ➢ Casamento dos trinetos do Teixeira Pinto

Era Uma Vez na Cruz.indd 176 6/1/2009 10:50:26

CORDEL QUE DÁ A ORIGEM DAS FAMÍLIAS DE CRUZ, denominado por seus autores "Árvore Genealógica"

1

Vou expandir minha musa,
numa linguagem singela,
publicar mais uma etapa
relativa a parentela.
Convido a sociedade
para ouvir esta novela.

2

Depois de curta minúcia
este tanto me dispus.
Levar à publicidade,
embora com pouca luz,
a árvore genealógica
dessa família de Cruz.

3

Licença aos nobres leitores
peço com frase educada.
Quem ler a história toda,
com atenção bem prestada,
talvez no fim do romance
não dê por mal empregado.

4

Apesar que a minha lira
não solta nada que agrade
A pouca instrução que tive
já perdi mais da metade.
Adquiri com esforço
e perdi com facilidade.

5

Não pretendo vos maçar
com história tão comprida,
que é para não ver também
estrilo e cara torcida.
Que é tudo intolerável
quando sobra da medida.

6

E para não ver meu nome
numa nota de acinte
pela rua farrapado
como capa de pedinte.
O início tratado
dou na estrofe seguinte.

7

Manoel Coelho de Albuquerque
era este português,
que aportou no Brasil
em 1776
e na Uruburetama
sua residência fez.

8

Desertando das fileiras
do exército lusitano
saiu neste litoral
pelo começo do ano.
Procurou refugiar-se
na serra, se não me engano.

9

Casando com filha dela,
segundo o romance diz,
embora suponho falso,
mas nas pesquisas que fiz
afirmo que sua esposa
foi filha desse País.

10

Não descrevo sua prole
é coisa que muito sinto
porém não tenho certeza
dizendo ao contrário minto.
Falo apenas no seu filho
Francisco Teixeira Pinto.

Era Uma Vez na Cruz.indd 177 6/1/2009 10:50:26

11

Nasceu este grande homem,
de nossa família um membro,
em 1777,
a 17 de setembro.
Data bem comemorada
coisa que muito relembro.

12

Deixou seus eternos pais
por motivo ignorado.
Chegou no Acaraú
no fim do século passado,
na Vila de São Francisco,
onde foi localizado.

13

Contraindo em 1800
união nupcial,
com filha de Manoel Carlos,
chamada Ana de tal.
Vou tratar da descendência
deste citado casal.

14

Fco. TEIXEIRA PINTO
e ANA, sua senhora,
deixaram então 11 filhos,
que vou declarar agora,
nome e data em que nasceram
se me recordar na hora.

15

O capitão TEOTÔNIO,
o primeiro filho seu,
foi em 1800
e dois que ele nasceu.
Então no ano seguinte
outra ANA apareceu.

16

Em 1805
Veio Bernardino, outro irmão.
Em 1807
MARIA da Conceição.
E RITA nasceu em 8,
ninguém me diga que não.

17

QUITÉRIA nasceu em 9,
E em 12 nasceu MIGUEL.
Veio ALEXANDRE em 14
E em 15 MANOEL.
E ANTÔNIO em 17
Como vês neste papel.

18

ALBANO nasceu em 20,
o último da irmandade,
por ter sido o derradeiro
teve mais felicidade.
Que a família progride
com maior prosperidade.

19

■ Em 1830
casou-se o CAPITÃO,
com Geralda Santanense,
não sei se parenta ou não.
A que deixou 9 filhos
que vou dizer-lhes quais são.

20

A primeira foi MARIA
nascida no 33,
ÚRSULA no 34.
ANTÔNIA essa talvez,
nascida no 35
e GREGÓRIO em 36.

Era Uma Vez na Cruz.indd 178 6/1/2009 10:50:26

21

TEOTÔNIO em 37
e *Antônio Farias**, mano,
nasceu em 41
no segundo mês do ano
a 27 de fevereiro.
Foi *meu avô sem engano**.

22

Ainda em 1842
um Manoel se registra.
Depois, em 44
uma Inocência se alista.
O último em 47
foi João Evangelista.

23

■ ANA, a Segunda filha
do casal mencionado,
foi casada em 28 (28/03/1828)
do século próximo passado .
Com Antônio Carlos, seu tio,
e do Teixeira Pinto cunhado.

24

Ana deixou 8 filhos,
como a história combina.
ANTÔNIO de 1829
de 30 a ANGELINA,
MARIA de 32
de 33 ZEFERINA.

25

Nasceu ANA em 36,
de 34 a BENVINDA.
CESÁRIO em 37
teve outro irmão ainda,
Domingos em ano de 38
Com este agora se finda.

26

■ O terceiro é Bernardino,
com quem me ocupo agora.
Casou-se em 1835,
ANTÔNIA lhe foi senhora
Deixaram então 9 filhos
que direi sem mais demora.

27

MARIA é do 39,
FRANCISCO do 36,
FELISMINA do 41
e ANA em 43,
IZAIAS em 45
e o resto só de outra vez.

28

BÁRBARA do 47,
do 49 RITA.
MARIA do 51,
mas não foi a que já foi dita.
FELICÍCIMO do 54
Ninguém me desacredita.

29

■ A quarta filha do velho
foi Maria Catarina.
Essa que nasceu em 7,
de casar não teve sina.
Morreu em 72 (1872)
Assim meu livro combina.

30

■ Casou RITA em 1835,

com seu primo MANOEL,
filho de Antônio Carlos
citado neste papel.
Deixou apenas um filho
o ANTÔNIO RAFAEL.

Era Uma Vez na Cruz.indd 179 6/1/2009 10:50:26

31

■ A sexta foi a Quitéria,
que também morreu solteira.
■ Miguel casou-se em 1840
com filha de Zé Silveira.
Chamava-se TEREZA,
sua fiel companheira.

32

Deixaram só 8 filhos
que vou dizer com presteza.
João de 41,
depois Maria Tereza,
nascida em 45,
Foram duas com certeza.

33

MARIA em 51,
Lourença, como se assina.
JOSÉ de 47,
em 53 Guilhermina.
Então em 57
foi que nasceu Belarmina.

34

FRANCISCA em 59
o último foi Manoel,
nascido em 62
confirmo neste papel.
Eis aqui mencionada
a família do Miguel .

35

■ ALEXANDRE em 1835
contraiu seu emineu.
Com filha de Antônio Carlos,
MARIA era o nome seu.
Chamava-se Maria Angélica
sua mamãe que morreu.

36

E deixaram 7 filhos
que direi com rapidez.
Nasceu Manoel em 40,
FRANCISCO em 43,
MARIA em 48,
RITA do 46.

37

ANTÔNIO em 52,
ALEXANDRE em 50.
Ainda em 57
VALDIVINO se apresenta,
e o pai destes morreu
Em 1880.

38

■ Com TOMÁZIA se casou
MANOEL GREGÓRIO em 1840.
Filha de Manoel do Ó
não sendo sua parenta.
Deixaram 16 filhos
que vou botá-los na centa.

39

Em 41 nasceu ANA,
em 42 Gabriel.
Em 43 Gregório,
Em 45 Izabel.
LUIZ de 44
em 50 Manoel.

40

MARIA em 47,
E RITA um ano depois.
ANTÔNIA no 51,
JOÃO em 52,
ANTÔNIO em 54
o poeta não supôs.

Era Uma Vez na Cruz.indd 180 6/1/2009 10:50:26

41

AUGUSTO em 55,
em 58 o BALBINO.
FRANCISCO em 57,
em 60 CLEMENTINO.
JOSÉ em 62,
com este agora termino.

42

■ O 10º, ANTÔNIO TEIXEIRA,
Três esposas possuiu.
A sua primeira núpcia
em 1840 contraiu.
Foi RUFINA sua esposa
e 5 filhos produziu.

43

FRANCISCO em 45,
MANOEL, se não me engano
nasceu em 47.
Em 52 HERCULANO,
de 50 foi ANTÔNIA,
56 JOÃO, seu mano.

44

■ ALBANO, que foi o último
filho do **Francisco Teixeira**,
casou-se em 1844,
com IZABEL de Zé Silveira.
E deixaram 15 filhos,
que trato desta maneira.

45

MANOEL do 45,
LUIZ de 46.
MARIA em 48,
não me recordo do mês.
RITA nasceu em 50,
notei quatro desta vez.

46

ANTÔNIO em 52,
de 55 a BELARMINA.
FRANCISCA em 56,
de 57 GUILHERMINA.
ANA de 59,
assim meu livro combina.

47

JOÃO nasceu em 60,
em 62 URBANO.
FRANCISCO em 63,
em 68 LIVINO Albano
e MARIA MADALENA
nasceu no outro ano.

48

O último foi RAIMUNDO
nasceu em 73.
Então em 1894
casou ALBANO, outra vez,
deixando MIGUEL ALBANO
Pra testemunhar vocês.

49

➔ O CAPITÃO em 1850
passou pela viuvez.
Com a sobrinha ZEFERINA
casou-se segunda vez,
filha de Antônio e Ana
no ano 53.

50

Possui 18 filhos,
esse Capitão TEOTÔNIO,
9 de cada família.
Não é coisa que suponha
Trato agora sobre os 9
Deste último matrimônio.

Era Uma Vez na Cruz.indd 181 6/1/2009 10:50:26

51

HIGINO de 56,
escrito por quem sabia,
TIBURCIO em 57,
na mesma página dizia.
No ano 59
nasceu MARIA Pia.

52

MARIA MADALENA
em 61 nasceu.
Então no ano seguinte
a sua mãe concebeu
a MARIA ZEFERINA
deste jeito afirmo eu.

53

Ainda em 64
nasceu MARIA Lourença.
RAIMUNDO em 69,
assim o poeta pensa
e MARIA Petronilia
dá em 70 a presença.

54

APRÍGIO em 75
o derradeiro, afinal.
Entre todos os irmãos
veio completar um total
de 18 descendentes
sua família integral.

55

- MARIA TEOTÔNIA

a sua filha primeira
se casou em 1850
com ANTÔNIO Fco TEIXEIRA.
Estes deixaram 11 filhos,
dou-lhe prova verdadeira.

56

Nasceu Úrsula, a primeira,
a 31 de janeiro,
do ano 1852.
LÚCIO, o 2º herdeiro,
a 21 de agosto,
do 54, é o roteiro.

57

Nasceu Maria a 14
de março, em 56.
JOSÉ em maio de 60,
a 28 talvez.
MANOEL de 61,
novembro a 24 do mês.

58

FILOmena é de janeiro,
do ano 63,
ANTÔNIO a 20 de março
do ano de 66.
Outra MARIA em 67,
de junho a 11 do mês.

59

Outro JOSÉ em 69
a 16 de janeiro.
ANA de 71
a 23 de fevereiro.
JOAQUIM do 72,
de maio, dia primeiro.

60

✓ Casou-se ÚRSULA em **72**

com um filho do Teotônio
esse deixou 6 filhos
do primeiro matrimônio.
XISTO, LEÃO e PEDRO,
ANA, MARIA e ANTÔNIO.

Era Uma Vez na Cruz.indd 182 6/1/2009 10:50:26

61

No 1874
XISTO FARIAS nasceu,
a 18 de novembro,
quem sabe disto sou eu.
A 29 de setembro
de 39 morreu.

62

LEÃO nasceu em 76,
a 11 de dezembro.
ANA de 78,
de 11 de março, eu me lembro.
PEDRO nasceu em 80,
a 16 de setembro.

63

MARIA nasceu em 82,
a 10 de fevereiro.
ANTÔNIO do 83,
sendo este o derradeiro,
a 17 de junho,
não minto nem por dinheiro.

64

✓ Casou-se LÚCIO em 1885
com RAIMUNDA, sua prima.
Filha de Manoel Antônio
embora não fosse legítima,
Já era certificado
quem leu o capítulo assina.

65

ANTÔNIO nasceu a 3
de outubro de 1886.
MANOEL a 6 de junho
Dos três 8 que aqui vês (1888).
FRANCISCO em outubro de 89,
no dia 4 do mês.

66

GERALDA de 91,
de junho o dia primeiro.
JOSÉ de 92,
de setembro ao terceiro.
ANA em 95,
aos 4 de janeiro.

67

JOAQUIM a 20 de setembro
do ano de 96.
MARIA em outubro de 98,
aos 14 do mês.
LÚCIO em 1900,
de janeiro o dia 3.

68

IZABEL a 17
de agosto de um, então.
ÚRSULA a 10 de abril
de 3, sem contradição.
E a 25 de abril
de 7, nasceu JOÃO.

69

E a 11 de dezembro
nasceu RITA, a derradeira,
de 1908.
Que foi a décima terceira
filha de Lúcio e Raimunda
sua prole verdadeira.

70

✓ A terceira foi MARIA
que chamavam Mariquinha
casou-se em 1884,
a minha avó e madrinha,
com LIVINO GABRIEL
morador na Lagoinha.

Era Uma Vez na Cruz.indd 183 6/1/2009 10:50:27

71

Deixaram apenas 6 filhos
que citarei com afinco
BERTOLDO foi o primeiro
nasceu em 85
a 29 de março.
Eu para rimar não brinco.

72

GREGÓRIO é de 25
de maio do 86
PORCINA do 88
março 18 do mês.
Antônio 4 de novembro
do 89 talvez.

73

No ano de 92
nasceu MARIA JOSÉ,
isto a 10 de fevereiro.
Filó minha mã,e até
De 9 do mesmo mês,
Do ano seguinte é.

74

✓ Casou-se JOSÉ GERMANO
com filha do capitão
sendo MARIA Lourença
que lhe deu o coração,
deixaram 5 filhos
que vou fazê-los menção

75

RAIMUNDO, o 1º filho,
nasceu em 1886
a 9 de fevereiro.
ANTÔNIO por sua vez
em junho de 87
a 19 do mês.

76

E a 8 de janeiro
de 91 CORSINA.
No primeiro de abril
de 92 nasceu VALDEVINA.
FRANCISCA a 4 de outubro
dm 95, aqui se termina.

77

✓ No ano de 1885
casou-se o MANOEL,
com sua prima MARIANA,
filha do tio Gabriel.
Este só deixou 3 filhos
que notarei no papel.

78

Janeiro de 1887
nasceu CECÍLIA a primeira
LEÔNCIO de maio, 1888,
no lugar Carrapateiras.
De novembro de 1889
foi CRISTINA a derradeira.

79

✓ FILOMENA se casou
com o seu primo JOAQUIM,
filho do tio Pedro Marques,
Só posso tratar assim
que os outros 5 não foram
reconhecidos por mim.

80

• ANTÔNIA em 1855
casou-se com GABRIEL,
filho dum tal Manoel Marques,
que teve a sorte cruel
de morrer assassinado.
Coitado de Manoel.

Era Uma Vez na Cruz.indd 184 6/1/2009 10:50:27

81

Vítima de horrendo crime,
em sua propriedade,
vizinho aquele serrote
por nome de Piedade
não admite há um lugar
que se faz barbaridade.

82

Deixo lá na (Piedade)
sepultado Manoel
volto a falar, novamente,
do seu filho GABRIEL
pra compor com seus 10 filhos
4 linhas de papel.

83

Nasceu MARIA JOSÉ
a 10 de junho de 56,
LIVINO do 57,
de 6 de novembro, aqui vês.
GERMANO de 59
de abril, 28 do mês.

84

É de 4 de setembro
do 61, JOSÉ,
JOÃO de 10 de fevereiro
de 64 é.
GUILHERMINA do 67
a 2 de julho provo até.

85

A 2 de julho de 68
foi de GABRIELINHO o dia
e um de dezembro de 70
a MARIANA minha tia
e a 12 de fevereiro
de 72 MARIA.

86

→ No ano 1877
D. ANTÔNIA faleceu
e GABRIEL sendo viúvo
contraiu outro emineu
com ÚRSULA, sua cunhada,
mas essa não concebeu.

87

✓ A sua primeira filha,
que já anotei na lista, (Mª José)
casou-se em 1872
com JOÃO EVANGELISTA
esta deixou duas filhas
que vou lhes fazer revista.

88

No ano 73
nasceu a primeira, ISAUTA.
FEBRONHA em 74
o que é que ainda falta,
a 25 de junho
Eu pra rimar tirei pauta.

89

✓ GERMANO casou-se a 30
de novembro de 1890
com filha de Joaquim Nunes,
MARIA, sua parenta,
uma prole de 3 filhos
este casal apresenta.

90

RAIMUNDA nasceu em 92
em agosto, 13 do mês.
GABRIEL a 9 de outubro
do ano 93
JOAQUIM em 94
em outubro dia 6.

Era Uma Vez na Cruz.indd 185 6/1/2009 10:50:27

91

✓ Casou-se a 10 de janeiro
de 1891 JOÃO
com RAIMUNDA, a filha
de Alexandre Lopes, então
deixaram só 7 filhos
que vou fazê-los menção.

92

Diomedes, Lourdes e Clóvis
Cesário, clotilde, isac,
Queirós que nasceu por último.
Pra honrar meu cavanhaque
não dou-lhes datas incertas
mentir pra mim é ataque.

93

✓ Casou-se em 1884
com ZÉ Patrício a MARIA
a tanto de fevereiro,
não me recordo do dia,
e deixaram 7 filhos
que direi em carretia.

94

DIONÍSIO de 85
de novembro dia 3.
ANTÔNIA de 5 de outubro
do ano 86.
JOÃO do 89
de junho a 11 do mês.

95

LINA é de 11 de agosto
de 91, talvez.
CELSO, 17 de outubro
do ano 93.
RAIMUNDO, 23 de maio
do ano 96.

96

Ainda em 97
nasceu uma FRANCELINA
a 22 de setembro,
não se confundam com Lina,
é a derradeira filha
com esta o verso termina.

97

Aqui faço reticência
e meu pensamento volvo
que MARIANA é viúva,
Já dei saber ao povo,
contraindo novas núpcias
preciso falar de novo.

98

→ No ano 1891
se meu espírito não mente
casou-se a segunda vez
com Joaquim Nunes, parente,
e deixaram 11 filhos
que citarei brevemente.

99

Manoel, Rita e Francisca,
Antônia, Maria e Rosa
Filomena e Raimundo
JOSÉ, amigo da prosa,
JOÃO e Francisco, o último,
Com estes componho a glosa.

100

Aqui findo a descrição
dos netos de Gabriel
faltam 4 filhos dele,
que citei neste papel,
estes morreram solteiros
perderam a lua de mel.

Era Uma Vez na Cruz.indd 186 6/1/2009 10:50:27

101

→ E Gabriel viuvando
contraiu outro emineu
com ÚRSULA, sua cunhada,
mas esta não concebeu
e a 18 de novembro
de 1907 o velho morreu.

102

Deixo aqui esta família
e com pensamento alerto
vou puxar outro ramal
botá-lo pra bem perto
pra depois de reuní-los
ver se a coisa dá mais certo.

103

● MANOEL o 7º filho
do Cap. Theotônio
casou-se com JOSEFINA
filha de Manoel Antônio
e deixaram 12 filhos
todos de um só matrimônio.

104

Manoel e Minervina
Teotônio e Maria
Auta, Filomena, Dário
AFRA que morreu titia
Antônio, Laura e Francisca
e Terto, um louco que havia.

105

✓ ANTÔNIO de 21
de outubro de 1880
casou-se em julho de 1912
com Angelina contra parenta
um número de 12 filhos
este casal apresenta.

106

Nasceu MARIA em 14
MANOEL em 16
NONATO no 21
GERALDA no 23
FRANCISCA no 25
em setembro o nono mês.

107

No ano de 28
nasceu Cosma e Damião
RITA é do 31
e ARMANDO seu irmão
foi nascido em 33
tenho esta certidão.

108

BENEDITO em 36
do dia 7 de setembro
JOSÉ é do 39
de 19 de dezembro
ALDO é do 42
de 3 de janeiro, me lembro.

109

No dia 10 de abril
de 59 enfim
faleceu o velho ANTÔNIO
fica escrito por mim
com 78 anos
quem sabe dirá que sim.

110

→ Antônio Farias em 1905
passou pela viuvez
e com MARIA Quintina
casou-se segunda vez
em 1907,
em julho a 7 do mês.

Era Uma Vez na Cruz.indd 187 6/1/2009 10:50:27

111

Sobrinha sua, e filha do
Gregório Teotônio
mas não deixou descendente
do segundo matrimônio
e em janeiro de 1918
Morreu meu avô Antônio.

112

✓ A 28 de janeiro
de 1908 casou-se SIXTO
com FILOMENA Apolônia
acreditem como visto
deixou vasta descendência
mas que só 7 registro.

113

FRANCISCO nasceu em 08
no dia 3 de dezembro
ANTÔNIO nasceu em 13
no dia 7 de setembro
data bem comemorada
cousa que muito me lembro.

114

O autor desse folheto
em 19 nasceu
a 28 de março
disse quem me conheceu
acredito que ela tenha
mais certeza do que eu.

115

Nasceu JORGE no 24
em abril, dia 23
MARIA é do 25
de maio do dia 6
NAZARÉ do 29
é de agosto a 3 do mês.

116

Nasceu MARIA Francisca
a 3 de dezembro de 30
fica escrito no meu livro
não vejo quem me desminta
eu não vou mentir à toa
pra gastar papel e tinta.

117

✓ A 10 de julho de 1905
casou-se o tio LEÃO
com Raimunda Evangelista
filha de Geralda e João
deixaram apenas 2 filhos
que direi com exatidão.

118

A 24 de março
de 7 nasceu JOÃO
e em 1911
o RAIMUNDO seu irmão
no dia 3 de setembro
pra que mais explicação?

119

✓ PEDRO casou-se a 5
de julho, do mesmo ano (1905)
com ANTÔNIA de Zé Patrício
posso afirmar sem engano
também deixaram 2 filhos
João Batista e Salviano.

120

Em 8 nasceu o JOCA
a 24 de junho
em fevereiro de 11
SALVIANO eu testemunho
a 25 do mês
fica escrito por meu punho.

Era Uma Vez na Cruz.indd 188 6/1/2009 10:50:27

121

✓ A 4 de fevereiro
casou-se Antônio com Maria
em 1 9 1 2
quem me disse bem sabia
deixou somente uma filha
que vou dar-lhe nome e dia.

122

Foi a 12 de novembro
de 13 que ÚRSULA nasceu
e casou-se em 36
com um contra parente seu
e o velho em 48
em fevereiro morreu.

123

✓ MARIA havia casado
com Pedro Francisco, em 1906
mas PEDRO em junho de 12
passou pela viuvez
e com ANA sua cunhada
casou-se a 2ª vez.

124

Do primeiro matrimônio
não ficaram descendentes
a 21 de novembro de 12
foi que casou novamente
do segundo matrimônio
deixou 2 filhos somente.

125

ANA nasceu em novembro
de 13, no dia 6
e JOSÉ JACINTO em julho
de 15, no dia 3.
Sua mãe morreu em outubro
a 24 do mês.

126

→ Então Pedro com Cristina
casou-se terceira vez
no dia 9 de maio
do ano de 1916.
Deixou ainda 6 filhos
que direi com rapidez.

127

Em abril de 17
nasceu o 1º, RAIMUNDO.
Fevereiro de 22
nasceu GERALDO o segundo;
no mesmo ano em dezembro
LUÍS também veio ao mundo.

128

MARIA é do 25
e em 28 nasceu
MANOEL e ELVIRA em 30
E a mãe destes faleceu
em 57 e Pedro
dois anos depois morreu.

129

Estes são os descendentes
de ANTÔNIO, meu avô,
Também vou tratar dos outros
Por parte do avô materno,
Como de começo venho
Citando no meu caderno.

130

➢ BERTOLDO casou em
1912
Com uma contra parenta
e deixaram 9 filhos
que vou botá-los na centa
Este morreu em 16
De janeiro de 1940.

Era Uma Vez na Cruz.indd 189 6/1/2009 10:50:27

131

TECLA nasceu em 13
a 24 de setembro.
Em 15 nasceu a RITA.
LIVINO no 17
morto já, como se dita.
RAIMUNDO é do 18
Ninguém me desacredita

132

GERALDO é do 21
ROSALINA é do 22
FILOMENA é do 26
MARIA dois anos depois
FRANCISCA do 29
nisto o verso se compôs.

133

➢ Casou GREGÓRIO em 1914
em julho a 1ª vez.
FEBRONHA o deixou viúvo
no ano 1946
pois faleceu em agosto
no dia 5 do mês.

134

Esta só deixou um filho
com o nome de ALBERTO
e que nasceu em 18
se não me engano estou certo
isto a 15 de dezembro
eu pra rimar não me aperto.

135

→ GREGÓRIO em 1951
pediu do casório o bis
casou-se a segunda vez
com ANASTÁCIA Muniz
ainda deixaram 2 filhos
que é FELISMINA e LUÍS

136

No ano 1956
o GREGÓRIO faleceu
a 26 de janeiro
ainda acrescento eu
que em agosto de 60
a ANASTÁCIA morreu.

137

➢ Porcina casou-se em 1912
com seu primo ZÉ Luís
a 4 de fevereiro
assim o romance diz
deixaram só 4 filhos
este casal que Deus quis.

138

Em março de 19
nasceu o Bento, o primeiro
ISABEL do 22
do dia 20 de janeiro
ZACARIAS em setembro
de 27, o terceiro.

139

No ano de 29
JOÃO o último nasceu
E no ano de 35
JOSÉ LUÍS faleceu
E com 6 dias depois
Porcina também morreu.

140

→ Ainda em 1878
casou-se novamente JOÃO
com a sobrinha GERALDA
Maria da Conceição
deixaram só 4 filhos
que vou dizê-los quais são.

Era Uma Vez na Cruz.indd 190 6/1/2009 10:50:27

141

No ano 79
nasceu MACÁRIO JOSÉ
no dia 1º de abril
só conto aquilo que é
e em 80 nasceu JÚLIA
que casou com João Tomé

142

No dia 2 de novembro
de 84 nasceu
JOSÉ LUÍS DE FARIAS
que tratei o nome seu
dando a familiação
e o ano que ele morreu.

143

em janeiro de 90
RAIMUNDA a última nasceu
em maio do mesmo ano
o pai destes faleceu
e em junho de 31
Foi que a mãe deles morreu.

144

✓ No ano de 1900
o MACÁRIO se casou
com RUFINA Magalhães
este casal só deixou
uma prole de 2 filhos
que citá-los inda vou.

145

A BENEDITA nasceu
a 8 de março do 3
o BENEDITO é de 5,
de outubro dia 6.
Então a morte dos velhos
eu citarei de outra vez.

146

➢ No ano de 1928
como diz meu relatório
a 20 de fevereiro
realizou-se o casório
de BENEDITO com ANA
filha do Pedro Gregório.

147

➢ A BENEDITA em 1918
casou-se e assinou contrato
a 24 de outubro
com o RAIMUNDO Nonato
e ambos do Capitão
eram bisnetos de fato.

148

Deixaram apenas 10 filhos
MARIA, a primeira nasceu
a 24 de outubro
de 20 acrescento eu
que a 28 de abril
de 38 morreu.

149

MANOEL é do 1º
do ano de 23.
Setembro de 27
RAIMUNDA a 4 do mês.
MACÁRIO é do 29
de setembro a 26.

150

RUFINA é de 17
de abril do 33
BENEDITO é de 13
de maio do 36
JOÃO é do 38
setembro a 20 do mês.

Era Uma Vez na Cruz.indd 191 6/1/2009 10:50:27

151

FRANCISCO do 40 a quatro
de setembro dou roteiro
JOSÉ a 5 de novembro
de 42, o primeiro.
E em 45 a 20 de julho
JOSÉ ARTEIRO.

152

No ano 1964
o pai destes faleceu
No dia 6 de outubro.
A sua sogra morreu
a 24 de fevereiro
do outro ano, afirmo eu.

153

No ano 1961
morreu Macário Farias
a 7 de fevereiro
não pense ser heresia
viveu 81 anos
e mais 10 meses e 6 dias.

154

✓ Tinha em setembro de 1909
casado JÚLIA com JOÃO
uma prole de 8 filhos
sua familiação
MARIA nasceu em 11
ninguém me dirá que não.

155

Em 13 nasceu a ANA
por apelido Gessé
FRANCISCA no 17
no 19 JOSÉ
GERALDA no 21
posso garantir até.

156

GONÇALO é do 25
CONCEIÇÃO do 23
e JOÃO AMARO pai destes
passou pela viuvez
isto em maio de 60
dia 22 do mês.

157

→ E a 18 de maio
do 17 ficou
viúvo o tio LEÃO
e em novembro se casou
novamente com FRANCISCA
que só um filho deixou.

158

Deixo aqui este capítulo
que venho reportando
volto atrás o pensamento
Sobre os mais novos tratando
Vou declarar meus irmãos
Com quem se casaram e
quando.

FIM

Era Uma Vez na Cruz.indd 192 6/1/2009 10:50:27